

João Marcos Weguelin

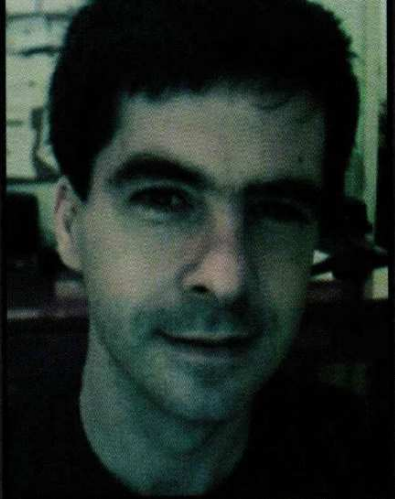
MEMÓRIA ESPÍRITA.

PAPÉIS VELHOS E HISTÓRIAS DE LUZ



Léon Denis
EDIÇÕES LÉON DENIS

CADERNO DE PESQUISAS ESPÍRITAS – VOLUME 4



João Marcos Weguelin, 41 anos, é jornalista profissional e estudante de Serviço Social.

Interessado sempre em resgatar a memória do Rio de Janeiro, o autor já disponibilizou na *internet* a pesquisa "O Rio de Janeiro através dos Jornais", tendo trabalhado ainda como pesquisador histórico e tradutor para o escritor Paul Hoffman, no livro *Asas da Loucura*, biografia de Alberto Santos Dumont.

Há quase dez anos no Espiritismo, publicou matérias no "Jornal Espírita" e na revista "Espiritismo & Ciência". Seu objetivo é descobrir fatos desconhecidos, curiosidades e textos preciosos em publicações de época e torná-los disponíveis ao grande público.



MEMÓRIA ESPÍRITA.

Papéis Velhos e Histórias de Luz



João Marcos Weguelin

MEMÓRIA ESPÍRITA.

Papéis Velhos e Histórias de Luz

“A História do Espiritismo
no Rio de Janeiro do Século XIX”

1ª Edição

Edições Léon Denis
Rio de Janeiro, 2005

CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

V715m

Vieira, João Marcos Weguelin, 1964-

Memória Espírita. Papéis Velhos e Histórias de Luz. “A História do Espiritismo no Rio de Janeiro do Século XIX” / João Marcos Weguelin Vieira. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005.

232p.; 22cm.

ISBN 85-7297-315-X

I. Espiritismo – Rio de Janeiro (Estado) – História – Século XIX.

I. Título.

05-1221.

CDD 133.9098153
CDU 133.9(815.3)

MEMÓRIA ESPÍRITA.
PAPÉIS VELHOS E HISTÓRIAS DE LUZ

1ª Edição: agosto de 2005;
1ª tiragem, do 1º ao 3º milheiro.

L2631104

Composição:
Luiz de Almeida Jr. e
Marcio de Almeida

Capa:
Rogério Mota

Diagramação e arte-final:
Claudio Andrade

Revisão tipográfica:
Joana Angélica Meireles, Carla Barbosa,
Claudia Rocha, Wagner Carvalho e
Teresa Cunha

Para pedidos de livros, dirija-se ao
Centro Espírita Léon Denis – Editora
Rua Abílio dos Santos, 137,
Bento Ribeiro, RJ-RJ, CEP 21331-290

Editora
Telefax (21) 2452-1846 r. 25 ou 36

Distribuidora
Tel.: (21) 2452-7801
2452-7700
2489-9847
Telefax (21) 3015-3314

Site: <http://www.celd.org.br>
E-mail: editora@celd.org.br

Edições Léon Denis
Propriedade do Centro Espírita Léon Denis

CNPJ 27.921.931/0001-89 - IE 82.209.980

Remessa via Correios e Transportadora.



Sumário

A Homeopatia e os Primeiros Fenômenos Espíritas	9
Benoit Jules Mure e João Vicente Martins	17
Propagando a Homeopatia e a Solidariedade	25
José Bonifácio, um dos Primeiros Experimentadores do Espiritismo no Brasil	31
Dados Cronológicos 1840 a 1870	39
Marquês de Maricá	41
<i>As Máximas do Marquês de Maricá</i>	47
Magnetismo e Mesas Girantes	57
Mello Moraes e as Primeiras Reuniões Espíritas no Rio de Janeiro	67
Comunicação do Além do Dr. Mello Moraes	73
Primeiros Livros Espíritas em Português	77
Dados Cronológicos — 1870 a 1880	87
O Primeiro Poema na Imprensa	91

Combatendo o Espiritismo (1874)	95
A Chegada dos Livros de Kardec e da <i>Revista Espírita</i> (1875)	97
Imprensa Combate Kardec (1875)	103
<i>Revista Espírita</i> – Número 1 (1875)	107
Primeiros Grupos Espíritas	109
Dados Cronológicos (1880 a 1890)	119
<i>Revista da Sociedade Acadêmica</i> <i>Deus, Cristo e Caridade</i>	129
Proibindo o Espiritismo	131
A Imprensa e a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (1881)	133
<i>O Espiritismo</i> – Número 1	137
<i>Renovador</i> – Número 1	141
Lançamento do Reformador	143
<i>Reformador</i> – Número 1	147
Prognóstico sobre o Pai da Aviação	149
Federação Espírita Brasileira (1884)	151
Contra a Escravidão	155
Hino da Federação Espírita Brasileira	159
Libertando uma Escrava	163
Adesão de Bezerra de Menezes	165
União Espírita do Brasil	169
Primeira Matéria de <i>Max</i>	171

Originais de Anália Franco Perdidos no Tempo	175
Mensagem de Allan Kardec ao Brasil (1889)	179
Dados Cronológicos – 1890 a 1900	191
<i>A Nova Era</i> – Número 1	193
Assistência aos Necessitados	195
<i>O Regenerador</i> – Número 1	199
Espiritismo Vira Contravenção (1890)	201
Decreto que Proíbe o Espiritismo (1890)	203
Defendendo o Espiritismo (1892)	205
Representação no Congresso Nacional (1893)	207
Uma Crônica de Machado de Assis (1894)	209
Religião Espírita	215
Desencarnação de Bezerra de Menezes	217
Biblioteca Espírita em 1900	223
Grupos Espíritas na Cidade do Rio de Janeiro em 1900	225
Jornais e Revistas Espíritas no Rio de Janeiro do Século XIX	227
Referências Bibliográficas	229

A Homeopatia e os Primeiros Fenômenos Espíritas



Samuel Hahnemann
(1755-1843)
Pai da Homeopatia



Allan Kardec
(1804-1869)
Codificador do Espiritismo

A História do Espiritismo no Brasil se inicia bem antes das primeiras reuniões espíritas, ocorridas no Rio de Janeiro, por volta de 1853. Estas reuniões eram realizadas na farmácia do homeopata e historiador Dr. Mello Moraes, na Rua Teófilo Otoni, com a presença de importantes e destacadas figuras do Rio de Janeiro imperial, como o Marquês de Olinda, o Visconde de Uberaba, entre outras figuras ilustres.

A informação de que o Espiritismo teria chegado ao Brasil antes de 1853 está no livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, do Espírito Humberto de Campos, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier em 1938.

No capítulo 22 dessa obra, está escrito:

“As primeiras experiências espiritistas, na Pátria do Evangelho, começaram pelo problema das curas. Em 1818, já o Brasil possuía um grande círculo homeopático, sob a direção do mundo invisível. O próprio José Bonifácio se correspondia com Frederico Hahnemann. [...]”

No capítulo 23, o livro mostra que a Homeopatia foi responsável pela introdução dos fenômenos espíritas no Brasil:

“O grande movimento preparatório do Espiritismo em todo o mundo tinha, no Brasil, a sua repercussão, como era natural.

Por volta de 1840, ao influxo das falanges de Ismael, chegavam dois médicos humanitários ao Brasil. Eram Bento Mure e Vicente Martins, que fariam da Medicina Homeopática verdadeiro apostolado. Muito antes da Codificação kardeciana, conheciam ambos os transes mediúnicos e o elevado alcance da aplicação do magnetismo espiritual. Introduziram vários serviços de beneficência no Brasil e traziam por lema, dentro da sua maravilhosa intuição, a mesma inscrição divina da bandeira de Ismael — “Deus, Cristo e Caridade”. Indescrevível foi o devotamento de ambos à coletividade brasileira, à qual se haviam incorporado, sob os altos desígnios do mundo espiritual.

Nas suas luminosas pegadas, seguiram, mais tarde, outros pioneiros da Homeopatia e do Espiritismo, na Pátria do Evangelho. Foram eles, os médicos homeopatas, que iniciaram aqui os passes magnéticos, como imediato auxílio das curas. Hahnemann conhecia a fonte infinita de recursos do magnetismo espiritual e recomendava esses processos psicoterápicos aos seus seguidores.[...]”

SEMELHANÇAS ENTRE ESPIRITISMO E HOMEOPATIA

É fácil perceber a proximidade que existe entre o Espiritismo e a Homeopatia quando se faz a leitura de alguns livros de Homeopatia.

No livro *Homeopatia — Doutrina e Prática*, o autor Edson V. Credidio fala do vitalismo, que é um dos princípios da Homeopatia. Diz ele:

“Hahnemann era vitalista, ou seja, acreditava que o indivíduo é controlado por uma forma de energia imaterial que interliga todas as partes do organismo vivente, levando a uma harmonia em suas atividades funcionais e racionais. O espírito dotado de raciocínio que habita este organismo pode, assim, livremente, servir-se deste instrumento vivo e sadio.

No *Organon da Arte de Curar*, Hahnemann emprega expressões como “força vital”, “princípio vital”, “energia vital”, no mínimo sessenta vezes.”

É muito interessante a parte em que Credidio fala sobre o tratamento na Homeopatia:

“A Homeopatia dá valor às características inerentes ao paciente, levando a uma individualização para cada caso e se transformando na medicina da pessoa. Esta individualização global do indivíduo leva a uma identificação medicamentosa com o intuito de tratar o enfermo e não a enfermidade. O médico exerce sobre o doente uma ação profunda e indutiva que tem uma relação com sua própria estrutura de personalidade.

Do outro lado, o doente restabelece sua vontade inconsciente de cura e ajuda o médico na sua orientação de levar o paciente a uma autolibertação para a cura.”

Outro livro que vale a pena mencionar é *Conhecer a Homeopatia — A Medicina da Nova Era*, em que o autor, o Dr. Nelson Brunton, fala por diversas vezes da força vital:

“Remédios homeopáticos funcionam para restabelecer o fluxo da “força vital” do organismo, a fim de que este recupere seu equilíbrio natural, eliminando assim os sintomas e evitando-os no futuro.”

Em outro trecho do livro o autor acrescenta:

“De acordo com a Homeopatia, a “energia vital” é a energia espiritual invisível, ou “princípio vital”, que ativa o corpo e promove a cura. Esta energia, permeia tudo o que há na Natureza, e sem ela nada pode existir.

Quando a energia vital é alterada, ocorre uma desarmonia, e isto produz sintomas que impedem o funcionamento normal do corpo. A doença não é uma entidade em si mesma: é a maneira que o corpo encontra para nos informar que algo está errado.”

Finalmente, citaremos um terceiro livro, o *Manual de Homeopatia e Medicina Natural*, do Dr. Chandra H. Sharma, em que o autor apresenta outros conceitos interessantes sobre a Homeopatia:

“[...] a eficácia ou potência de um remédio não depende de sua quantidade mas de sua semelhança com a causa do distúrbio. O que prejudica quando tomado em quantidade, cura quando administrado em doses infinitesimais.”

Mais adiante o autor afirma:

“É vital que o médico homeopata possua vasto conhecimento sobre o funcionamento do corpo. Ele deve examinar o paciente em todos os níveis: não só os mecanismos físicos, incluindo os

processos químicos do organismo, mas também as características mentais e emocionais, os fatores hereditários — cultura, meio ambiente, família, genes, cromossomos, memórias —, além da psique e do espírito.”

PSICOGRAFIAS DO “PAI DA HOMEOPATIA”

Semelhanças assim levaram o escritor espírita Hermínio C. Miranda a publicar uma série de artigos do *Reformador*, que posteriormente foram incluídos num livreto chamado: *Hahnemann, O Apóstolo da Medicina Espiritual*, publicado pela Editora do Centro Espírita Léon Denis. O autor mostra que Allan Kardec utilizou algumas mensagens psicografadas por Hahnemann, o “Pai da Homeopatia”. Uma delas foi publicada, no capítulo 9, item 10 de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, e diz o seguinte:

“O corpo não dá impulsos de cólera a quem não a possui, assim como não dá outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao espírito, sem isso onde estariam o mérito e a responsabilidade?”

Referindo-se à outra mensagem de Hahnemann, recebida na Sociedade Espírita de Paris, em 13 de março de 1863, pela médium Sra. Costel, e publicada na *Revista Espírita* em agosto de 1863, Hermínio C. Miranda emite o seguinte comentário:

“Hahnemann proclama, nessa mensagem, a necessidade de absoluta pureza doutrinária na prática da medicina criada por ele e prevê que o Espiritismo seria poderoso aliado da Homeopatia.”

A VISÃO DOS AUTORES ESPÍRITAS

Na literatura espírita há inúmeros livros que falam sobre Hahnemann e sobre a Homeopatia. O próprio Hermínio C. Miranda fala da Homeopatia em outro de seus livros, *Alquimia da Mente*, enquanto Cesare Lombroso aborda o assunto em dois de seus livros, *Hipnotismo e Espiritismo* e *Hipnotismo e Mediunidade*. Também Michaelus aborda o assunto em *Magnetismo Espiritual* e os autores Zêus Wantuil e Francisco Thiesen escrevem sobre o tema em *Allan Kardec*, volumes 2 e 3, além de muitos outros autores, dentre os mais respeitados na literatura espírita.

No livro *Allan Kardec* (Pesquisa Biobibliográfica e Ensaio de Interpretação), volume 2, capítulo 9, dos autores Zêus Wantuil e Francisco Thiesen encontramos a opinião do Codificador a respeito da Homeopatia:

“Allan Kardec refere-se ao papel importante da Homeopatia, relacionando sua ação sobre o perispírito, fonte primária de certas afecções que atingem o organismo carnal. Daí a razão, diz ele, por que a Homeopatia triunfa numa porção de casos em que falha a medicina galênica.[...]”

No volume 3, *op. cit.*, capítulo 6, os autores falam do pioneirismo da Homeopatia no Brasil:

“Queremos, para voltar, em seguimento, aos registros que interrompemos, lembrar que nos esforços pioneiros desenvolvidos no Brasil, desde os tempos do Codificador, devem ser assinalados com relevo os dos médicos homeopatas, sob a inspiração de Hahnemann que, por sinal, participou da Equipe Espiritual, junto a Kardec, em nome dos espíritos reveladores [...]”

E para fechar esta questão, incluímos um comentário do homeopata e espírita Lauro S. Thiago, que, com a experiência de 30 anos como médico homeopata, escreveu o livro *Homeopatia e Espiritismo*.

Por coincidência ele se refere ao mesmo texto que foi utilizado no início desta matéria e que foi retirado do livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, do Espírito Humberto de Campos, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier. Eis o seu depoimento sobre esse texto:

“Nós que conhecemos a história da Homeopatia em nossa Pátria e fora dela, bem como todos os parágrafos do *Organon da Arte de Curar*, inclusive aqueles em que Hahnemann preconiza a utilização do magnetismo como recurso terapêutico, podemos testemunhar sobre a verdade integral do que acima fica transcrito, da lavra do Espírito Humberto de Campos, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier.”

Não resta dúvida, portanto, de que o fenômeno espírita em nosso país começou com a Homeopatia e não com as primeiras reuniões espíritas, que ocorreram no Rio de Janeiro, por volta de 1853.



Benoit Jules Mure e João Vicente Martins



Benoit Jules Mure
(1809-1858)



João Vicente Martins
(1808-1854)

O Espiritismo, no Brasil, surgiu a partir da Homeopatia, bem antes, portanto, das primeiras reuniões espíritas, que foram realizadas no Rio de Janeiro, por volta de 1853.

Os médicos homeopatas já conheciam os tranfes mediúnicos, a aplicação do magnetismo espiritual e introduziram vários serviços de beneficência em nosso país, mostrando, claramente, que havia muitas semelhanças entre as doutrinas de Hahnemann e de Kardec.

Torna-se importante, portanto, resgatar a memória dos doutores Benoit Jules Mure e de João Vicente Martins que, a partir de 1840, implantaram, no Rio de Janeiro, a nova medicina de Samuel Hahnemann, sofrendo as mais duras críticas e adversidades e realizando um trabalho verdadeiramente missionário.

O resgate torna-se necessário uma vez que tanto o francês Benoit Jules Mure (que aqui no Brasil ficou conhecido como Bento Mure) quanto o português João Vicente Martins permanecem desconhecidos no meio espírita. Mal que nunca é tarde para remediar, já que existe boa quantidade de informações sobre eles na história da Homeopatia no Brasil.

A Homeopatia no Brasil deve muito a Benoit Jules Mure e a João Vicente Martins. Não que eles a tenham trazido, a Homeopatia para o Brasil — isso não fizeram, porque há registros sobre a Homeopatia, no Brasil, anteriores à chegada deles. Mas eles foram, sem dúvida alguma, os maiores divulgadores da nova medicina em nosso país.

Primeiros Registros Remontam aos Tempos de José Bonifácio

Sabe-se que no ano de 1810, José Bonifácio de Andrada e Silva (o Patriarca da Independência) se comunicava, através de cartas, com Samuel Hahnemann, que naquele mesmo ano havia publicado a sua obra principal *Organon da Medicina Racional* (que a partir da 2ª edição passou a se chamar apenas *Organon da Medicina*). Como grande naturalista que era e também por desenvolver mineralogia, José Bonifácio contatou Hahnemann, o maior químico da época e detentor de grandes conhecimentos naquela área. Foi através da correspondência entre ambos que Hahnemann apresentou a Homeopatia ao nosso Patriarca, na esperança de que a Homeopatia pudesse se expandir não só no Brasil, mas em todo o mundo.

Outras informações sobre a Homeopatia no Brasil dão conta de que em 1811 o Professor-doutor Antônio Ferreira França, que ministrava aulas na Faculdade de Medicina e Cirurgia da Bahia, “tecia, por essa época, considerações descabidas e maliciosas sobre esta nova terapêutica, desestimulando os novos alunos a terem contato com o conhecimento homeopático”, conforme informa *A História da Homeopatia no Brasil*, da Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB). Ainda de acordo com a AMHB, os primeiros fatos oficiais em relação à Homeopatia surgiram por volta de 1836: “Neste ano, a Academia Imperial publicou artigos que tratavam sobre a doutrina homeopática falseando e deturpando as colocações feitas por Samuel Hahnemann, no *Organon da Arte de Curar*, editado em 1826. Frederico Emílio Jahr, cidadão suíço imigrado, neste mesmo ano, defendeu tese em Medicina, no Rio de Janeiro, sobre a proposta Terapêutica de Hahnemann. Esta tese, feita por um médico que não exerceu a Homeopatia, serviu, posteriormente, de base para o aprendizado do primeiro médico homeopata no Brasil, que foi o Dr. Duque Estrada (Domingos de Azevedo Coutinho Duque Estrada)”.

BENOIT JULES MURE

A história desses dois grandes divulgadores da Homeopatia no Brasil começou em 1840 quando o Dr. Mure chegou ao país (Martins chegou ao Rio de Janeiro em 1837).

Benoit Jules Mure tinha vindo ao Brasil por razões que nada tinham a ver com a Homeopatia. Mure era um comerciante de sedas em Lyon, na França, onde nasceu em 4 de maio de 1809. Em certa ocasião, tendo adquirido uma tuberculose, foi curado através da Homeopatia, sob a assistência do Conde de Guidi. Resolveu abraçar a Homeopatia e divulgá-la pelo mundo. Formou-se em Medicina na Faculdade de Montpellier e adquiriu vasto currículo

na divulgação da nova doutrina: introduziu a Homeopatia na Sicília, por volta de 1835, fundou um dispensário homeopático em Palermo e outro na Rua La Harpe, em Paris, e divulgou a Homeopatia em Malta.

Defensor de idéias socialistas e reformadoras, havia abraçado a doutrina social de Charles Fourier em 1839, quando vivia na Sicília. Decidiu vir implantar o fourierismo⁽¹⁾ no Brasil, chegando no Rio de Janeiro em 21 de novembro de 1840, a bordo da barca francesa Eole, como representante da Union Industrielle de Paris e trazendo consigo mais de cem famílias francesas.

Já em dezembro de 1840, o Dr. Mure defendia no *Jornal do Commercio* as suas idéias, buscando o apoio dos políticos e das elites brasileiras e acenando com a possibilidade de trazer, para o Brasil, um grande número de operários e especialistas, que iniciariam aqui a manufatura de máquinas a vapor, uma novidade tecnológica para o nosso país, que era eminentemente agrário. Outras fontes afirmam, no entanto, que o primeiro artigo do Dr. Mure só teria sido publicado no *Jornal do Commercio* de 19 de dezembro de 1841.

No curto espaço de tempo que permaneceu na então Capital Federal — aproximadamente nove meses — estabeleceu-se na Lapa, onde clinicava e difundia a Homeopatia, através das suas curas “miraculosas”. Foi nessa época que ele converteu para a Homeopatia o célebre cirurgião brasileiro, Dr. A. J. Souto Amaral.

Conseguindo o apoio de Dom Pedro II — com quem se encontrara um mês depois de chegar ao Rio de Janeiro — o Dr. Mure foi para o Vale do Itajaí, em Santa Catarina, onde chegou no dia 21 de novembro de 1841, com o objetivo de fundar um falanstério:

(1) **Fourierismo**: sistema utópico de organização social de François-Marie Charles Fourier (1772-1837), filósofo e sociólogo francês. (Nota da Editora conforme o *Novo Aurélio — O Dicionário da Língua Portuguesa*; suas notas seqüentes conterão apenas as iniciais N.E.)

a Colônia do Saí em São Francisco. A data de 21 de novembro foi escolhida para a comemoração da Homeopatia no Brasil.

Os falanstérios eram as comunidades idealizadas por Fourier, onde viveriam em conjunto cerca de 1.500 famílias, que dividiriam serviços comuns, possuindo, no entanto, seus próprios espaços individuais. O Dr. Mure teria dito, após abandonar a Colônia do Saí — que acabou sendo uma experiência fracassada, que não vingou — que ele teria trazido 500 operários para o Brasil. Mas isso faz parte da *História do Socialismo* no Brasil, razão pela qual não nos cabe alongar aqui. O fato é que, abandonando a experiência fracassada, retornou ao Rio de Janeiro, onde viveu de 1843 a 1848. Antes disso, porém, “converteu” o Dr. Thomaz da Silveira, médico militar. Também fundou naquela Colônia, em novembro de 1842, uma Escola Suplementar de Medicina — com o objetivo de preparar médicos, já diplomados na arte homeopática — além do Instituto Homeopático do Saí.

Quando retornou ao Rio de Janeiro, em 16 de agosto de 1843 e, um mês depois, apresentou à Faculdade de Medicina uma tese escrita em latim, com seis páginas, sendo aprovado com louvor. O assunto não poderia ser outro: a Homeopatia. Com a aprovação, ele se habilitou para o exercício da Medicina no Brasil.

O *Guia da Medicina Homeopática*, de Nilo Cairo, conta como foram as primeiras conversões realizadas pelo Dr. Bento Mure:

“O primeiro convertido à nova doutrina foi o Dr. J. Souto do Amaral; o segundo foi o Dr. Thomaz da Silveira, de Santa Catarina; o terceiro foi o Dr. Vicente Lisboa; sendo o primeiro e o terceiro do Rio de Janeiro. Logo após, ainda em 1841, veio o Dr. José da Gama e Castro, que durante muito tempo sustentou ardente polêmica pela imprensa, com os seus colegas alopatas.”

No livro *O Tempo e a Ordem: sobre a Homeopatia*, Ricardo Lafeté Moraes, também fala sobre as primeiras conquistas desse

grande divulgador da Homeopatia em nosso país. O autor afirma que, já em janeiro de 1841, o Dr. Mure converteu o Dr. Thomaz da Silveira. Em março daquele ano retornou ao Rio de Janeiro; em maio, catequisou o Dr. Vicente José Lisboa; e em setembro de 1841 catequisou o Dr. José da Gama e Castro, redator do *Jornal do Commercio*.

JOÃO VICENTE MARTINS

Outro grande divulgador da Homeopatia no Brasil foi o português João Vicente Martins, nascido em Lisboa em 16 de setembro de 1810, conforme informa o *Dicionário Bibliográfico Português*, de Inocêncio Francisco da Silva (outras fontes, contudo, afirmam que ele teria nascido em 1808). Em 1836, ele concluiu os estudos da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e no ano seguinte saiu de Portugal para morar no Rio de Janeiro.

Na Capital do Império foi nomeado Cirurgião do Hospital dos Lázaros, trabalho que executou de 12 de março de 1838 a 12 de março de 1840, pedindo nesta data a sua exoneração. Mais tarde João Vicente Martins acabou se naturalizando cidadão brasileiro, vindo a desencarnar, posteriormente, em nosso país.

João Vicente Martins tomou contato com a Homeopatia muito por acaso, conforme conta *A História da Homeopatia no Brasil*, da Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB):

“De volta ao Rio de Janeiro, teve, o homeopata francês, a felicidade do encontro com João Vicente Martins, diplomado em Lisboa, e que tomara contato com a Homeopatia, pela primeira vez, a bordo do navio corveta, quando de seu naufrágio na costa do Peru: o Dr. Thomaz, médico do navio, entregou a João Vicente Martins, uma botica homeopática. Naquela ocasião, porém, João Vicente, que veio a ser o propagandista maior da Homeopatia,

durante a sua introdução no Brasil, não se interessou, profundamente, pela nova ciência, o que veio a ocorrer, mais tarde, por influência de Benoit Mure.”

Um dos trabalhos mais importantes do Dr. João Vicente Martins foi ter traduzido para o português a 5ª edição do *Organon*, em 1846, e propagado a Homeopatia no Norte e Nordeste do Brasil.



Propagando a Homeopatia e a Solidariedade

VISÃO ESPÍRITA

Um dos autores espíritas que melhor aborda esse trabalho maravilhoso dos Drs. Benoit Jules Mure e João Vicente Martins é, sem dúvida alguma, o Dr. Silvino Canuto Abreu, no seu livro *Bezerra de Menezes* (subsídios para a *História do Espiritismo no Brasil* até o ano de 1895).

Canuto Abreu diz que esses “dois homens extraordinários não devem ser esquecidos pelos espíritas”. Em seguida, escreve que ambos eram neo-espiritualistas e explica o porquê:

“Bento Mure e Martins eram profundamente neo-espiritualistas. Ambos possuíam o dom da mediunidade. Mure, clarividente; Martins, psicógrafo. Reinava o empirismo nos trabalhos de inspiração. Mas quem ler Mure verificará que, antes de chegar a nós a doutrina dos espíritos, ele se dava a transes mediúnicos.”

Mais adiante, Canuto Abreu reafirma o seu conceito:

“Ora, Bento Mure e Martins falavam ainda em Deus, Cristo e Caridade quando curavam e quando propagavam. Aplicavam aos doentes os passes como um ato religioso. Não o faziam por charlatanismo. Hahnemann recomendava esse processo auxiliar da Homeopatia. Foram os homeopatas que lançaram os passes, não os espíritas. Estes continuaram a tradição.”

AS PRIMEIRAS CONQUISTAS DA HOMEOPATIA NO BRASIL

Recorremos novamente ao *Guia da Medicina Homeopática*, do Dr. Nilo Cairo, que informa sobre a situação da Homeopatia em 1843:

“Em 1843, converteu-se à Homeopatia um dos maiores campeões que ela tem tido no Brasil: o Dr. João Vicente Martins. Ao lado de Mure, sustentou ardente luta contra a perseguição da medicina oficial. [...]

Eram então numerosos os médicos que praticavam a Homeopatia na capital do Brasil; além dos nomes acima citados (Dr. J. Souto do Amaral, o Dr. Thomaz da Silveira e o Dr. Vicente Lisboa), pode-se ainda apontar os Drs. Francisco Alves de Moura Duque Estrada, Azevedo Coutinho, Rabelo, Pereira Rego, Noronha, Feital, Bento Martins, Cockrane, Ildefonso Gomes, Maximiliano de Lemos, Costa, Ackermann, Guedes, Monteiro, Chidloé e muitos outros, distinguindo-se o Dr. Soares Meireles, avô do atual diretor do Hospital Hahnemanniano.”

O INSTITUTO HOMEOPÁTICO BRASILEIRO

A maior conquista da Homeopatia no Brasil nesse período, no entanto, foi a fundação do Instituto Homeopático Brasileiro, ocorrido no dia 10 de dezembro de 1843. O Instituto foi fundado pelo Dr. Bento Mure, junto com o Dr. João Vicente Martins. Nesse

mesmo dia foi fundado no local, Rua São José 59, o primeiro consultório homeopático do Rio de Janeiro.

De acordo com *A História da Homeopatia no Brasil*, elaborado pela Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB), o Instituto “foi instalado em sua residência, onde existiam consultórios médicos destinados à propagação da nova ciência através dos medicamentos homeopáticos. Este Instituto foi aberto em 10 de março de 1844. Além destes postos de atendimento, Bento Mure e João Vicente Martins criaram mais 26 locais de assistência ambulatorial”.

CURIOSIDADES DA ÉPOCA

Nessa época, já era possível encontrar no *Jornal do Commercio* anúncios de médicos homeopatas que ofereciam os seus serviços:

“Boticas Homeopáticas de glóbulos e tinturas de diferentes tamanhos, com seus competentes livros em francês e inglês. Também há em português o *Guia Familiar*, que se vende por 1\$rs; na Rua do Hospício nº 40, depósito das pílulas vegetais e universais americanas.” (*Jornal do Commercio*, 16 de dezembro de 1843.)

O curioso é que já havia anúncios dessas tais *pílulas vegetais e universais americanas* no *Jornal do Commercio* em 20 de novembro de 1840, vendidas no mesmo local; o anúncio dizia que elas já eram comercializadas por aqui há quatro anos.

Eis outro anúncio interessante:

“No Consultório Público e Gratuito, Rua do Cotovelo nº 31, todos os dias úteis, do meio dia às duas horas, dão-se consultas e remédios aos pobres.” (*Jornal do Commercio*, 19 de dezembro de 1843.)

Há um livreto antigo na Biblioteca Nacional do local em que os doutores Bento Mure e João Vicente Martins trabalhavam.

Na capa do livreto, datado de 1855, está escrito o seguinte:

“Antigo Gabinete de Consultas dos Drs. Mure e Martins”.

O local funcionava com consultas das 8h às 14h, na Rua São José nº 59 e tinha o seguinte nome: “Botica Central Homeopática”.

DESPEDIDA DO DR. MURE

Depois da criação do Instituto Homeopático Brasileiro, a 12 de dezembro de 1843, o próximo passo foi a criação da Escola Homeopática do Brasil, fundada e inaugurada em 12 de janeiro de 1845.

Apesar de ser a primeira de formação homeopática, a Escola Homeopática do Brasil funcionava com a autorização do governo imperial. Mesmo assim, os diplomados não obtinham a permissão para o exercício da clínica. Não obstante, os primeiros diplomas desta Escola foram conferidos a 2 de julho de 1847, ocasião em que se celebrou a oitava grande reunião do Instituto Homeopático do Brasil, conforme anúncio publicado no *Jornal do Commercio* da véspera:

“Instituto Homeopático do Brasil — sexta-feira, 2 de julho, às 4 horas da tarde, na Rua de S. José nº 59, celebrar-se-á a oitava grande reunião do Instituto Homeopático do Brasil, na conformidade dos Estatutos. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1847 — J. V. Martins, 1º secretário perpétuo.”

A Escola Homeopática funcionava na Rua São José nº 59 e, durante o período de seu funcionamento, diplomou 48 professores de Homeopatia. Naquele ano também foi fundado o Instituto Panecástico do Brasil, conforme havia sido proposto

pelo Dr. Mure. Mas a Escola Homeopática do Brasil não deu muito certo e o Dr. Mure resolveu ir embora do país. Sua demissão da direção da Escola Homeopática foi solicitada em março de 1848.

O *Guia da Medicina Homeopática*, do Dr. Nilo Cairo, informa sobre as razões da partida de Bento Mure de nosso país:

“A existência da primeira escola de Medicina Homeopática do Brasil, foi, porém, efêmera; não foi senão um longo combate, como diz o próprio Mure: de um lado as perseguições dos alopatas, de outro lado, as dissensões, intrigas e rivalidades no seio da própria escola, deram em terra com esta primeira tentativa de ensino da Homeopatia, no Brasil, e nesse mesmo ano fechou ela as portas. No ano seguinte, desgostoso com esses insucessos, retirava-se Mure para a Europa, para não mais voltar ao Brasil.”

Já a *História da Homeopatia no Brasil*, da Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB), apresenta outra razão para a saída de Mure do Brasil. A AMHB afirma que o Dr. Mure “partiu, doente e aniquilado, de volta à França, após ter sido acusado de ter envenenado uma menina doente com duas doses de *Ignatia amara* 5CH e uma dose de *Argentum nitricum* 5CH”.

O Dr. Mure permaneceu no Brasil por um total de oito anos. Deve-se a ele também a fundação do primeiro Instituto Hahnemanniano do Brasil, que durou pouco tempo. Posteriormente Benoit Jules Mure iria falecer no Cairo, em 4 de março de 1858, quando propagava a Homeopatia no Egito.

A LUTA CONTINUA

Em 1847, o Dr. João Vicente Martins foi à Bahia e depois para Pernambuco onde, fazendo jornada por terra, propagava a nova doutrina e estabelecia consultórios gratuitos para os pobres.

Em Pernambuco, fundou o jornal *O Médico do Povo* e foi um dos fundadores do gabinete de leitura. De volta ao Rio de Janeiro, lutou incansavelmente durante a invasão da febre amarela de 1850, e a ele também é creditada a fundação do Colégio São Vicente de Paulo, dirigido por irmãs de caridade. Posteriormente, teve de sair do Brasil, por causa de perseguições, tendo retornado a Portugal. Em seguida foi para a França e Inglaterra e depois voltou ao Rio de Janeiro, onde faleceu aos 43 anos, em 8 de julho de 1854, de doença de causa misteriosa. O Dr. João Vicente Martins deixou mais de vinte trabalhos publicados.

Foi ele, por coincidência, que converteu o Dr. Mello Moraes à Homeopatia — o mesmo que, por volta de 1853, realizaria as primeiras reuniões espíritas no Rio de Janeiro.

Seu obituário, de autoria de Augusto Emílio Zaluar, foi escrito no *Correio Mercantil* de 13 de julho de 1854, e não deixa dúvidas do espírito fraterno que ele era:

“Em mais de um colégio desta corte educava por sua conta meninos pobres, pagou a viagem a muitos que de Portugal almejavam vir ao Brasil procurar os meios de subsistência que na sua pátria lhes escasseavam; não negou nunca o seu auxílio aos desvalidos que o procuravam, por isso velhos e moços acompanharam com soluços e prantos os seus últimos despojos à morada dos mortos... A maior justificação das suas virtudes é que morreu pobre, podendo legar à sua família avultada fortuna.”

O trabalho realizado pelos Drs. Benoit Jules Mure e João Vicente Martins em benefício dos pobres, oferecendo tratamento gratuito àqueles que não tinham como pagar, é uma das mais belas páginas de solidariedade em nosso país. Dois homens que largaram sua pátria para morar em outro país e que doaram aos mais humildes de nossos irmãos um amor que poucos de nós sabemos ofertar ao próximo. Sigamos seus exemplos, hoje e sempre!

José Bonifácio, um dos Primeiros Experimentadores do Espiritismo no Brasil



Que desordem mental não é crer que o Deus de bondade folga que o homem se atormente para comprazê-lo, que prefira os claustros aos deveres e consolações de serem pais e mães, a destruírem assim a obra da criação.

(*Projetos para o Brasil — José Bonifácio de Andrada e Silva — Organização Miriam Dolhnikoff.*)

Os livros espíritas geralmente apontam José Bonifácio de Andrada e Silva, o “Patriarca da Independência”, como um dos primeiros experimentadores do Espiritismo no Brasil.

José Bonifácio foi, sem dúvida alguma, uma das figuras mais fantásticas da nossa História. Seja no papel fundamental que desempenhou na História do Brasil, seja como cientista pioneiro em diversas áreas, sendo seu trabalho reconhecido inclusive no exterior.

Recorramos ao livro *José Bonifácio Cientista*, publicado pelo Espaço BNDES, na ocasião da Exposição Comemorativa do Sesquicentenário do Patriarca da Independência, de onde retiramos alguns trechos:

“Pioneiro nos estudos de Mineralogia e um dos primeiros a pesquisar e estudar a Metalurgia e Siderurgia no país, José Bonifácio incursionou pelos campos da Física, Química e Matemática.”

“Por seus trabalhos científicos nos campos da Geologia e Mineralogia, na qual descreve, pela primeira vez, doze minerais e variedades, é o Patrono da Geologia no Brasil.”

A obra citada anteriormente afirma ainda que, em seu livro *Memória sobre a Pesca das Baleias*, José Bonifácio foi um dos primeiros a se preocupar com a Ecologia. Sua preocupação com a Ecologia está também evidente em *Memórias sobre a Necessidade do Plantio de Novos Bosques em Portugal*, publicado em Lisboa, em 1815.

Em outro de seus livros, *Apontamentos para a Civilização dos Índios Bravos do Império do Brasil*, publicado no Rio de Janeiro, em 1 de junho de 1823, José Bonifácio apresenta um projeto de catequese para os índios brasileiros, com ideais de justiça, brandura, paz, entre outros objetivos louváveis. É justamente em

livros como esses que percebemos a figura extraordinária de José Bonifácio.

No campo político, por outro lado, José Bonifácio foi uma das figuras mais importantes do círculo intelectual brasileiro, tendo participado ativamente no movimento para a Independência, como conselheiro de Dom Pedro I.

José Bonifácio foi também o primeiro brasileiro, que se tem registro, a estudar a Homeopatia. Através da sua correspondência com Samuel Hahnemann, já em 1810, (ano em que Hahnemann publicou sua obra principal, o *Organon da Medicina Racional*), o Patriarca da Independência tomou conhecimento da nova doutrina assim que ela surgiu.

Mas pela ótica do Espiritismo, talvez o que José Bonifácio realizou de mais alto valor foi a sua *Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a Escravidão*. Trata-se, sem dúvida alguma, de um dos mais belos documentos da História do Brasil. Um trabalho de rara beleza, emocionante, humanitário, um documento do qual só temos de nos orgulhar.

É de suma importância deixar aqui registrado esse trabalho, baseado nos fundamentos cristãos e espíritas, com muitos dos ensinamentos inseridos nos Evangelhos de Jesus Cristo e de Allan Kardec.

A seguir, selecionamos alguns trechos dessa preciosa obra que ora transcrevemos *ipsis litteris = ver* (os títulos foram incluídos pelo autor):

FILANTROPIA

“Eu também sou cristão e filantropo; e Deus me anima para ousar levantar a minha fraca voz no meio desta Augusta Assembléia a favor da causa da justiça, e inda da sã política, causa mais nobre e santa, que pode animar corações genéricos e humanos.”

EXPIAÇÃO DE CRIMES

“Mas como poderá haver uma Constituição liberal e duradoura em um país continuamente habitado por uma multidão imensa de escravos brutais e inimigos? Começemos pois, desde já, esta grande obra de expiação de nossos crimes e pecados velhos.”

NÃO FAÇAMOS AO OUTRO O QUE NÃO QUEREMOS QUE ELE NOS FAÇA

“Sim, não se trata somente de sermos justos, devemos também ser penitentes; devemos mostrar à face de Deus e dos outros homens, que nos arrependemos de tudo o que nesta parte temos obrado há séculos contra a justiça e contra a religião, que nos bradam acordes, *que não façamos aos outros o que queremos que não nos façam a nós.*”

FIM À ESCRAVIDÃO

“É preciso pois que cessem de uma vez os roubos, incêndios e guerras que fomentamos entre os selvagens d’África. É preciso que não venham mais a nossos portos milhares e milhares de negros, que morriam abafados no porão de nossos navios, mais apinhados que fardos de fazenda; é preciso que cessem de uma vez por todas essas mortes e martírios sem conta, com que flagelávamos e flagelamos ainda esses desgraçados em nosso próprio território.”

NAÇÃO HOMOGÊNEA

“É tempo pois, e mais que tempo, que acabemos com um tráfico tão bárbaro e carniceiro; é tempo também que vamos acabando gradualmente até os últimos vestígios da escravidão entre nós, para que venhamos formar em poucas gerações uma Nação homogênea, sem o que nunca seremos verdadeiramente livres, respeitáveis e felizes.”

IGUALDADE

“Se os negros são homens como nós e não formam uma espécie de brutos animais; se sentem e pensam como nós, que quadro de dor e de miséria não apresentam eles à imaginação de qualquer homem sensível e cristão?”

A DOR DO PRÓXIMO

“Se os gemidos de um bruto nos condoem, é impossível que deixemos de sentir também certa dor simpática com as desgraças e misérias dos escravos; mas tal é o efeito do costume, e a voz da cobiça, que vêem homens correr lágrimas de outros homens, sem que estas lhes espremam dos olhos uma só gota de compaixão e de ternura. Mas a cobiça não sente nem discorre como a razão e a humanidade.”

MAIS HUMANIDADE

“Se ao menos os senhores de negros no Brasil tratassem esses miseráveis com mais humanidade, eu certamente não escusaria, mas ao menos me condoeria da sua cegueira e injustiça; porém o habitante livre do Brasil, e mormente o europeu é não só, pela maior parte, surda às vozes da justiça, e aos sentimentos do

Evangelho, mas até é cego a seus próprios interesses pecuniários, e à felicidade doméstica da família.”

A RELIGIÃO E OS ABUSOS SOCIAIS

“Qual é a Religião que temos, apesar da beleza e santidade do Evangelho, que dizemos seguir? A nossa Religião é pela maior parte um sistema de superstições e de abusos antisociais (sic); o nosso Clero, em muita parte ignorante e corrompido, é o primeiro que se serve de escravos, e os acumula para enriquecer pelo comércio e pela agricultura, e para formar, muitas vezes das desgraçadas escravas um *harém* turco. As famílias não têm educação, nem a podem ter com o tráfico de escravos, nada as pode habituar a conhecer e amar a Virtude e a Religião.”

CONTRARIEDADE

“É de espantar, pois, que um tráfico tão contrário às leis da moral humana, e às santas máximas do Evangelho, e até contra as leis de uma sã política, dure há tantos séculos entre homens, que se dizem civilizados e cristãos! Mentem, nunca o foram.”

JUSTIÇA E FELICIDADE

“A sociedade tem por base primeira a justiça e por fim principal a felicidade dos homens; mas que justiça tem um homem para roubar a liberdade de outro homem, e o que é pior, dos filhos deste homem, e dos filhos destes filhos?”

LIBERDADE PESSOAL DOS HOMENS

“Se a lei deve defender a propriedade, muito mais deve defender a liberdade pessoal dos homens, que não podem ser propriedade de ninguém, sem atacar os direitos da Providência, que fez

os homens livres, e não escravos; sem atacar a ordem moral das sociedades que é a execução de todos os deveres prescritos pela Natureza, pela Religião e pela sã Política: ora a execução de todas estas obrigações é o que constitui a virtude; e toda Legislação, e todo Governo (qualquer que seja a sua forma) que a não tiver por base, é como a estátua de Nabucodonosor, que uma pedra desprendida da montanha a derribou pelos pés; é um edifício fundado em areia solta, que a mais pequena borrasca abate e desmorona.”

(Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativo do Império do Brasil sobre a Escravatura. Tip. de Firmim Didot, Paris, 1825.)

Se os homens do Império não fossem tão materialistas e tão ligados a seus próprios interesses, o Brasil poderia ter virado mais rapidamente esta triste página, que representou a escravatura em nosso país. Poderíamos ter promulgado a Lei Áurea já em 1825 e não sessenta e três anos depois, conforme aconteceu, em 13 de maio de 1888, através da Lei 3.353, sancionada pela Princesa Isabel.

Através de seus livros e de sua abnegada defesa em favor das minorias, José Bonifácio semeou idéias e conceitos cristãos e espíritas, que mais tarde seriam utilizados por outros grandes homens de nossa pátria, que, através de árdua pesquisa, iriam desvendar o mundo dos espíritos e propagar a Doutrina Espírita em nosso país.



Dados Cronológicos 1840 a 1870

(DADOS RETIRADOS DO *REFORMADOR*, DE JANEIRO DE 1954, E DO LIVRO *ESPIRITISMO BÁSICO*, DE PEDRO FRANCO BARBOSA.)

Em 1844, o Marquês de Maricá publicou um livro, no qual se encontram os primeiros ensinamentos de fundo espírita divulgados no Brasil (*Reformador* de 1944).

Em 1853, Mello Moraes já tinha o seu grupo de estudo dos fenômenos que então invadiam todos os países, e o qual frequentavam o Marquês de Olinda, o Visconde de Uberaba, o General Pinto e outros.

Em 14 de junho de 1853 o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, publica pela primeira vez matéria enviada pelo Dr. José da Gama e Castro, seu correspondente em Berlim, comentando os fenômenos das mesas girantes.

Em 30 de junho de 1853, o mesmo jornal descreve, sob o título de *A Rotação Elétrica*, os fenômenos que empolgavam Paris, depois de terem feito o mesmo nos Estados Unidos, México, Londres, Viena e Berlim.

Em meados de 1860, publicados por Casimiro Lieutaud, surgem dois livros nos meios brasileiros — *Os Tempos São Chegados* e *O Espiritismo na sua Expressão mais Simples*.



Marquês de Maricá

RELEMBRANDO O PRIMEIRO DIVULGADOR
DO ESPIRITISMO NO BRASIL



Os homens enganam-se com a idéia de um progresso material e intelectual que esperam neste mundo, e que só pode verificar-se em outros e outras vidas.

Marquês de Maricá

Os livros de História do Espiritismo no Brasil têm uma enorme dívida a saldar com esta fantástica figura brasileira que foi Mariano José Pereira da Fonseca (1773-1848), o Marquês de Maricá.

Esse admirável personagem, que não recebe mais de duas ou três linhas em quaisquer desses livros, foi o primeiro a divulgar as bases da Doutrina Espírita no Brasil, antes mesmo dos fenômenos envolvendo as Irmãs Fox e da publicação do primeiro livro de Allan Kardec.

O Marquês de Maricá foi, sem dúvida alguma, uma das figuras mais destacadas da monarquia, tendo ocupado os cargos de maior expressão do Império.

Tendo participado das lutas políticas da Independência, exerceu, entre os anos de 1802 e 1821, os cargos de Deputado de Agricultura, trabalhou na Junta do Comércio, foi administrador e tesoureiro da fábrica de pólvora, administrador e censor régio da imprensa.

Em seguida, foi eleito deputado secretário da Junta Provisória, criada em 1821, no Rio de Janeiro. Foi também o Marquês de Maricá um dos membros que inaugurou o Senado. Entre 1823 e 1834 foi: Ministro da Fazenda (1823 a 1825), Senador pela Província do Rio de Janeiro (1826) e pertenceu ao Conselho de Estado. E por fim, foi um dos colaboradores da Constituição do Império, jurada a 25 de março de 1824.

Pelos serviços que prestou à pátria, Mariano José Pereira da Fonseca foi agraciado com o título de Visconde de Maricá (com honras de grandeza) em 12 de outubro de 1825, e promovido a Marquês de Maricá na mesma data do ano seguinte.

No ano de 1813, começou a circular no Rio de Janeiro um jornal mensal chamado *O Patriota — Jornal Literário, Político e Mercantil do Rio de Janeiro*, que durou até dezembro de 1814, sendo que no segundo ano ele era bimestral. Era um jornal diferente que falava — como dizia o título — de Literatura, Política, Comércio, além de assuntos como História, Matemática, Estatística entre outros temas. O primeiro número surgia com impressionantes

128 páginas, o que tornava necessária a inclusão de um índice, que ficava no final do jornal.

Foi no jornal *O Patriota*, em alguns exemplares do ano de 1813, que o Marquês de Maricá começou a publicar as suas *Máximas, Pensamentos e Reflexões Morais por um Brasileiro*, embora nessa época não houvesse nenhuma “Máxima” que pudesse ser considerada de conteúdo espírita.

Mais de vinte anos depois de publicar suas primeiras *Máximas* em *O Patriota*, o Marquês de Maricá abandonou a vida pública. Reapareceu anos mais tarde com a publicação de suas *Máximas*, agora em formato de livro.

As primeiras *Máximas* chegaram em 1837 (com 122 páginas). Dois anos mais tarde eram publicadas as *Novas Máximas* (com 191 páginas). Posteriormente foram publicadas edições em 1841, 1843, 1844, 1846, 1905, 1950, 1958 e 1967 (a Biblioteca Nacional tem todas essas edições). Em 1843, já com 376 páginas, ela informava que aquela edição continha a coleção completa.

Dois anos depois da morte do Marquês de Maricá, a edição já tinha 608 páginas e continha a seguinte informação: *Coleção completa publicada em 1844, 1846 e com as últimas máximas*.

Mas não importa a data exata em que o Marquês de Maricá publicou as suas primeiras *Máximas* com conteúdo espírita. O fato é que, tendo falecido no ano de 1848 — no mesmo ano dos fenômenos de Hydesville e nove anos antes de Allan Kardec publicar *O Livro dos Espíritos* — o Marquês de Maricá já havia escrito sobre o perispírito, a reencarnação, a emancipação da alma, o progresso dos espíritos, o céu e as moradas do Pai, entre muitos outros assuntos de conteúdo espírita. Que visionário foi o Marquês de Maricá! E que personagem marcante para a História do Espiritismo

no Brasil! O que dizer então de uma pessoa que, em meados do século XIX, antes de Hydesville e de Allan Kardec, já escrevesse sobre olhos telescópicos, sobre invólucro espiritual, vidas em outros planetas e substâncias imateriais?

Vejamos alguns exemplos de suas *Máximas*:

2578 — “De que nos serviria a outra vida se o nosso espírito não conservasse o cabedal de idéias e conhecimentos que adquiriu na primeira, e perdesse a memória da sua identidade individual e intelectual?”

2691 — “Pode haver e é provável que haja nos outros sistemas e mundos criaturas vivas, que, não sendo impassíveis pela sua organização corporal, se tornem tais pela sua superior inteligência.”

2695 — “Mundos haverá onde criaturas privilegiadas tenham olhos telescópicos para descobrir o que se passa em outros orbes mais vizinhos.”

Veja no capítulo seguinte a matéria completa sobre o Marquês de Maricá, publicada no *Reformador* de setembro de 1944.

Qualquer um que afirmasse ou escrevesse sobre coisas assim, naquela época, seria, com certeza, considerado um louco ou uma pessoa extravagante.

Mas como dizer isso de uma das figuras mais destacadas do Império?

Tanto não era um louco que suas frases ainda hoje são citadas e fazem sucesso, mais de cento e cinquenta anos após a sua desencarnação!

Mas na época em que viveu o Marquês de Maricá, as suas *Máximas* não fizeram muito sucesso, conforme conta o escritor Ubiratan Machado, um dos únicos autores que deu mais destaque

ao Marquês de Maricá. Em seu livro *Os Intelectuais e o Espiritismo*, Ubiratan Machado escreve:

“Filósofo sem discípulos, as *Máximas de Maricá* não encontraram nenhuma receptividade. O ambiente social ainda estava imaturo para discutir **socialismo e reencarnação**. E mesmo os mais inclinados ao misticismo veriam tais idéias como puras extravagâncias; francesices. A preocupação de quantos se inquietavam com o insólito dirigia-se ao desafio do magnetismo.”

Se essa figura notável, que foi o Marquês de Maricá, cometeu algum erro, foi de avaliação. Pois ele escreveu, no final de sua obra, que levava à cova muitas idéias as quais não supunha maduras para as gerações daquela época, afirmando ainda:

“... e quando a roda dos tempos houver volvido mais um ou dois séculos, tornar-se-ão axiomas os princípios que hoje a minha própria censura proscreeva da publicidade.”

O erro de avaliação do Marquês de Maricá foi ter depositado as suas esperanças e acreditado que em tão-pouco tempo as pessoas se tornariam mais espiritualizadas, menos materialistas e mais abertas para conceitos como a reencarnação, o perispírito e as vidas sucessivas.

O coitado do Marquês de Maricá deve estar esperando até hoje para que a humanidade possa enfim compreender o que os espíritos superiores vêm ensinando há, pelo menos, cento e cinquenta anos. Todo esse tempo não foi suficiente para uma mudança de atitude e de pensamento por parte da humanidade. Muitos se recusam a acreditar nesses conceitos ainda hoje, pensando mesmo que Deus tivesse tido o trabalho de criar todo o Universo, com bilhões de estrelas e planetas, para colocar-nos morando num planeta de tamanho insignificante, se comparado com os demais, por uma única encarnação. É bem provável que se o Marquês de Maricá tivesse publicado o seu livro cem anos depois, em 1944, as opiniões e a aceitação tivessem sido as mesmas. Afinal, naquele ano André

Luiz nos enviou da Espiritualidade o livro *Nosso Lar*, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, e o mundo não compreendeu as suas descrições e explicações, razão pela qual também foi motivo de gracejos e zombarias.

O Marquês de Maricá deixou um livro maravilhoso e profundo para uma humanidade que ainda não estava pronta para receber suas idéias. No entanto, o Marquês de Maricá contribuiu muito para o Espiritismo e merece ser considerado o primeiro divulgador dos conceitos da Doutrina Espírita no Brasil.



As Máximas do Marquês de Maricá

HÁ 100 ANOS — EM 1844

**(DADOS RETIRADOS DO REFORMADOR,
DE SETEMBRO DE 1944.)**

Há precisamente um século, um pouco antes do aparecimento de espíritos às irmãs Fox, na América do Norte, e dez anos antes de Kardec ouvir falar em fenômenos espíritas, já existia no Brasil um escritor, dos mais notáveis, que pregava em seus livros muitos dos ensinamentos que, só mais tarde, foram transmitidos ao Codificador, através das mensagens recebidas por vários médiuns. Isto vem confirmar que o Consolador soprava, em todos os recantos da Terra, os mesmos ensinamentos que deveriam ficar codificados pelo missionário que surgiu no maior centro de civilização do século XIX.

Esse escritor brasileiro, desencarnado no Rio de Janeiro exatamente no ano em que surgiram os fenômenos das irmãs Fox, publicou a sua obra e a distribuiu gratuitamente, em várias e sucessivas tiragens.

Além de escritor, era poeta o nosso patricio, espírito lúcido, conceituoso e perspicaz, doutor em Filosofia e Matemática pela Universidade de Coimbra. Foi Ministro da Fazenda, Senador pelo Distrito Federal, Conselheiro de Estado, Membro do Instituto Brasileiro, Grã-cruz da Ordem do Cruzeiro, Cavaleiro da Ordem do Cristo, Administrador da Imprensa Régia, Membro da Junta de Comércio e Membro da Constituinte do Império.

Leiamos alguns dos seus ensinamentos:

FORMAÇÃO DOS MUNDOS

2778 — “Os mundos, como os homens, são também mortais.”

2941 — “Os mundos e sistemas solares concebidos na divina mente e realizados pela onipotência do Ser Supremo têm, como as sementes vegetais e os ovos animais, um desenvolvimento lento, mas progressivo e variado, até chegarem por muitos e inumeráveis milênios àquele grau de madureza e plenitude, em que, dissolvendo-se, se resolvem nas substâncias elementares de que foram formados, e que servirão de materiais para novas formações, futuros mundos, sistemas solares.”

PLURALIDADE DOS MUNDOS

2681 — “Os homens enganam-se com a idéia de um progresso material e intelectual que esperam neste mundo, e que só pode verificar-se em outros e outras vidas.”

2691 — “Pode haver e é provável que haja nos outros sistemas e mundos, criaturas vivas que, não sendo impassíveis pela sua organização corporal, se tornem tais pela sua superior inteligência.”

2695 — “Mundos haverá onde criaturas privilegiadas tenham olhos telescópicos para descobrir o que se passa em outros orbes mais vizinhos.”

2925 — “Não podemos conceber um mundo diverso deste em que vivemos; contudo, são inumeráveis os que existem inteiramente diferentes: uma variedade ilimitada caracteriza a infinita sabedoria do Ser eterno e incompreensível que os criou.”

3787 — “Se não existem habitantes nos planetas de Júpiter, Saturno e Herschel⁽²⁾, para que servem ao primeiro quatro satélites ou luas, ao segundo sete, e ao terceiro seis? Uma iluminação lunar sem viventes que a gozem, é fato fenomenal inexplicável.”

4074 — “*Vires acquirit eundo*⁽³⁾, diz-se de um rio, outro tanto se pode dizer dos espíritos, na sua eterna viagem por mundos inumeráveis, com variados corpos adaptados a seus diversos sistemas.”

DO PRINCÍPIO VITAL

2704 — “Os espíritos ou átomos invisíveis e imortais preexistem à sua união com os corpos organizados; antes dela não têm consciência da sua existência, nem podem ter o exercício das faculdades sensíveis e intelectuais que os distinguem, e só podem ser provocadas pela ação do mundo externo sobre os órgãos, sentidos e contextura dos corpos a que são unidos.”

(2) **Herschel**: de família britânica, origem alemã. William (Hannover, 1738 — Slough, Buckinghamshire, 1822), descobriu o planeta Urano (1781), dois de seus satélites (1787), e dois satélites de Saturno (1789). Estudou as estrelas duplas. — Seu filho John (Slough, Buckinghamshire, 1792 — Collingwood, Kent, 1871), aperfeiçoou os métodos de avaliação das magnitudes estelares imaginadas por seu pai. (N.E. conforme o *Dicionário Koogan Larousse*.)

(3) **Vires acquirit eundo**: poder-se-ia traduzir por: “Ele adquire forças com as experiências”. (N.E. conforme o *Dicionário Koogan Larousse*.)

2707 — “Quando os espíritos ou átomos indivisíveis se unem e se condensam, então se materializam, ganham extensão, forma, figura e densidade, e tornam-se capazes de localidade, ação e movimento.”

DOS ESPÍRITOS

3135 — “O material e sensual é o invólucro ou estojo do racional e espiritual; o espírito é a substância ativa e inteligente, o corpo o instrumento ou maquinismo executor e condutor da sua ação e inteligência.”

3850 — “Os espíritos são átomos indivisíveis que se tornam viventes, sensíveis e inteligentes, colocados em certos pontos distintos e centrais dos corpos organizados destinados a servir-lhes de meio de comunicação com o Universo externo e material, e a provocar deste modo o exercício das suas faculdades naturais, sensíveis e intelectuais.”

3863 — “Os homens não têm nem podem formar idéia de substâncias imateriais. As almas e espíritos são considerados por eles como entidades corporais perceptíveis aos sentidos com forma, figura e lugar no espaço, capazes de ação e reação, e, quando muito, os reputam de uma substância material mais sutil e menos densa que a dos corpos viventes deste mundo.”

DO PERISPÍRITO

2493 — “O que não tem extensão não pode ter mobilidade, nem localidade; os espíritos são incapazes de movimento e lugar sem os corpos organizados que os habitam para isso.”

2544 — “As entidades espirituais não podem existir sem corpos organizados que as põem em relação com o Universo material; do que observamos neste mundo podemos inferir o que se passa nos outros globos.”

2578 — “De que nos serviria a outra vida se o nosso espírito não conservasse o cabedal de idéias e conhecimentos que adquiriu na primeira, e perdesse a memória da sua identidade individual e intelectual?”

2680 — “Na existência neste mundo não podemos duvidar da necessidade de um corpo à substância a que chamamos de alma. Poderá esta existir sem ele nos outros mundos e sistemas? É provável que não.”

DA MATÉRIA

4140 — “Não sabemos o que seja a matéria em abstrato e em substância; só a conhecemos em sua forma concreta, figurada e fenomenal, sendo por isso perceptível aos nossos sentidos corporais e capaz de ser idealizada com representações correspondentes aos objetos materiais que fizeram impressão sobre nós.”

DA REENCARNAÇÃO

2656 — “A categoria da nossa existência nas vidas futuras será correspondente ao nosso bom ou mau procedimento nas antecedentes.”

2709 — “As noções sublimes de uma outra vida, e de um progresso intelectual ilimitado, não foram outorgados pela divindade da nossa ilusão; se o gênero humano crê e espera semelhantes bens, é porque tais crenças e esperanças lhe foram sugeridos por Deus, que não engana nem pode ser enganado.”

4002 — “Devemos congratular-nos de saber que ignoramos o infinito; teremos de aprender eternamente, com variados corpos, em inumeráveis mundos.”

DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA

2924 — “A faculdade de sonhar, dormindo, é um argumento poderoso de que existe em nós um princípio ou unidade sensível e inteligente, que, unida ao nosso corpo, o dirige e administra no exercício e processo da vida humana.”

3081 — “Sonhei que admirando a Lua Cheia na plenitude da sua luz reflexa, surgia em mim o desejo ardente de a visitar e conhecer de perto, quando uma voz sonora, mas de objeto não distinto, retiniu aos meus ouvidos: ‘Pobre criatura! A sua ignorância se desculpa; sabe que cada um dos mundos da imensidade tem um sistema e construção especial; que os seus habitantes não podem existir em algum outro que não seja aquele para que foram organizados. O teu espírito tem de habitar e admirar inumeráveis orbes pela sucessão dos tempos e progresso da eternidade, mas somente com corpos privativos e adaptados ao sistema de cada um deles. A sabedoria do Onipotente, sendo infinita, a variedade de suas obras é ilimitada, tudo o que ideou e produz na imensidade do Espaço é original e sem cópia’. Calou-se, e acordei assombrado com esta inesperada e portentosa revelação.”

DO PROGRESSO DOS ESPÍRITOS

927 — “Sem a crença em uma vida futura, a presente seria inexplicável.”

1611 — “Os modernos progressistas são apoucados na sua doutrina do progresso quando a limitam a esta vida mortal.”

3134 — “As noções de infinito, eternidade e imensidade, da imortalidade da alma e de uma vida futura com as transcendentais da infinita sabedoria, poder e bondade de Deus, autor e Criador de tudo, provam, demonstrativamente, que a nossa vida não se limita à curta existência neste mundo, mas que terá de prolongar-se pela

eternidade com variados corpos em inumeráveis mundos, crescendo a nossa inteligência progressivamente em ciência, virtude, amor, gratidão e admiração por Deus, e, conseqüentemente, em uma bem-aventurança tal, que não é possível qualificar nem compreender. A inteligência humana é muito superior e transcendente à vida animal e temporária deste mundo terreal, e, portanto, nos anuncia altos e sublimes destinos, depois dele, em muitos outros subseqüentes e inumeráveis.”

4011 — “A bem-aventurança eterna deve ser uma felicidade progressiva, ilimitada e insaturável; não como a temporal, limitada e alterada com males.”

DAS DESIGUALDADES SOCIAIS

2673 — “Sem extensão não pode haver desigualdade: os espíritos são perfeitamente iguais por sua natureza imaterial; a variedade em suas faculdades e potências depende da diversidade dos corpos organizados a que estão unidos, os quais promovem ou limitam a sua expansão e exercício.”

2877 — “É questão curiosa, se renascendo para uma segunda vida não seríamos os mesmos que fomos, concorrendo em tudo as mesmas circunstâncias, condições e acidentes da primeira: a afirmativa parece provável com ressaibos de fatalismo.”

DA DESENCARNAÇÃO

782 — “Um casulo é o túmulo de uma lagarta e o berço de uma borboleta; também a morte para o homem é o princípio de uma nova e melhor vida.”

DAS PROVAÇÕES

2485 — “Quando estamos profundamente convencidos da infinita sabedoria, bondade e justiça de Deus, agradecemos-lhe os mesmos males e dores que nos afligem e atormentam na vida presente.”

2487 — “Subi a Deus na vossa ventura; Ele descera a vós na vossa desgraça.”

4007 — “Não só os bens provêm de Deus, mas também os males, como ocasião e instrumento de Deus.”

4057 — “Confundimos muitas vezes o bem com o mal, porque um e outro ocasionam ordinariamente o seu contrário.”

DOS CÉUS E MORADAS DO PAI

2597 — “São inumeráveis os céus, cada mundo tem o seu privativo, abrilhantado também de estrelas colocadas ou esparzidas por diversos modos de que se nos representa o que avistamos.”

DAS RELIGIÕES DOS HOMENS

2407 — “A intolerância religiosa é uma censura ou condenação da Divindade pela sua tolerância universal.”

2728 — “Em matéria de religião deve crer-se em tudo o que é compatível com idéia ou noção de um Deus eterno, imenso, infinitamente sábio, poderoso, bom, justo e providente, e rejeitar quanto for oposto ou repugnante com estes seus divinos atributos.”

SOBRE CERTOS DOGMAS

2122 — “Em matéria de religião, a força pode fazer hipócritas, mas nunca verdadeiros crentes.”

2297 — “Quando os homens personalizaram os atributos da Divindade, criaram o politeísmo.”

2650 — “Entidades fabulosas, umas boas, outras malignas, incorporadas nas crenças e cultos religiosos antigos e modernos, foram sempre criaturas da imaginação, ignorância e impostura humana; a Razão e a Natureza de balde as reprovam e recusam, a credulidade dos homens é mais poderosa do que, elas, ambas.”

4157 — “O temor difere muito do medo: teme-se a justiça de Deus, Criador e Benfeitor do gênero humano; mas tem-se medo do que é mau, cruel, maligno, mal-intencionado e malfazente, como os homens imaginam e qualificam a satanás ou o diabo.”

A edição da obra a que nos referimos, e de onde extraímos as reflexões acima numeradas, data de 1896, publicada pela Livraria Alves. Há edições anteriores, de 1844 a 1846, e uma outra, recentíssima, de 1940.

Tal como disseram os espíritos a Kardec, o autor anunciou no final do seu livro o seguinte:

“Comigo levo à cova muitas idéias, para que não supus madura a geração atual, porque também para as idéias a questão de oportunidade é vital; perdem-se por temporãs, como serôdias: o ponto é conhecer a terra onde a semente é lançada. Todavia, os homens superiores que me lerem me compreenderão sem dúvida; e quando a roda dos tempos houver volvido mais um ou dois séculos, tornar-se-ão axiomas os princípios que hoje a minha própria censura proscreeve da publicidade.”

E como o leitor desse estudo deve estar ansioso por saber o título do livro e o nome do autor de tão precioso trabalho,

informamo-lo de que essa obra, realmente notável, foi escrita pelo Sr. Marquês de Maricá, sob o título de *Máximas, Pensamentos e Reflexões*.

A Revelação Divina é progressiva e de acordo com a capacidade de assimilação de cada homem e de cada época, já dizia Kardec. Continuemos à espera da bondade do Criador e, aos poucos, novos conhecimentos nos irão sendo revelados.

Como se vê, o Marquês de Maricá, do mesmo modo que J. B. Roustaing e muitos outros, pertence ao grupo de espíritos enviados por Deus à Terra para colaborar com Allan Kardec. Uns vieram um pouco antes, outros ao mesmo tempo, e muitos continuam vindo depois do mestre.

MINIMUS



Magnetismo e Mesas Girantes

A imprensa carioca falou sobre o magnetismo animal, pela primeira vez, em dezembro de 1852. Os três principais jornais do Rio de Janeiro naquela época publicaram matérias, cartas ou anúncios sobre o assunto: o *Jornal do Commercio*, o *Correio Mercantil* e o *Diário do Rio de Janeiro*.

A maioria eram cartas, publicadas no *Jornal do Commercio*, numa coluna chamada “Publicações a Pedido”. Foi nessa coluna que uma pessoa identificada apenas pela inicial “W” publicou a primeira matéria sobre magnetismo animal.

Mas foi um tal de Dr. Cesário (ora escrito com “s”, ora com “z”) que mais divulgou o magnetismo animal, publicando no *Jornal do Commercio* pelo menos sete matérias sobre o assunto, ao longo do ano de 1853 (veja todo o material dos jornais neste capítulo).

Há também material sobre acontecimentos na Europa e no Brasil, sobre sessões de cura no Rio de Janeiro e há muitos anúncios que vendiam livros e ofereciam os mais diversos serviços.

A partir desses anúncios pode-se perceber que os magnetizadores brasileiros não possuíam uma unidade de pensamento, porque enquanto alguns vendiam livros “para qualquer pessoa magnetizar com facilidade”, outros afirmavam que sua boa aplicação “deve ser feita unicamente pelo médico, como habilitado conhecedor da organização humana”.

Levando em conta a falta de seriedade de alguns magnetizadores, podemos dizer, em tom jocoso, que o magnetismo era a realização de todos os nossos sonhos. Sim, porque esses magnetizadores tudo prometiam curar: dor de cabeça, dor de dente, ton-teiras, afecções agudas, gagueira...

Enquanto pilhas de livros sobre o magnetismo eram publicados de uma hora para outra, os doutores Mello Moraes e João Vicente Martins publicavam quase que diariamente no *Jornal do Commercio* matérias em defesa da Homeopatia e, em alguns casos, até informavam que fulano de tal, portador de tal doença, morador de tal rua tinha sido tratado pela Homeopatia e tinha se recuperado.

Então de repente chegam as mesas girantes (o chapéu, ou o livro!!) e a imprensa da corte se enche ainda mais de assuntos polêmicos e de discussões.

E a notícia das mesas girantes cai como uma bomba na imprensa da corte. Não há como resistir ao impacto de notícias assim:

“Não há neste momento uma reunião na Alemanha na qual não se fale da nova importação americana — *the moving table*, e não se experimente mais de uma vez o fenômeno.” —, escreve o *Jornal do Commercio*, na primeira matéria que foi publicada no Brasil sobre o assunto, no dia 14 de junho de 1853.

“*A mesa move-se!* — é a exclamação que entre júbilos acende o entusiasmo em todas as festas, e serve como um *hurrah* de

vitória àqueles pacíficos experimentadores, já fatigados de conjurar em silêncio as forças magnéticas da natureza”, escreve o *Correio Mercantil* de 12 de agosto de 1853.

Com tanto impacto, como resistir ao fenômeno das mesas girantes?

O escritor Zêus Wantuil confirma a informação de que as mesas girantes foram noticiadas pela primeira vez pela imprensa do Rio de Janeiro:

“As buscas que efetuamos em inúmeros jornais da época, de diferentes Estados da União, levam-nos a supor que o velho e respeitável *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, atualmente com mais de um século de existência, foi o primeiro órgão da imprensa brasileira a estampar notícias acerca das ‘mesas girantes’, através da seção *Exterior — Correspondência do Jornal do Commercio*, dos fatos que então empolgavam principalmente os Estados Unidos e a Europa.

Poucos dias depois, no dia 30 de junho, o colunista do *Fo-
lhetim do Jornal do Commercio* inseria uma crítica ao papel da imprensa na divulgação do assunto: “[...] quem desterrou o piano, a conversa e a cantoria para substituí-los por uma adoração de chapéu, da mesa ou do livro. Ora! quem havia de ser? A imprensa”.

A seguir incluiremos outras matérias sobre o assunto.

MAGNETISMO ANIMAL

“Temos por várias vezes assistido às sessões de magnetismo com que o Dr. Albuquerque de Oliveira tem obsequiado os seus amigos, e onde se tem achado muitas pessoas distintas, e das mais notáveis da sociedade. Os fenômenos que sempre temos observado, operados pela influência magnética, são realmente admiráveis e dignos dos mais sérios estudos; porém o que mais nos tem

extasiado são alguns pontos de lucidez que o sonâmbulo apresenta, em que descobre as coisas mais ocultas, principalmente no exame das enfermidades, em que o sonâmbulo se tem tornado notável, e de que o Dr. Albuquerque já tem colhido belos resultados [...]” Assinada por “W.” (*Jornal do Commercio*, 5 de dezembro de 1852.)

MAGNETISMO ANIMAL

“[...] Quem não sabe por aí que o Dr. Magalhães (hoje em Nápoles) foi o primeiro que aqui praticou o magnetismo em maior escala, e que dessa prática ainda existem curas, para lhe servirem de prova? Quem não sabe que o falecido Dr. Gamard praticou aqui o magnetismo, e até teve uma espécie de Casa de Saúde? E além destes tantos outros senhores que têm apresentado o magnetismo e o têm exercido, médicos ou não. [...]” Autor da Carta: Jácomo Ulysses (*Diário do Rio de Janeiro*, 23 de dezembro de 1852.)

MAGNETISMO ANIMAL

“[...] O magnetismo está hoje muito propagado na Europa; por meio dele se tem feito maravilhosas curas, graças àqueles grandes homens que não temendo o ridículo que a princípio acovardava os que nele acreditavam, começaram a praticá-lo, a ensiná-lo e a escrever sobre ele essas obras de que o Sr. Ulysses e talvez muito melhor gente não tenha ainda notícia, mas começa a ter depois que nós temos procurado fazer curas e sessões magnéticas como meio de propagação.

Que nada fomos contraditórios no que dissemos sobre os sonâmbulos. Os que especulam com elas fazem mal à propagação do magnetismo como meio terapêutico, pois não sabem dirigir o fluido nem avaliar o grau de sonambulismo e lucidez; fazem fa-

lhas às experiências e desacreditam o magnetismo.” Seção *Correspondência* — escrita por José Hilário Teixeira Coelho de Miranda. (*Correio Mercantil*, 25 de dezembro de 1852.)

MAGNETISMO ANIMAL

“O abaixo-assinado ensina a tirar dor de cabeça, de dentes, tonteiras, ou qualquer afecção aguda, assim como cura a gagueira, pelo electro-magnético e magnetismo”. Rua do Hospício nº 16 A — Miranda. (*Jornal do Commercio*, 15 de dezembro de 1852.)

O MÁGICO APARENTE

“Esta interessante obra, única deste gênero que há em português, ensina a fazer e explica as melhores ligeirezas e transformações representadas na Europa e nesta Corte; bem como apresenta um Manual de Magnetizador. (...)” (*Jornal do Commercio*, 22 de dezembro de 1852.)

Observação: O tal livro estava à venda na Rua do Sabão nº 113 e custava 2\$.

MESAS GIRANTES

“Berlim, 30 de abril. Não há neste momento uma reunião na Alemanha na qual não se fale na nova importação americana *The Moving Table*, e não se experimente mais de uma vez o fenômeno; parecendo-me que a sua descrição poderá interessar os seus leitores, passo a referir o que vi. Importa pouco a madeira de que a mesa deve ser feita, basta que seja de forma oval e pouco pesada, para tornar rápida a execução da experiência.

Sentadas cinco pessoas pelo menos à roda da mesa, põem as mãos sobre ela e formam uma cadeia, colocando o dedo mínimo

da mão esquerda da pessoa que lhe fica à direita; não deve haver anéis nos dedos. A atenção e a vontade dos que fazem a experiência devem estar concentrados no seu resultado, que se deve verificar entre 35 e 70 minutos de tempo.

Começa a notar-se na mesa um movimento de ondulação que se transforma em movimento de rotação assaz rápido. Descobriu-se uma nova variante menos penosa, por isso que o fenômeno se produz em cinco minutos. Em vez de se formar a cadeia sobre uma mesa, forma-se com três pessoas sobre as abas de um chapéu. Agora, quanto à maneira porque este fenômeno se pode explicar, nada sei.

O Sr. Humboldt e outras celebridades científicas nem o querem ver, nem nele acreditar. Alguns dos homens que gozam de menos consideração e que nele acreditam, porque o viram, explicam assim: a eletricidade animal, desenvolvendo-se das pessoas por meio de cadeia formada, transforma os objetos em ímãs que atraem, e o movimento circular provém de se voltarem naturalmente os objetos magnetizados para o pólo do norte. É de se esperar que os homens que gozam de grande autoridade nas ciências se dignem a examinar um fenômeno, de cuja existência ninguém pode duvidar, e que provém de uma causa simples e natural, e que o expliquem de maneira que possa satisfazer a curiosidade pública.” (*Jornal do Commercio*, 14 de junho de 1853. Exterior — Correspondência do *Jornal do Commercio*.)

A ROTAÇÃO ELÉTRICA

“[...] Anteontem, véspera de S. Pedro, entrei em duas outras casas, contando divertir-me com a interessante leitura das sortes e com a moagem dos roletes de cana, e em todas elas vi as famílias e os convidados silenciosos, em grupos, uns em derredor de uma

mesa, outros de um chapéu, outros de um livro, todos com as mãos estendidas sobre esses objetos e formando cadeiras digitais!

Quem fez esta revolução nos nossos hábitos, quem deu esta nova fase aos salões, quem aumentou este jogo de prendas (sem abraços, mas com aperto de dedo e da pontinha do pé), quem desterrou o piano, a conversa e a cantoria para substituí-los por uma adoração de chapéu, da mesa e do livro? Ora! quem havia de ser? A imprensa. [...]” (*Jornal do Commercio*, 30 de junho de 1853. Folhetim.)

“[...] E no meio de tudo isto vêde a que singular passatempo pôde uma sociedade entregar-se com paixão, com toda a paixão do ócio moral e intelectual! Está neste momento namorada do magnetismo e da magia; está toda vendo girar mesas e chapéus pela virtude soberana do fluido magnético, nem mais nem menos do que se ainda vivessem Mesmer e Cagliostro! Os chapéus e as mesas girantes! Que bela invenção na verdade! E os pobres miolos humanos também não giram? E a sabedoria, e as opiniões, e as convicções não fazem, às vezes, maravilhosas piruetas? E para isso há segredos, e tantos, que é inútil eletricidade e magia. Ao demais, não se pode negar que mediante um certo desenvolvimento do fluido magnético muita coisa simplificar-se-ia. Por pouco que nos vejamos reduzidos à condição feliz e inteligente das mesas e dos chapéus, o mundo governar-se-ia de si mesmo pela varinha de condão; aos governos só ficaria o trabalho proverem-se de dose suficiente de fluido. O homem nada terá que aprender para tudo saber, passado, presente e futuro. Os sonâmbulos serão os conselheiros supremos da Terra; a civilização será mera questão de eletricidade e de nervos. O que é o progresso? Lá chegaremos sem dúvida, e marcaremos com uma pedrinha branca esse dia feliz, como devemos marcar o dia da dança dos chapéus e das mesas, tão oportunamente vinda para distrair uma sociedade que parece nada mais ter em que se ocupe. [...]” (*Jornal do Commercio*, 7 de julho de 1853. Exterior — França — Paris, 14 de maio.)

A SEMANA

“A mesa gira ou não gira com a imposição dos dedos? Move-se ou não o chapéu do infeliz curioso que o sujeita a uma cadeia de meiminhos? A matéria inerte recebe por transmissão o fluido vital, e em vez de ser movida à força bruta é capaz de empuxar as mãos delicadas que têm a paciência de a aquecerem? — Eis o tema exclusivo das conversações, das disputas, das experiências não só de Paris, Bremen e New York, mas também da Lutécia americana, da volúvel Cidade do Rio de Janeiro. [...]” (*Jornal do Commercio*, 10 de julho de 1853 — Folhetim.)

MAGNETISMO ANIMAL IV

“A notícia que aqui nos têm dado os jornais da descoberta e experiência feitas da mesa movediça ou rotatória, não podia desmerecer distinto acolhimento dos propagadores da ciência do grande Mesmer, e demasiada indiferença da parte dos seus antagonistas: nada disto nos admira e surpreende, porque é sabido de tempos imemoriais que a verdade quando não se desenvolve lenta e gradativamente recebe toda a espécie de ataque, como aconteceu sempre com essas revoluções científicas, e importantes descobertas do movimento do globo terrestre, da força expansiva do vapor, etc. e etc., que bem amargas e acerbas dores trouxeram a Galileu e a Salomão de Caux.

Nós, compenetrados da verdade do magnetismo, por isso que com vantagem o exercemos a bem da humanidade, não nos apressamos a verificar a descoberta da mesa animada, visto que o fenômeno da rotação não podia ter lugar senão em consequência do fluido magnético, que estendendo sua poderosa ação aos corpos inanimados, veio corroborar de uma maneira irresponsável os fatos apresentados pelo sonambulismo. Com efeito, que há aí que,

tendo já feito e observado, como nós, a imposição das mãos na circunferência de uma mesa fixa, não veja em um tempo dado, ela girar em torno de si? Será isto uma ficção? Não, é uma realidade. [...]” (*Jornal do Commercio*, 13 de julho de 1853.)

UMA DESCOBERTA PRODIGIOSA

“[...] Que faz toda essa gente em volta de uma mesa? Nada, porque têm assentes sobre a tábua as mãos, que apenas se tocam pelos dedos mínimos. E em roda das mesas que se passam, dizem, se não os mais belos, ao menos os mais duradouros prazeres da vida. [...]”

A mesa move-se, — é a exclamação que entre júbilos acende o entusiasmo em todas as festas, e serve como um *hurrah* de vitória àqueles pacíficos experimentadores, já fatigados de conjurar em silêncio as forças magnéticas da Natureza. E de feito a mesa começa a mover-se lentamente. Se os dedos mínimos da mão direita estão sobrepostos aos da esquerda do vizinho da direita, o movimento executa-se também da esquerda para a direita: Se a ordem se inverte, o movimento muda logo de sentido. A princípio oscilante, incerto, muito lento, o movimento aumenta de velocidade, e a poucos passos a rapidez é tão grande, que os operadores têm de levantar-se e seguir a rotação, ou antes a transição da mesa, arrastados por ela numa espécie de dança marraba da eletricidade. [...]” (*Correio Mercantil*, 12 de agosto de 1853. — Variedades.)

“[...] Reuniram-se em Paris mais de trezentos magnetizadores, de várias partes da Europa, para celebrarem em um banquete o dia 23 de maio, aniversário do nascimento de Mesmer. Dando esta notícia, aproveitarei a ocasião para falar dos jogos zomagnéticos ou elétrico-magnético-animal, que são hoje o entrete-

nimento ordinário das principais capitais da Europa. A descoberta nasceu nos Estados Unidos da América, mas passou a Londres, a Paris, a Madri, a Lisboa com a velocidade da electricidade.” (*Diário do Rio de Janeiro*, 10 de julho de 1853. — Exterior.)

“Saiu à luz e acha-se à venda por 1\$ em casa de E. e H. Laemmert, Rua da Quitanda nº 77, o interessante folheto *A Mesa que Dança e a Mesa que Responde*.

Experimentos de magnetismo ao alcance de todos, verificados por homens da primeira notabilidade na Europa e na América, por M. Guillard, tradução do francês.” (*Jornal do Commercio*, 8 de agosto de 1853.)

“É já fora de dúvida que o chapéu, a mesa, etc., etc., giram sob a corrente magnética dos dedos mínimos dos experimentadores; mas que igualmente falem uma linguagem muda toda especial, é isto outro maior e extraordinário fato que não está ainda generalizado; é pois dele que nos vamos ocupar com a mesma franqueza e lealdade que nos caracteriza.

O móvel sobre que tem se feito as nossas experiências é uma mesa redonda de dois palmos de diâmetro, fixa em uma coluna que termina em três pés, com um dos quais bate no soalho quando afirma, conservando-se porém imóvel quando nega; para isso eleva-se ela, e essa elevação maior ou menor, segundo a superioridade ou inferioridade do objeto. Desta maneira, tem respondido a quaisquer questões que se lhe há feito, já sobre as quatro operações aritméticas, horas, minutos, etc., etc., e já sobre o número de anos de quaisquer moedas, seu valor e nação, e até das que estejam ocultas, e enfim sobre fatos históricos controversos de grande magnitude. [...]” Corte, 11 de agosto de 1853 — Dr. Cezario. (*Jornal do Commercio*, 12 de agosto de 1853.)

Mello Moraes e as Primeiras Reuniões Espíritas no Rio de Janeiro



Alexandre José de Mello Moraes

(1816-1882)

As referências sobre as primeiras reuniões espíritas no Rio de Janeiro são poucas. Na verdade, a informação que está contida em todos os livros espíritas foi dada pelo próprio Dr. Mello Moraes, em mensagem que enviou do Além e que foi publicada no *Reformador* de 15 de maio de 1883 (veja a íntegra dessa mensagem no capítulo seguinte).

Nesse texto, ele diz que consagrou-se imperfeitamente à doutrina de 1853 a 1866 e que alguns de seus companheiros de estudo eram o Marquês de Olinda, o Visconde de Uberaba, o General Pinto, o Dr. Assis e outros que ele não podia citar porque ainda estavam encarnados.

Essa informação de fato é encontrada em alguns livros de História do Rio de Janeiro:

“As primeiras reuniões espíritas no Rio ocorreram na farmácia do Dr. Mello Moraes, na Rua Teófilo Otoni, até que em 1884 foi fundada a Federação Espírita do Brasil,⁽⁴⁾ na Rua do Rosário.” (*Dicionário de Curiosidades do Rio de Janeiro* — Alexandre Campos da Costa e Silva.)

“Sendo vivo ainda o Marquês de Olinda, regente do Império, que as freqüentava, realizaram-se nela, na farmácia do Dr. Mello Moraes, pai, o historiador, as primeiras reuniões espíritas do Rio.” (Rua Teófilo Otoni — *História das Ruas do Rio de Janeiro*, Brasil Gerson.)

É possível, contudo, que essas primeiras reuniões tenham começado em outro local, uma vez que o consultório do Dr. Mello Moraes, em 1853, não era na Rua Teófilo Otoni, de acordo com anúncios que foram publicados na imprensa da época:

“1º Consultório Homeopático de J. V. Martins — Rua São José, nº 59 — Os Drs. A. J. Mello Moraes, F. A. Moura e J. H. de Medeiros dão consultas [...]” (*Jornal do Commercio*, 5 de dezembro de 1852.)

“O Dr. Mello Moraes fixando a sua morada nesta cidade acha-se residindo na Rua de S. Pedro nº 316,⁽⁵⁾ onde pode ser procurado para o exercício da sua profissão de médico todos os dias até às 11 horas da manhã. Desta hora em diante, qualquer convite

(4) O nome da FEB foi escrito de forma incorreta. (Nota do Autor, suas notas seqüentes conterão apenas as iniciais N.A.)

(5) Rua que desapareceu em 1943 com a abertura da Avenida Presidente Vargas. (N.A.)

ou chamado deverá ser feito por escrito e deixado na mesma casa onde igualmente prestam-se as consultas médicas. A classe indigente receberá em sua morada todos os socorros e cuidados que sempre e em toda parte lhe mereceu.” (*Jornal do Commercio*, 13 de julho de 1853.)

Sabe-se também que a sua residência, em 1864, era na Rua da Lampadoza. Nada mais se tem registrado sobre essas primeiras reuniões e não é difícil perceber o porquê. O próprio Dr. Mello Moraes, ao se referir aos freqüentadores daquelas reuniões que ainda estavam encarnados dizia o seguinte, na mensagem do *Reformador* de 1883:

“[...] e muitos outros que devo calar porque estão ainda, alguns, encarnados e não querem, coitados! ser apontados como fanáticos ou visionários!...”

Por aí se pode deduzir que essas reuniões eram como que secretas e todo cuidado era tomado para que não se descobrisse quem eram os seus freqüentadores. Não é de se estranhar, portanto, que não se encontre uma linha sequer na imprensa da época sobre essas reuniões.

O DR. MELLO MORAES

O organizador dessas reuniões, como dissemos, era o Dr. Alexandre José de Mello Moraes (1816-1882). Cabe aqui lembrar que o Dr. Mello Moraes foi convertido para a Homeopatia em outubro de 1847 por João Vicente Martins. O Dr. Mello Moraes, por sua vez, converteu para a Homeopatia o Dr. Sabino (que propagou a doutrina de Hahnemann em Pernambuco) e, na Bahia, converteu os Drs. Mesquita Rohan, Jernested, Ezequiel Neves e outros, conforme nos conta o *Guia da Medicina Homeopática*, do Dr. Nilo Cairo.

Nascido na Cidade de Alagoas (hoje Marechal Deodoro), na capital da então Província com o mesmo nome, em 23 de julho de 1816, aos dez anos, Mello Moraes perdeu pai e mãe num espaço de seis meses, tornando-se órfão aos onze anos. Com essa mesma idade foi para a Bahia e a sua educação permaneceu aos cuidados dos tios, que eram ambos frades, um carmelita e outro franciscano. Os tios, porém, se ocuparam bem pouco dessa educação. Ele, contudo, procurou se relacionar com homens de erudição e se entregou com afinco aos estudos.

Segundo os dados do escritor Moacir Medeiros de Castro, autor de *O Historiador Mello Moraes*, o futuro homeopata “passou a lecionar Geografia, Retórica e outras matérias para, com os poucos rendimentos, poder ultimar o seu curso de Humanidades e, em seguida, matricular-se na Faculdade de Medicina da Bahia, onde veio a receber o grau de Doutor em Medicina, no ano de 1840”. Logo depois da formatura, casou-se com Dona Maria Alexandrina de Mello Moraes e passou a exercer a alopatia.

Poucos anos depois ingressou no jornalismo, fazendo parte da equipe de redatores do *Correio Mercantil* (a partir de 1843) e fundando *O Mercantil da Bahia* (1845) e *O Médico do Povo* (1853), todos jornais daquela Província. Uma curiosidade sobre esse período aparece no obituário que a *Gazeta de Notícias* publicou em 1882:

“Mais tarde fundou *O Médico do Povo*, em 1853, para defender as idéias homeopáticas, de que, depois de ter sido adversário intransigente, ficou sendo, com sinceridade que o honra, adepto fervoroso e convencido.” (*Gazeta de Notícias*, 7 de setembro de 1882.)

Sua transferência para o Rio de Janeiro foi em 1853 embora, como foi visto, o *Jornal do Commercio* tenha noticiado que ele já atendia nesta cidade em 1852.

Já em 1853 fundou, junto com Inácio Acioli de Cerqueira e Silva, “*O Guarany* — Jornal de Caráter Político, Literário, e Industrial” no Rio de Janeiro, que durou pouco tempo.

Em 1856 fundou a primeira Biblioteca Pública de Alagoas, o “Gabinete de Leitura”, doando uma grande quantidade de livros de sua biblioteca particular.

Em 1864 fundou no Rio de Janeiro o antigo jornal que fundara na Bahia para defender a Homeopatia. O nome agora era *O Médico do Povo na Terra de Santa Cruz*, passando, mais tarde, a se chamar *Brasil Histórico*. Nesse período, foi redator do *Agricultor Bahiano* e redigiu *A Voz do Cristão na Terra de Santa Cruz*.

Filiado ao Partido Conservador, sua carreira política começou em 1868, quando foi eleito Deputado Geral por Alagoas para a legislatura 1869 — 1872.

Foi também médico do Convento de Santo Antônio e Membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, mas a maior paixão do Dr. Mello Moraes, com certeza, foram os livros e, principalmente, a História do Brasil, para a qual dedicou mais de trinta anos de sua vida.

Dizem até que fez fortuna como médico homeopata, mas morreu pobre, tendo gastado todo o dinheiro na compra e impressão de documentos históricos.

O Dr. Mello Moraes publicou mais de 50 livros de História do Brasil, Política Internacional do Brasil, Medicina, Homeopatia, Gramática, Religião, Biografias, entre outros.

Eis aqui alguns:

História: *Coreografia Histórica* (em 5 volumes), *O Brasil Histórico* (em 4 volumes), *História do Brasil Reino e do Brasil Império*;

Medicina e Homeopatia: *Guia Prático da Medicina Homeopática para Uso do Povo ...*, *História da Homeopatia no Brasil*,

Dicionário de Medicina e Terapêutica ou A Homeopatia ao Alcance de Todos;

Religiosos: Uma Hora com Deus, O Educador Religioso da Mocidade Brasileira ou Lições Extraídas das Escrituras Sagradas e Deus, A Natureza, O Universo, O Homem.

O Dr. Mello Moraes desencarnou, no Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1882, tendo sido acometido de uma pneumonia dupla.



Comunicação do Além do Dr. Mello Moraes

(DADOS RETIRADOS DO *REFORMADOR*
DE 15 DE MAIO DE 1883.)

COMUNICAÇÃO D'ALÉM-TÚMULO

(Recebida na sessão comemorativa ao passamento do espírito Dr. Mello Moraes, em 15 de março do corrente ano.)

Obrigado, meus amigos, obrigado!

Vejo que não vos esqueceste de mim. Apesar de não merecer as palavras consoladoras que acabais de consagrar-me, confesso-me grato e sensivelmente reconhecido à prova de amor e simpatia que tributais àquele que, crente, foi fraco na Terra, não se guiando, só pelos ditames da sua consciência.

Oh! se então, pudesse ver, ouvir e sentir o que hoje vejo, ouço e sinto, não teria, por certo, fraqueado, outra teria sido a minha tarefa!...

Confesso, senti muitas vezes desejos de consagrar-me, ostensivamente, à propaganda do Espiritismo, como o fiz imperfeitamente no começo da minha crença, e aparecimento desta santa e regeneradora doutrina neste Império de 1853 a 1866; que o digam os meus companheiros de estudo: Marquês de Olinda, Visconde de Uberaba, General Pinto, Dr. Assis e muitos outros que devo calar, porque estão, ainda, alguns, encarnados e não querem, coitados! ser apontados como fanáticos ou visionários!...

Os que me rodeavam diziam-me que não continuasse na propaganda, fui fraco, sim, muito fraco!... Cedi!...

No dia em que erguemos a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, eu estava disposto a dedicar-me com mais esforço e atividade à causa santa da regeneração da humanidade e dar um cunho espírita a todas as obras que publicasse, porém, fraco, não tive forças para fazê-lo!...

Hoje, arrependido, me envergonho de tanta covardia moral!...

Resta-me, porém, a consolação de que nunca neguei a verdade; nunca deixei de confessar-me adepto fervoroso da ciência espírita; felizmente ninguém ignorava as minhas convicções, porque não as ocultava, por mais incrédulos e materialistas que fossem os meus interlocutores.

Agora me permitam revelar-vos um quadro do meu passado:

Fui frade no século XVII, e, depois dessa existência, no Espaço, arrependido das minhas faltas, pedi uma nova encarnação para reparar os meus erros.

Estudai esta minha última existência, e reconheceréis a verdade do que vos digo, vereis que, ainda dominado pelas idéias aferradas da anterior existência me sentia arrastado para a Religião Católica como atestam muitos benefícios que fiz às igrejas daqui e da Bahia e à capela da Rua de Itapiru em Catumbi, que fiz edificar à minha custa.

Presentemente reconheço que me desviei, por fraqueza, da senda por mim mesmo traçada antes de vir à Terra...

Mas não esmoreço, porque nunca é tarde para se abraçar a verdade e caminhar para Deus; estudo e me preparo para outra vez voltar à vida material, nova reencarnação; esperando, desta vez, poder reparar o meu triste e infeliz passado: assim me dizem os bons amigos e protetores espirituais que encontrei aqui. Sabeis o que mais me pesa na consciência? O que mais influi em meu sofrimento? Sim, bons amigos, fui na Terra espírita convencido, sincero, crente, mas na prática, não fui um verdadeiro espírita!

Irmãos espíritas, auxiliai a modificar o meu perispírito para poder adquirir a precisa lucidez, a fim de alcançar a irradiação pura e o amor dos Bons Espíritos.

Trabalhai, permiti que eu ao vosso lado, fraco e atrasado, vos auxilie para reabilitar-me perante minha própria consciência, pois estou certo de que ante o supremo tribunal divino, já fui absolvido, porque Deus é o Pai de infinito amor e perdão.

Dr. Mello Moraes



Primeiros Livros Espíritas em Português

Há um grande mistério em torno dos dois primeiros livros espíritas em Português: onde estão os exemplares de *Os Tempos São Chegados*, de Casimir Lieutaud, ou *O Espiritismo na sua Expressão mais Simples*, de Allan Kardec e que foi traduzido por Alexandre Canu? É provável que ninguém saiba a resposta para essa pergunta.

Se não fosse pela informação do escritor Canuto Abreu de que eles seriam os primeiros livros espíritas publicados em Português, talvez estes livros estivessem ainda no anonimato, entre os milhares de livros espíritas já publicados. Eis a informação de Canuto Abreu:

“Em 1860 apareceram os dois primeiros livros em Português: o do professor Casimir Lieutaud, *Os Tempos São Chegados*, o primeiro talvez da América do Sul, e o *Espiritismo na sua Expressão mais Simples*, sem nome do tradutor, o que só apareceu na terceira edição, em 1862, era o professor Alexandre Canu.”

Os Tempos São Chegados

Foi o escritor Zêus Wantuil que achou o rastro de *Os Tempos São Chegados*, sem, contudo, encontrar o livro. No *Reformador* de novembro de 1989, Zêus Wantuil publica matéria intitulada *Casimir Lieutaud — Centenário de Desencarnação* em que ele revela que foram publicados trechos de *Os Tempos São Chegados*, na *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, de 1881.

Esses dados realmente estão na citada revista e a coleção incompleta dessa obra pode ser manuseada na Biblioteca Nacional. O próprio Zêus Wantuil não tem todas as respostas para o enigma que cerca essa obra, conforme escreveu na matéria do *Reformador*:

“Achamos, todavia, que Casimir Lieutaud tenha impresso em Francês, e não em Português, a obra em questão, que seria no máximo um folheto ou opúsculo”. Mais adiante Zêus Wantuil acrescenta:

“Vertido para o Português pelo próprio autor, o trabalho *Os Tempos São Chegados* começou a ser estampado. E acreditamos que apenas resumidamente, em novembro de 1881 na *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*. Pela leitura que dele fizemos, verificamos ter sofrido atualizações, pois nele há a narração de fatos ocorridos entre 1868 e 1873.

Em suas páginas Lieutaud procurou demonstrar terem chegado os tempos “em que, o que foi esquecido, deve ser lembrado e restabelecido; em que, o que não foi compreendido, deve ser explicado, e o que ficou oculto deve, de ora em diante, ser divulgado, segundo as próprias palavras do Cristo”.

Proclama bem alto que “o Espiritismo é seguramente a obra do Consolador, prometido por Jesus ao gênero humano [...]” Tece variadas considerações sobre a Doutrina Espírita e entra no relato

de fenômenos, experiências e casos espíritas da época, ainda de indiscutível atualidade nos dias de hoje.

Não sendo nosso propósito alongarmo-nos em transcrições do trabalho em questão, que apresenta trechos excelentes, impõe-se-nos, porém, evidenciar aqui, com as próprias palavras de Lieutaud, ali colhidas, o amor sincero que ele dedicava à causa do Espiritismo:

“E quanto a mim, intimamente convencido da suma importância do Espiritismo, estimar-me-ei feliz se me for dado poder, até o fim dos meus dias, contribuir, com minha pequena parte, para a propaganda das grandes e confortantes verdades por ele ensinadas, nas quais seus adeptos bebem tão doces consolações, em meio até das circunstâncias árduas desta vida transitória e quase sempre tão tormentosa.” (*Reformador*, novembro de 1989.)

Cabe aqui fazer algumas considerações sobre essas dúvidas: Na página 314 da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* ao se referir a este livro, está escrito “traduzido do Francês pelo seu autor, professor Casimiro Lieutaud” (o erro de grafia é do texto original). Encontramos trechos desse livro na referida “Revista” em novembro de 1881 (páginas 343 a 346) e dezembro de 1881 (páginas 370 a 376).

Na verdade, na sua maior parte, o livro não aborda tantos assuntos espíritas assim. O próprio livro do Marquês de Maricá, escrito vários anos antes, parece abordar mais conceitos espíritas do que este livro. Embora seja este o primeiro a utilizar as palavras Espiritismo e Doutrina Espírita.

O leitor poderá fazer a sua avaliação nos trechos a seguir:

“Um fato, que é excessivamente doloroso de verificar-se, mas cuja evidência somos, de bom ou mau grado, obrigados a inclinarmo-nos, é este que, desde muito cedo, infelizmente, os homens em geral, quase não se preocupam senão com as coisas

materiais e parecem esquecer-se, de mais a mais, destas simples mas profundas palavras do Cristo: *O homem não se nutre somente de pão, senão também de toda palavra que procede da boca de Deus*".

Isto é evidente, o homem não deve contentar-se em prover as necessidades de seu corpo; mas deve também, e principalmente, ter o cuidado de fornecer à sua alma o alimento que lhe é necessário; o qual não pode ser outro, senão a palavra que procede mais ou menos diretamente de Deus.

Desgraçadamente, os homens vivem e obram, pela maior parte, como se nunca tivessem de morrer, ou a menos, como se estivessem certos de chegar à extrema velhice; no entanto, ocupam-se somente em aspirar às honras e às riquezas que, cedo ou tarde, terão de abandonar; muitas vezes para adquiri-las, não recuam diante dos meios mais ilegítimos e mais vergonhosos.

Sua sede insaciável de ouro, seu amor exagerado pelos gozos efêmeros e pelos bens transitórios deste mundo, tornam-lhes quase completamente nulos os bens espirituais, que são os únicos, entretanto, verdadeiramente invejáveis; esses bens de que queria certamente falar Cristo, quando dizia a seus discípulos: *"Não acumuleis para vós tesouros na Terra, onde a ferrugem e as traças os consomem, e os ladrões os desenterram e roubam. Porque onde está o vosso tesouro, aí está o vosso coração."*

Eis outro trecho que selecionamos do livro *Os Tempos São Chegados*, de Casimir Lieutaud:

"Pois bem! Não temo proclamá-lo altamente: o Espiritismo, isto é, a doutrina ou a filosofia fundada sobre a existência, a manifestação e o ensino dos espíritos, é seguramente a obra deste mesmo Consolador, prometido por Jesus ao gênero humano, na pessoa de seus discípulos.

É ele, sem dúvida alguma, que dirige estes inúmeros mensageiros celestes que, manifestando-se, comunicando-se por toda parte,

vêm abrir novos horizontes à pobre humanidade sofredora, e trazer-lhe o alento, os consolos, de que tanto carece, no meio das terríveis provas que está experimentando atualmente.

O Espiritismo, *que abrange aliás todas as questões científicas e morais*, pode, pois, ser considerado como terceira revelação, que a Deus aprove, em sua inesgotável misericórdia, dar aos homens; e as lições dos bons espíritos, que constituem esta nova revelação, devem ser aceitas como sendo, *mui particularmente*, palavras que procedem de Deus.

Jesus dizia, falando da lei mosaica, que ele não viera destruí-la, mas sim cumpri-la.

Pode-se dizer do Espiritismo, não com menos razão, que veio ele não destruir a lei cristã, mas explicá-la, desenvolvê-la e cumpri-la, fazendo-a melhor compreender e praticar melhor do que tem sido até hoje.

Uma das maiores vantagens do Espiritismo é ele estabelecer por fatos irrecusáveis, e demonstrar, por provas, por assim dizer palpáveis, as grandes e salutares verdades da imortalidade da alma e da vida futura, que constituem, sem contestação, a base essencial, indispensável de toda a sociedade humana."

O ESPIRITISMO NA SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES

O segundo livro em questão, *O Espiritismo na sua Expressão mais Simples*, de Allan Kardec, traduzido por Alexandre Canu, também não é encontrado em parte alguma.

O livro *Allan Kardec*, de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen oferece importantes dados sobre essa obra:

“Uma referência que não podíamos deixar de fazer é a que diz respeito à primeira versão, para o Português, de uma obra de Kardec. Em princípios de 1862 saiu a edição *Princeps de le Spiritisme à sa plus Simple Expression*. Ainda nesse ano, esse mesmo opúsculo recebeu versão em Alemão, Polonês, Grego moderno e em Português, e cremos que sob os auspícios do próprio Kardec. A edição portuguesa se achava à venda com J. P. Aillaud, Monlon e C..., em Lisboa, Rio de Janeiro e em Paris. A Biblioteca Nacional possui a 3ª edição portuguesa, que veio a lume ainda em 1862, com o título — *O Espiritismo na sua mais Simples Expressão*, in 8ª, traduzida do Francês por Alexandre Canu.

Canu era da França; espírita, culto e inteligente, muito convicto, e viera do materialismo. Kardec chama-o “colega”, tendo-se a impressão de que Canu tinha sido colega de magistério, instrutor como ele o foi. Pelo menos em 1863, Canu foi secretário da SPEE. Há uma longa carta dele que Kardec fez questão de transcrever na *Revista Espírita* de 1864.

Somente em 1866 foi impressa a referida brochura no Brasil, na capital de São Paulo, pela Typographia Litteraria, Rua do Imperador, nº 94. Tinha o título: *O Espiritismo Reduzido à sua mais Simples Expressão*, e simplesmente como subtítulo: *Traduzido do Francês.*”

A Federação Espírita Brasileira, por sua vez, publicou *O Espiritismo na sua Expressão mais Simples — Exposição Sumária dos Ensinos dos Espíritos e de suas Manifestações*, de Allan Kardec, em 1933, traduzido, naquela ocasião, por Guillon Ribeiro.

É um livreto de 32 páginas, cujo conteúdo é extremamente valioso. A obra aborda os diversos fenômenos, como os ruídos, as pancadas e o movimento de objetos, oferece explicações sobre as mesas girantes, ensina o que são espíritos, aborda os conceitos da alma, corpo e perispírito e fala também sobre as comunicações dos espíritos. Há outras partes do livro que recebem os seguintes

títulos: *Resumo do Ensino dos Espíritos* (com itens 1 a 34) e *Máximas Extraídas dos Ensinos dos Espíritos* (com itens 35 a 60).

No início da obra, Allan Kardec fala do fenômeno das mesas girantes, com texto simples e de fácil compreensão:

“Há 72 anos, em 1848, a atenção pública foi, nos Estados Unidos da América, atraída para diversos fenômenos estranhos, que consistiam em ruídos, pancadas e movimentos de objetos, sem causa conhecida. Tais fenômenos muitas vezes se produziam espontaneamente, com singulares persistência e intensidade, porém logo se observou que mais particularmente se produziam sob a influência de certas pessoas, que foram designadas pelo nome de *médiuns* e que, de alguma forma, as podiam provocar à vontade, o que permitiu a repetição das experiências.

Os experimentadores se serviam principalmente de mesas, não porque esse objeto fosse mais favorável do que outro, mas unicamente porque era mais mobilizável, mais cômodo e porque mais fácil e naturalmente algumas pessoas se sentam à volta de uma mesa do que em torno de qualquer outro móvel. Obteve-se, assim, a rotação da mesa, depois movimentos em todos os sentidos, saltos, reviramentos, pancadas violentas. Foi a esse fenômeno que, a princípio, se deu a designação de *mesas girantes* ou *dança das mesas.*”(sic)

Mais adiante nessa obra, Allan Kardec se pergunta o que são os espíritos, ao que ele responde:

“Veio-se a saber, pelo que eles próprios disseram, que os espíritos não são seres à parte na criação e sim as almas dos que viveram na Terra, ou em outros mundos, que essas almas, depois de terem despedido o invólucro corporal, povoam e percorrem o Espaço. Não mais se pôde duvidar disso, desde que muitos tiveram de reconhecer parentes e amigos entre essas almas e com elas lograram entrar em comunicação; desde que esses parentes e ami-

gos vieram dar a prova de que existiam, demonstrar que apenas seus corpos morreram, que suas almas ou espíritos continuam a viver, que estão perto daqueles a quem amaram, vendo-os, observando-os, como quando vivos, cercando-os de cuidados e encontrando grande satisfação em serem por eles lembrados.”(sic)

Em seguida, Allan Kardec aborda as três coisas essenciais, que ele chama de alma ou espírito, corpo e perispírito, explica os tipos de mediunidade existentes e ensina o que é o Espiritismo, cita as obras básicas da Codificação e afirma que, em verdade, o Espiritismo nada tem de novo:

“A própria doutrina que os espíritos hoje ensinam nada tem de novo. Ela se encontra, fragmentada, na maioria dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia e toda inteira nos ensinamentos do Cristo. Que vem fazer então o Espiritismo? Vem confirmar, por meio de novos testemunhos, demonstrar, por fatos, verdades desconhecidas ou mal compreendidas, restabelecer o verdadeiro sentido das que foram mal interpretadas.”(sic)

Enfocando o ponto de vista religioso, o Consolador prometido afirma:

“Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras; mas independe de qualquer culto particular. Seu objetivo é provar, aos que negam ou duvidam, que a alma existe e sobrevive ao corpo, que experimenta após a morte as conseqüências do bem ou do mal que tenham feito durante a vida corporal. Ora, isto é de todas as religiões.”(sic)

Como já foi dito, a segunda parte da obra recebeu os seguintes títulos: *Resumo do Ensino dos Espíritos* e *Máximas Extraídas dos Ensinos dos Espíritos*.

São, ao todo, 60 conceitos básicos, como este, que é o primeiro:

“Deus é a inteligência suprema, a causa primária de todas as coisas. É eterno, único, imaterial, imutável, onipotente, soberanamente justo e bom. É necessariamente infinito em todas as suas perfeições, porquanto, se supuséssemos imperfeito um só de Seus atributos, já ele não seria Deus.”(sic)

Alguns anos mais tarde, em 1864, Allan Kardec escreveria na sua *Revue Spirite* um breve comentário sobre os progressos do Espiritismo, no Rio de Janeiro, falando ainda da contribuição do livro acima citado para espalhar o Espiritismo no Brasil. Escreveu Allan Kardec:

“Verificamos com satisfação que a idéia espírita faz sensíveis progressos no Rio de Janeiro, onde ela conta com numerosos representantes, fervorosos e devotados. A pequena brochura *Le Spiritisme à sa plus Simple Expression*, publicada em língua portuguesa, contribuiu, não pouco, para ali espalhar os verdadeiros princípios da Doutrina.”(sic)



Dados Cronológicos 1870 a 1880

(**DADOS RETIRADOS DO *REFORMADOR*, DE JANEIRO DE 1954, E DO LIVRO *ESPIRITISMO BÁSICO*, DE PEDRO FRANCO BARBOSA.**)

Em 2 de agosto de 1873, funda-se, no Rio de Janeiro, a “Sociedade de Estudos Espíritos Grupo Confúcio”, da qual resultou, em 1876, a Sociedade de Estudos Espíritos Deus, Cristo e Caridade.

Foi o primeiro núcleo espiritista fundado nesta capital, e seu Regulamento impresso está datado de 9 de outubro de 1873.

A divisa da Sociedade era: “Sem caridade não há salvação, sem caridade não há verdadeiro espírita”.

O Regulamento declarava ser Ismael o espírito protetor, o guia espiritual do grupo.

Em 1 de janeiro de 1875, do Grupo Confúcio surgiu o primeiro órgão de propaganda espírita no Rio de Janeiro — *Revista Espírita*, sob a direção de Antônio da Silva Netto.

Em 15 de janeiro de 1875, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, anunciava o aparecimento de *O Livro dos Espíritos* em Português.

Ao longo de 1875, surgem na cidade os primeiros livros de Allan Kardec, traduzidos por Joaquim Carlos Travassos, e publicadas pela Editora B. L. Garnier: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Céu e o Inferno*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Ainda em 1875, Adolfo Bezerra de Menezes lê, pela primeira vez, *O Livro dos Espíritos*, que lhe fora oferecido por Joaquim Carlos Travassos, seu primeiro tradutor em língua portuguesa.

Em 23 de março de 1876, foi fundada no Rio a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade, por participantes do Grupo Confúcio, com programa inteiramente evangélico, sob a orientação de Bittencourt Sampaio. Seus estatutos foram publicados com a data de 30 de março de 1876.

Em 20 de maio de 1877, é fundada, no Rio de Janeiro, a Congregação Espírita Anjo Ismael, por alguns membros que se desligaram da Sociedade de Estudos Espíritas. Mais tarde, elas se fundiram.

Em 8 de junho de 1878, foi criado o Grupo Espírita Caridade, por alguns membros da Sociedade de Estudos Espíritas, que não viam no Espiritismo apenas uma ciência.

Em 3 de outubro de 1879, foi fundada a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, no Rio de Janeiro, cujos estatutos foram publicados no mesmo ano.

Em 21 de março de 1880, foi instalado, no Rio de Janeiro, o Grupo Espírita Fraternidade, com estudos teóricos e trabalhos práticos. Sua ação no meio espírita foi longa e proveitosa, vindo a dissolver-se completamente em 1893.

Em 6 de junho de 1880, é criado o Grupo Humildade e Fraternidade, anexo ao Grupo Espírita Fraternidade, sendo Ewerthon Quadros um dos fundadores.

Em 15 de janeiro de 1880, fundou-se, no Rio de Janeiro, o Grupo dos Humildes, mais conhecido pelo nome de Grupo do Sayão, e que, em 1884, passou a fazer parte da FEB, com o nome de Grupo Ismael.

Ainda em 1880, Augusto Elias da Silva, futuro fundador da Federação Espírita Brasileira e do *Reformador*, lança a União dos Espíritas do Brasil, a que preside.



O Primeiro Poema na Imprensa

Este poema é de autoria de Otaviano Hudson e foi publicado no jornal *A República*, em 14 de fevereiro de 1871, o que lhe garante a condição de ser o primeiro poema escrito, no Rio de Janeiro, sobre o Espiritismo.

É quase que, seguramente, o primeiro poema sobre o Espiritismo publicado na imprensa brasileira, uma vez que, o único poema mais antigo, que se tem conhecimento, é *O Espiritismo: meditação poética sobre o mundo invisível acompanhado de uma evocação*, de autoria de Júlio César Leal, publicado em forma de um folheto, de 16 páginas, na cidade alagoana de Penedo.

*

* *



ESPIRITISMO

“Silêncio! Cantam os anjos
Nos degraus do trono santo?
Enquanto as almas errantes
Derramam dolente o pranto!

Não tenho a luz que iluminou a mente
Ardente e lúcida de teu irmão poeta
Sei, que morrendo se esvaiu com ele
Nas glórias pátrias a famosa meta.

Embalde tentas me chamar a campo
Donde me acho a repousar dormente
Alma ilustrada, associada a outras
Comigo o fado lamentou e sente.



Foi do Eterno receber no seio
O santo preço do sofrer na Terra,
Arca de dotes de harmonias caras,
Sua alma pura no Empíreo encerra.

Dos astros que luzem
Com tanto esplendor,
Eu sou soberano,
Sou astro de amor!

Nas almas
Mais calmas
Impera Constante,
Meu ser cintilante!

E qual sensitiva
Que furta-se a mão
Medrosa e esquiva,





Assim do vivente
Meu rosto amoroso,
Se vela fulgente!
E do desgraçado
Que vive isolado
Traído de amor
Eu sou protetor,
Sou anjo e fanal,
Protejo-o do mal.
E se agra sorte
Prepara-lhe a morte,
No meu seio ardente
Sua alma dolente
Repousa amorosa
Da Vida afanosa!

(Octaviano Hudson)



Combatendo o Espiritismo 1874

**A SEGUIR INCLUÍMOS UMA MATÉRIA QUE
DEMONSTRA O MAIS FERÓZ E INTRANSIGENTE
COMBATE AO ESPIRITISMO.**

“Após desta coarctada em nome da moral, vem a propósito passar a um assunto grave e tristonho: o da influência do Espiritismo, que vai-se generalizando de modo assustador. O Espiritismo vem produzindo loucos. É uma epidemia mais perigosa do que febre amarela. De tempos em tempos vem-nos a notícia de que mais uma vítima tombou no abismo. Uns fetiches asiáticos e outros africanos exigiam sangue, Allan Kardec exige a razão. Principiaram livreiros e ociosos propagando o veneno e esta natureza brasileira exuberante de seiva e de curiosidade vai-se atirando ao tremedal com uma coragem que faz tremer.

Mais de um infeliz temos visto esvaecer-se a razão, ao modo do aerolito que se apaga, mergulhando no espaço. Fizeram de Allan um Deus e é um Deus de sombras que vai envolvendo em trevas e na dúvida a todos os princípios de moral e de religião.



Eu denuncio à polícia o mal. A nova seita tem os seus templos e são uns antros, temos seus sacerdotes que são simplesmente uns especuladores e os seus livros que são na maioria dos casos de haver o dinheiro alheio.

Há Jucá Rosa de todas as espécies e de todas as cores, e tanto vale o antro do largo de S. Domingos muito conhecido da polícia, como o salão misterioso dos propagandistas espiritistas.”(sic) (*Jornal do Commercio*, 13 de dezembro de 1874.)



A Chegada dos Livros de Kardec e da *Revista Espírita* (1875)

Um ano de grandes acontecimentos para o Espiritismo brasileiro e carioca foi 1875. Somente nesse ano a cidade recebeu a sua primeira *Revista Espírita*, bem como os primeiros livros em Português de Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *O Céu e o Inferno*.

O restante da obra de Kardec seria publicada até 1892: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 1876; *A Gênese*, 1882; *O que é o Espiritismo*, no *Reformador*, em 1883; em livro, 1884; *Obras Póstumas*, em fascículos 1891; em livro, 1892.

1875

Ainda não completara, no primeiro dia do ano de 1875, seis anos da morte de Allan Kardec, não havia nenhuma Sociedade kardecista na cidade — a primeira surgiria no ano seguinte e seria a “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade” —, ainda não havia sido fundada a Federação Espírita Brasileira e, até

aquele momento, a obra de Allan Kardec ainda não havia sido traduzida para o nosso idioma. Quem quisesse ficar por dentro dos novos ares que sopravam das terras francesas — e se espalhavam rapidamente por todo o continente europeu — teria de dar uma passadinha na elegante Garnier, na Rua do Ouvidor, e comprar um exemplar das luxuosas edições francesas.

Foi naquele mês de janeiro de 1875 que surgiu a *Revista Espírita*, a primeira folha espírita publicada no Rio de Janeiro (a segunda do Brasil — a primeira foi o *Eco d'Além-túmulo*, da Bahia, fundado em julho de 1869), exatos 8 anos e vinte dias antes do *Reformador*, e poucos dias antes de ser anunciada a primeira tradução de um livro de Allan Kardec, que viria a ser *O Livro dos Espíritos*, editado pelo mesmo Garnier.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

O primeiro a ser anunciado pela imprensa carioca foi *O Livro dos Espíritos* ou *Philosophia Espiritualista*, traduzido por Fortunio, conforme constava na grande matéria no *Jornal do Commercio* escrita pelo editor B. L. Garnier. No dia seguinte G. da Chalard escrevia uma grande matéria sobre *O Livro dos Espíritos*. Na verdade, o tal Fortunio era o Dr. Joaquim Carlos Travassos.

“Imprensa — Publicou-se, traduzido por Fortunio, *O Livro dos Espíritos* ou *Philosophia Espiritualista*, de Allan Kardec, que aliás protesta não ser mais do que o compilador das doutrinas que lhe ensinaram os espíritos sobre a imortalidade da alma, a natureza dos mesmos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente e a futura e o porvir da humanidade. A missão de Allan Kardec para escrever esta obra está autenticada por uma ordem emanada do mundo dos espíritos, impressa no começo do livro e referendado por S. João Evangelista, Santo Agostinho, S. Vicente de Paulo, S. Luís, o Espírito de Verdade,

Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg, etc., etc. Como não queremos graça com os espíritos e estes dois etc., etc. podem não ser muito lisonjeiros aos ilustres signatários, que talvez um pouco sem cerimônia foram assim atrevidos, declaramos que a responsabilidade é toda do autor, que passou por altos nomes sem dúvida não menos preclaros do que os estampados.

A teoria aqui revelada pelos espíritos não é, na verdade, coisa que não tenha sido já dita ou sonhada pelos mortais, mas o livro todo está em vê-la agora sancionada pela indisputável autoridade desses seres sobre-humanos que *enchem* o Espaço. Este mesmo enchimento compreende-se facilmente desde que ficamos sabendo, sobre a fé dos mesmos espíritos, que andam eles embrulhados num perispírito, espécie de envoltório semimaterial, etéreo, graças ao qual podem em certos casos tornar-se visíveis e até tangíveis. [...]” (*Jornal do Commercio*, 14 de janeiro de 1875.)

REVISTA ESPÍRITA

Onze dias depois começavam a pipocar as primeiras notícias da *Revista Espírita*. O *Jornal do Commercio* do dia 26 dava apenas uma nota:

“Apareceu a primeira caderneta de uma *Revista Espírita*, publicação mensal de estudos psicológicos, feita sob os auspícios de alguns espíritas e redigida pelo Sr. A. da Silva Netto”.

Porém, a mais importante nota relativa ao lançamento da *Revista Espírita* foi a do jornal *O Globo*, também do dia 26 de janeiro de 1875:

“Saiu a lume o nº 1 da *Revista Espírita*, publicação mensal de estudos psicológicos, feita sob os auspícios de alguns espíritas e redigida pelo Sr. Dr. A. da Silva Netto. O presente número contém o seguinte: Introdução, Discurso proferido na sessão de 22 de

agosto de 1874 pelo presidente da Sociedade de estudos espíritas Grupo Confúcio; Vocabulário espírita; Diferentes naturezas de manifestações; Resposta dos espíritos a algumas questões; Diferentes modos de comunicação; Reconhecimento da existência dos espíritos e suas manifestações; Instruções dos espíritas, maneira de orar, dita da oração; *O Livro dos Espíritos*, o *Dicionário Universal de Maurício Lachâtre* e o *Jornal do Comércio*.”(sic)

A revista *O Mequetrefe* no seu nº 6 fala sobre o recebimento da *Revista Espírita* e no nº 10 sobre o conteúdo do segundo número da *Revista Espírita*: um estudo sobre a loucura; uma estatística prometida no número anterior; a Classificação dos Espíritas e a Teoria dos Fluidos.

Segundo Zêus Wantuil, ex-presidente da Federação Espírita Brasileira e autor do livro *Grandes Espíritas do Brasil*, a *Revista Espírita* “compunha-se principalmente de artigos extraídos da *Revue Spirite* e de mais alguns jornais estrangeiros, além de trechos das obras básicas de Kardec, nos quais se encontravam expostos os princípios da Doutrina. Por vezes, esses extratos recebiam comentários elucidativos”. Ainda segundo o autor: “Nesse mesmo número da revista, Silva Netto inicia uma série de artigos (o primeiro intitulado *O Dicionário de Maurício Lachâtre* e os outros, *A Loucura* em resposta às mentirosas e caluniosas palavras que infeliz folhetinista do *Jornal do Comércio* de 13 de dezembro de 1874 lançou sobre o Espiritismo e os espíritas [...]”.

O CÉU E O INFERNO

Embora o autor não tenha encontrado matéria divulgando *O Livro dos Médiuns*, achou, todavia, uma sobre o lançamento de *O Céu e o Inferno*, também de Allan Kardec, publicado em *A Reforma*:

“Um livro sobre Espiritismo — mais um livro sobre o Espiritismo acaba de ser vertido para a língua portuguesa, sendo editor da versão o Sr. B. L. Garnier, intitula-se *O Céu e o Inferno, ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo*, contendo o exame comparado da doutrina sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, as penas e as recompensas futuras, os anjos e os demônios, as penas eternas, etc., e acompanhado de numerosos exemplos sobre a situação real da alma durante e depois da morte. A obra é de Allan Kardec, autor de *O Livro dos Espíritos*.

Neste volume vem a biografia do fundador da famosa doutrina que conta hoje tantos adeptos, embora coisa alguma tenha lucrado a humanidade com a propagação de semelhantes princípios.

Agora mesmo, terminou em França um processo célebre, intentado pela justiça pública contra a redação da *Revista Espiritista* e uns fotógrafos da seita, que mediante certa soma tiravam relatos das pessoas, cujos espíritos eram invocados, com tanto que se dessem certas circunstâncias julgadas altamente agravantes pelos tribunais franceses.

Não desanimou isto a sectário do Espiritismo, formulou-se outro jornal, e diariamente aparecem mais livros sobre este assunto, entre esses um dos mais curiosos é aquele cuja versão acaba de se publicar aqui.” (*A Reforma*, 11 de novembro de 1875.)



Imprensa Combate Kardec (1875)

O capítulo anterior nos mostra a intransigência do *A Reforma*, que sobre a Doutrina Espírita escreveu que “coisa alguma tenha lucrado a humanidade com a propagação de semelhantes princípios”. Também esta folha colocou o Espiritismo sob suspeita ao dizer que os seguidores da doutrina “mediante certa soma, tiravam retratos das pessoas, cujos espíritos eram invocados [...]”.

Outros, como o jornal que atendia pelo inusitado nome de *O Mosquito*, pareciam muito mais enraivecidos pelo surgimento da Doutrina Espírita:

“Agradecemos a oferta de exemplares das seguintes publicações, com que fomos brindados:

Ao Sr. B. L. Garnier — *O Céu e o Inferno, ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo*, por Allan Kardec. O fato deste livro ser traduzido prova que entre nós há muitos idiotas, e o de ser traduzido da quarta edição — que por lá também os hão.” (*O Mosquito*, 13 de novembro de 1875.)

Os mais ferozes ataques parecem ter sido ministrados pelo jornal *O Novo Mundo*, periódico brasileiro, publicado em Nova Iorque, em língua portuguesa, e que circulava pela nossa corte:

“[...] Intuitivo é que quero falar do amabilicismo livreiro, Sr. B. L. Garnier, que, cedendo a instigações de interessados, ou não pensando assaz no mal que com a sua condescendência poderia fazer, tem dado à estampa os devaneios de Allan Kardec, famigerado apóstolo do Espiritismo e responsável por tantos e tão lamentáveis desarranjos mentais. Sabido é que na natureza humana, sempre houve, e infelizmente ainda há, extraordinária propensão para o maravilhoso, que tem o atrativo do fruto proibido, prometendo nos descortinar novos horizontes e revelar mistérios insondáveis. Até agora os livros desses funestos videntes eram escritos em idiomas estranhos e por isso inacessíveis à grande maioria da população, mas agora que se estão vertendo na língua vernácula, ninguém haverá que não deseje travar conhecimento com eles e instruir-se nas novas e facínoras teorias que aí se propagam, visto como dando diversa interpretação ao dogma da imortalidade da alma buscam restaurar a velha doutrina dos filósofos indianos, conhecido por metempsicose. [...]” (*O Novo Mundo*, 23 de abril de 1875.)



(Fac-símile do nº 1 da Revista Espírita.)

399, 1, 2

REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL DE

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

FEITA SOB OS AUSPICIOS DE ALGUNS ESPIRITAS

CONTENDO

Os factos das manifestações dos Espíritos. — Noticias relativas ao Espiritismo. — Transcrições da doutrina espirita. — Os ensinamentos dos Espíritos relativos ao mundo visível e invisível; sobre sciencias, sobre a moral, sobre a immortalidade d'alma, sobre a natureza do homem e seu futuro. — A historia do Espiritismo na antiguidade; suas relações com o magnetismo e o somnambulismo; a explicação das lendas e creanças populares, da mythologia de todos os povos, etc.

REDIGIDA POR

A. DA SILVA NETTO



Toda effeito tem uma causa. Todo effeito intelligente tem uma causa intelligente. A potencia da causa intelligente está na razão da grandezza do effeito.

PRIMEIRO ANNO — N. 1. — JANEIRO DE 1875

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE DOMINGOS LUIZ DOS SANTOS

18—Rua Nova do Ouvidor—18

1875.

Revista Espírita — Número 1 (1875)

O trecho a seguir foi retirado, do primeiro número, da *Revista Espírita*, publicada em janeiro de 1875:

Discurso proferido na sessão de 22 de agosto de 1874 por A. da Silva Netto, Presidente da Sociedade de Estudos Espíritos — Grupo Confúcio:

“Meus senhores e caros irmãos, há um ano apenas, como sabeis, que nos reunimos em grupo para estudar, tanto quanto permitissem as nossas forças, as verdades que o Espiritismo como ciência de observação e como filosofia ensina. Desde o começo dos nossos trabalhos tivemos alguns membros deste nosso Grupo convictos das manifestações dos espíritos desencarnados, por isso já haviam observado algures quanto lhes havia bastado para estabelecer em seus ânimos convicção profunda das relações que existem entre o mundo visível e o mundo invisível; outros, porém, e no número desses que neste momento ocupam a vossa atenção, falando do lugar que lhes confiastes e com o qual se julgaria vangloriado se pudesse ter a certeza *a priori* de haverdes obedecido

aos bons espíritos encarregados da regeneração da fração da humanidade que se acha sobre a Terra, eu, digo, não estava convencido da imortalidade d'alma, conseguintemente não acreditava na manifestação dos espíritos.

A filosofia positiva havia impregnado o meu ser pensante. O magnetismo, colocando-se de permeio às minhas idéias, obrigava-me a não ceder diante de fenômenos que têm levado a convicção, como por encanto, a muita gente!...

Comunicações dos espíritos pelos *médiuns*; eu mesmo ensaiando mediunidade e respondendo a perguntas mentais; a aparição de um espírito familiar por duas vezes em minha casa; movimento de trastes; pancadas fortes, nada disso me havia convencido da minha imortal individualidade! Eu porém buscava investigar a verdade, desejava conhecer a lei de tão estranhos fenômenos. Estudei com ardor os escritos de nosso mestre, e posto sentisse no coração o bálsamo suave da sublime filosofia espírita, não bastou ao meu espírito forte ou para melhor dizer de trevas, a fé que as provas morais costumam dar às almas felizes. [...]"



Primeiros Grupos Espíritas

**REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS,
CRISTO E CARIDADE**

Número 5, maio de 1881

Apresentamos aqui o mais valioso registro da atividade dos Centros Espíritas do Rio de Janeiro no século XIX. Dedicamos este trabalho aos abnegados seareiros que semearam as primeiras sementes espíritas no solo carioca.

*

* *

GRUPO ESPÍRITA CONFÚCIO

Este Grupo fundado nesta capital, em 9 de outubro de 1873, de acordo com os princípios exarados nas obras fundamentais da Ciência Espírita, logo desde o seu começo, os seus dedicados obreiros, imprimiram uma marcha metódica e progressiva nos seus trabalhos. Do seu regulamento, impresso, extraímos o seguinte: “O Grupo tem por fim o estudo dos fenômenos relativos às manifestações espíricas, bem como o de suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. Compõe-se de membros titulares, sócios livres e membros correspondentes, e poderá conferir o título de Membro Honorário”.

**REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS,
CRISTO E CARIDADE**

Número 6, junho de 1881

O ESPIRITISMO NO BRASIL

É sua divisa: sem caridade não há salvação; sem caridade não há verdadeiro espírita.

Administrado por um Presidente, um Vice-presidente, 1º e 2º Secretários e um Tesoureiro.

O Presidente tem por dever dispensar todos os seus cuidados à Sociedade e à Ciência Espírita. Sessões regularmente celebradas em dias determinados e em número de quatro por mês; duas das quais reservadas para os sócios, que procuram aprofundar

o estudo, e nas outras duas são admitidas pessoas estranhas ao grupo. Pela boa vontade de seus associados, durante um ano mais ou menos, este grupo, dando execução aos seus bem-organizados Estatutos, conseguiu enriquecer os arquivos espíricos com trabalhos importantes, segundo nos consta, filosóficos e doutrinários, obtidos em suas sessões. Publicou durante seis meses uma revista interessante, cujos números possuímos em nossa biblioteca.

Infelizmente o espírito da discórdia penetrou em seu seio, plantando a desarmonia entre os sócios, que abandonaram os trabalhos e separaram-se, deixando o arquivo em mãos incompetentes, que o conservam sob seu domínio de um modo irregular e indébito. A Sociedade contava bom número de membros, dos quais um pequeno grupo, não contaminado pelo vício do desânimo, animado pelo espírito de associação, fundou nesta capital, aos 26 de abril de 1876, a Sociedade de Estudos Espíricas Deus, Cristo e Caridade.

**SOCIEDADE DE ESTUDOS ESPÍRICAS DEUS,
CRISTO E CARIDADE**

Fundada sob os auspícios de antigos membros do Grupo Confúcio, esta Sociedade viveu e arrastou uma existência cheia de dificuldades e lutas de toda sorte, até que após três anos e cinco meses de trabalhos, conseguiu congregar os elementos dispersos, donde surgiu a Sociedade Acadêmica. A Sociedade de Estudos Espíricas, consagra, em sua lei fundamental, preceitos e idéias que indicam claramente a sua filiação ao Grupo Confúcio; revelando ao mesmo tempo, a sua administração, o aproveitamento, a lição deduzida dos fatos observados. Assim, tomou ela certas precauções, restringiu direitos e confiou a sua administração a uma comissão diretora.

Muitos trabalhos, alguns dos quais importantes sob mais de um ponto de vista, foram executados no seio desta Sociedade: como seja o denominado Missão dos Espíritas.

Por mais de uma vez, o espírito de desordem tentou lançar as cizânias entre os seus membros, que felizmente nunca se desaviram, nunca se desuniram. Das tentativas do espírito de revolta no seio da Sociedade, resultou: da primeira vez, a criação do Grupo Ismael, e da Segunda, a do Grupo Caridade. Ambos, como mais adiante se verá, prestaram serviços à causa do Espiritismo.

A Sociedade de Estudos Espíritas reunia os seus membros duas vezes por semana em dias e horas determinados; uma vez para trabalhos medianímicos — exclusivamente — evocações; outra para estudos práticos e teóricos. O seu desenvolvimento foi lento, porém progressivo.

CONGREGAÇÃO ANJO ISMAEL

Um muito limitado número de membros compunha este grupo, fundado em 20 de maio de 1877. Encarando o Espiritismo sob o ponto de vista moral, limitaram-se quase exclusivamente aos trabalhos chamados de moralização, dos desencarnados; em sessão; e fora das sessões, em qualquer hora do dia e da noite, procuravam, com zelo e abnegação, pôr em prática a moral cristã, correndo em auxílio daqueles que recorriam à sua caridade; e a exerciam como verdadeiros apóstolos; ora doutrinando, ora buscando aliviar os sofrimentos, quer morais quer físicos; sempre levando o conforto aos corações aflitos e a fé e a esperança às almas enfermas. Este trabalho era uma propaganda ativa, um dos meios de, mais rapidamente, tornar o Espiritismo conhecido e estimado pelos benefícios, que espalhava, às mãos cheias, sobre os desventurados; mostrando que é um bálsamo salutar, mas precisa ser aplicado por mãos hábeis e delicadas.

Viveu o grupo sem regimento escrito por longo tempo, reunindo-se os seus dedicados membros regularmente todas as semanas, em dias certos, para os trabalhos espíritos. Faziam atas, copiavam em livros as comunicações que recebiam, quer espontaneamente quer provocadas; e guardavam os trabalhos originais colecionados, e assim formaram um pequeno arquivo, que, por ocasião da fusão das sociedades, ofertaram à de Estudos Espíritas.

GRUPO ESPÍRITA CARIDADE

Foi criado por alguns membros da Sociedade de Estudos Espíritas, que cheios de ardidez não se contentavam com o estudo científico do Espiritismo, e não estavam dispostos a ver no Espiritismo pura ciência, consideravam-no antes como uma doutrina moral, e queriam, como tal, vê-lo aceito e posto em prática. Instalado o grupo, em 8 de junho de 1878, trabalhou, desenvolveu médiuns e abriu suas portas com franqueza. Fez grande número de prosélitos. Viveu algum tempo, regendo-se por um regulamento interno, o qual mais tarde foi substituído por estatutos, que apresentados ao governo, não foram aprovados por motivos enganosos; como se vê pelos comentários que estamos publicando.

Seus membros, ativos e trabalhadores, fizeram propaganda. Tendo no começo se limitado à parte moral do Espiritismo, acabaram por adotar a parte científica, e então encetaram estudos teóricos e práticos, e desenvolveram teses filosóficas; como se vê do arquivo que, por ocasião da fusão, ofertaram à Sociedade de Estudos Espíritas. E assim terminaram os seus trabalhos, que foram executados sempre com regularidade até 28 de janeiro de 1879.

GRUPO ESPÍRITA FRATERNIDADE

Este grupo foi instalado nesta corte, em 21 de março de 1880; funciona regularmente duas vezes por semana, tendo uma sessão para estudos teóricos e outra para trabalhos práticos. Tem feito progresso tanto nos trabalhos como nos estudos; conta grande número de associados, o que, aumentando-se de dia para dia, deu causa a constituírem-se dois grupos, pois que o número de sócios é limitado para cada grupo, conforme se lê nas disposições gerais dos seus estatutos.

Quando o número de associados, a um grupo, excede o limite determinado, cria-se novo, ao qual se filiam os excedentes do antigo, e assim sucessivamente se irão criando outros.

Foi instalado sob belos auspícios e tem uma administração original, uma verdadeira inovação, segundo os estatutos impressos, que nos foram oferecidos pelo mesmo grupo.

A forma de administração nos parece a mais própria e a mais adequada aos seus fins.

Eis em extrato um dos ofícios que nos enviaram:

“Em nossa sessão administrativa do grupo Fraternidade, que teve lugar a 6 do corrente, resolveu-se, em obediência ao preceituado no artigo único, cap.7 do seu regulamento, a criação de um novo grupo, que tomou o nº 2 sob o título — Humildade e Fraternidade.

Este grupo funciona sob as mesmas leis de Fraternidade, independente apenas na parte administrativa. A harmonia que deve reinar entre todos os crentes da causa bendita que sustentamos, a satisfação que tereis de saber, que alarga-se a espera dos adeptos, o sentimento do amor que vos tributamos, e o dever de cortesia, determinaram aos membros do Grupo Fraternidade, em sessão de hoje, a fazer-vos esta participação.”

GRUPO ESPÍRITA DEUS CRISTO E CARIDADE

Diversos espíritas reuniram-se em grupo, tendo em vista especialmente estudar os Evangelhos à luz do Espiritismo. Somos sensíveis à prova de adesão e estima, que tributaram, à Sociedade Acadêmica, aqueles cavalheiros, escolhendo para título do grupo que fundaram, aquelas três palavras que constituem o nome desta nossa Sociedade.

Temos conhecimento dos brilhantes resultados colhidos pelos dignos obreiros da nossa espiritualidade.

**GRUPO ESPÍRITA FILOSÓFICO
ISMAEL E S. LUÍS**

Alguns sócios, não concordando com a marcha da Sociedade Acadêmica, afastaram-se dela e foram erguer o seu estandarte no campo da Filosofia pura, como se vê do título do grupo que fundaram, sob a proteção de Ismael e S. Luís. Consta-nos que se reúnem de ordinário duas vezes por semana, para os seus trabalhos, que são de duas ordens — uma, discussões filosóficas dos problemas espiríticos e teses sobre temas morais e sociais; outra dedicada aos trabalhos práticos.

Rigorosos na admissão de sócios, vivem vida íntima e dificilmente consentem que pessoas estranhas assistam aos trabalhos que fazem.

**GRUPO ESPÍRITA FÉ,
ESPERANÇA E CARIDADE**

Em fins do ano passado, fundou-se na parte mais central desta cidade, um grupo que, como indica o seu nome, parece querer só visar a espiritualidade celestial. Reúnem-se os seus membros,

para terem a satisfação de estar em relação direta com os espíritos, que os vêm animar na senda do progresso, quando são protetores; e quando são inferiores, eles procuram confortá-los, mostrando-lhes o seu estudo, e com caridade, fazendo nascer neles a fé e a esperança.

GRUPO ESPÍRITA FÉ, AMOR E CARIDADE

Com este título existe em um dos arrabaldes desta cidade um grupo que funciona regularmente, ou antes quase diariamente. As reuniões começaram em agosto de 1880. Este grupo limita-se aos trabalhos práticos do Espiritismo, e vai colhendo resultados do seu zelo e dedicação. Espíritos de diversas categorias têm-se manifestado nesse grupo.

Diversas teorias têm sido, aí, apresentadas por espíritos, que geralmente desejam desviar os associados da marcha que encetaram; mas, apesar disso, o grupo continua a existir e cada vez mais persevera na senda traçada, de ensinar aos espíritos imperfeitos as verdades eternas.

GRUPO ESPÍRITA HUMILDADE E FRATERNIDADE

Este grupo é um desdobramento do Grupo Fraternidade, que obedecendo à sua lei orgânica, viu-se obrigado, pelo grande número de associados que se vão apresentando, a dividir-se em dois. Eis um extrato do ofício em que amistosamente nos comunica a sua instalação:

“Aos irmãos da Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade, paz e amor.

Com subido prazer sou encarregado de comunicar-vos, que a 7 do corrente, de conformidade com os prescritos nos estatutos

do Grupo Espírita Fraternidade, encetou seus trabalhos na senda ensinada, por dezoito séculos aos homens, pelo Enviado dos Céus, para chegarem ao descobrimento da verdade, o Grupo Espírita Humildade e Fraternidade.

Contando com o poderoso concurso, suplica ao Onipotente Senhor dos mundos, lança sua bênção sobre os infatigáveis trabalhadores, que o precederam na luta.” (Este texto continua com Grupos que não eram do Rio de Janeiro.)



Dados Cronológicos 1880 a 1890

(DADOS RETIRADOS DO *REFORMADOR*, DE FEVEREIRO E MARÇO DE 1954, E DO LIVRO *ESPIRITISMO BÁSICO*, DE PEDRO FRANCO BARBOSA.)

Em 1 de janeiro de 1881, surgiu o primeiro número da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*. Esta foi a segunda revista espírita aparecida no Rio de Janeiro, cujo nome foi mudado para *Revista Espírita do Brasil*, ocasião em que passou a ser órgão do Centro da União Espírita.

Em 7 de junho de 1881, é lançado o Grupo Espírita Humildade e Fraternidade, com apoio de Francisco Raimundo Ewerton Quadros, que será, anos mais tarde, o primeiro presidente da Federação Espírita Brasileira e um dos seus fundadores.

Em 28 de agosto de 1881, é o Espiritismo pela primeira vez perseguido pela polícia, sendo proibida a realização das sessões da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, na época a sociedade de maior prestígio no Brasil.

Em 28 de agosto de 1881, um grupo de espíritas entusiasmados fundou o Grupo Espírita Vinte e Oito de Agosto, a fim de que esta data jamais ficasse esquecida.

Em 30 de agosto de 1881, a Sociedade é intimada oficialmente a suspender suas reuniões, havendo a diretoria expedido ofícios ao Chefe de Polícia e ao Ministro da Justiça, tendo aquele recebido ainda uma comissão de espíritas, de que faziam parte Antônio Pinheiro Guedes, Lima e Cirne e Joaquim Carlos Travassos, para exposição dos fatos e sustação das medidas policiais.

Em 6 de setembro de 1881, instalou-se no Rio de Janeiro o primeiro Congresso Espírita do Brasil, do qual resultou, em 3 de outubro do mesmo ano, o Centro da União Espírita do Brasil, dentro da Sociedade Acadêmica, mais ou menos com a mesma orientação e mesmos fins do Conselho Federativo Nacional criado, mais tarde, em 5 de outubro de 1949.

Em 6 de setembro de 1881, a diretoria da Sociedade Acadêmica envia um longo Memorial ao Imperador D. Pedro II, em defesa do Espiritismo, que, então, era vítima da sua primeira perseguição em terras brasileiras.

Em 6 de setembro de 1881, o Imperador D. Pedro II recebe uma comissão de espíritas, que lhe entrega documento com minuciosa exposição dos fatos e o pedido de que se faça justiça. O Imperador, na ocasião, disse que não consentiria em perseguições.

Em 7 de setembro de 1881, a Sociedade Acadêmica transmite ao Papa Leão XIII a sua reprovação aos fatos lamentáveis ocorridos em Roma, na noite de 13 de julho do mesmo ano, por ocasião da transladação dos restos mortais do Papa Pio IX.

Em 21 de setembro de 1881, a mesma comissão volta ao Imperador, que repete a promessa de que os espíritas não seriam perseguidos, mas que não quisessem passar por mártires... A or-

dem policial não foi expressamente revogada, embora também não tivesse prosseguimento, lembrando uma “espada de Dâmocles”. Essa primeira perseguição policial contra o Espiritismo levou muitos adeptos, nesse mesmo ano, a fundar o Grupo Espírita Vinte e Oito de Agosto.

Em 3 de outubro de 1881, na Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade é criado, pelo Prof. Afonso Angeli Torteroli, o Centro da União Espírita do Brasil, fruto do aludido Primeiro Congresso.

Em 1 de novembro de 1881, o Cardeal Z. Jacobine, em nome do Papa Leão XIII, agradece os termos do ofício dirigido pela Sociedade Acadêmica, enviando, ao mesmo tempo, aos signatários a bênção papal.

Em 21 de novembro de 1881 instalou-se, no Rio, a Associação Amor e Caridade.

Em 10 de janeiro de 1882, a diretoria da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade dirige ofício ao Imperador, manifestando seu júbilo pelo clima de liberdade em que os espíritas exerciam suas atividades.

Em 31 de março de 1882, foi instalado no Rio de Janeiro a Sociedade Espírita Allan Kardec.

Em 31 de março de 1882, foi inaugurada a Livraria da Sociedade Acadêmica, para a difusão das obras espíritas.

Em 28 de agosto de 1882, dia do 1º aniversário do começo de perseguição ao Espiritismo, realizou-se, sob os auspícios da Sociedade Acadêmica, uma sessão magna de larga projeção nacional, tendo sido, no mesmo dia, inaugurada a 1ª Exposição Espírita no Brasil.

Em 28 de agosto de 1882, surgiu no Rio de Janeiro o jornal *O Renovador*.

Em 6 de setembro de 1882, desencarnou no Rio de Janeiro, o Dr. Alexandre José de Mello Moraes, um dos pioneiros do Espiritismo em terras de Santa Cruz (*Reformador* de 1951.)

Em 21 de setembro de 1882, instala-se, sob a presidência de Noya Júnior, secretariado por Elias dos Santos, o Grupo Espírita Santo Antônio de Pádua, que é atualmente o Centro Espírita Antônio de Pádua, a mais antiga instituição espírita do Brasil.

Eis o que diz parte da Ata de instalação: “Às sete horas da noite, achando-se reunidos na sala do prédio nº 1, à Rua de Paula Matos, os irmãos Raymundo Ferreira da Silva, Venustriano Severo de Araújo, Francisco Ferreira Dias, José Guilherme Cordeiro, Geralda Luísa de Jesus, Antônio José Novais, Antônio Coelho, Elias dos Santos, Antônio Guilherme Cordeiro, J. R. Cabral Noya Júnior, Francisco Pacheco de Oliveira, o irmão presidente, depois de uma breve alocução, faz a prece inicial e declara aberta a sessão de instalação do Grupo Espírita Santo Antônio de Pádua, em nome de Deus”.

Em 21 de janeiro de 1883, surge no Rio de Janeiro, na Rua da Carioca, 120, segundo andar, o jornal *Reformador*, de propriedade e direção de Augusto Elias da Silva. No seu primeiro número, além de outros assuntos, o *Reformador* diz da necessidade de se proceder a uma reforma na ortografia da língua portuguesa.

Em 15 de março de 1883, o *Reformador* informou que uma delegação da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade acabava de retornar à corte, após uma viagem de propaganda e visita aos Grupos Espíritas do Brasil. Percorrendo várias localidades do país, em todas elas os delegados efetuaram conferências públicas muito concorridas e fundaram diversos grupos. Foi o primeiro movimento espírita, neste sentido, que se fez no Brasil.

Em 31 de março de 1883, o *Reformador* apresenta um número especial, impresso em magnífico papel, todo ele em homenagem a Allan Kardec.

Em 15 de maio de 1883, o *Reformador* apresenta um longo estudo sobre a cremação, concluindo que ela deve ser facultativa.

Em 1 de agosto de 1883, o *Reformador* publica a célebre comunicação recebida do Espírito Estevam Montgolfier, profetizando a descoberta do avião, por um brasileiro, o que se verificou no começo do século seguinte.

Em 27 de dezembro de 1883, Augusto Elias da Silva promove, em sua casa à Rua da Carioca, 120, sobrado, reunião preparatória de rearticulação do Espiritismo, pois havia muita incompreensão entre os componentes das entidades espíritas existentes: O Grupo dos Humildes, a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, o Centro da União Espírita do Brasil e o Grupo Espírita Fraternidade.

Da histórica reunião participaram 12 pessoas, como a lembrar o número dos apóstolos: Augusto Elias da Silva, Francisco Raimundo Ewerton Quadros, Manuel Fernandes Figueira, João Francisco da Silveira Pinto, Maria Balbina da Conceição Batista, Matilde Elias da Silva, Luis Mollica, Elvira P. Mollica, José Agostinho Marques Porto, Francisco Antônio Xavier Pinheiro, Manoel Estêvão de Amorim e Quádrio Léo, modesto operário, o último do grupo a desencarnar, em 8 de junho de 1928. Foi, então, aclamada uma diretoria provisória até o dia 2, quarta-feira, quando seria oficializada a fundação da nova Casa, a Federação Espírita Brasileira.

Em 1 de janeiro de 1884, o *Reformador* passa a ser órgão oficial da Federação, então fundada, recebendo-o como oferta do seu proprietário.

Em 2 de janeiro de 1884, foi eleita a primeira diretoria da Federação Espírita Brasileira, assim constituída: presidente, Ewerton Quadros; vice-presidente, F. Figueira; tesoureiro, Elias da Silva; secretário, J. Pinto; arquivista, Antônio Xavier.

Em 8 de fevereiro de 1884, a Federação Espírita Brasileira concedeu o título de sócia honorária à Sra. Antoinette Bourdin.

Em 1 de agosto de 1884, a Federação Espírita Brasileira concedeu o título de sócios honorários aos Ex.^{mos} Srs. Visconde de Torres Solanot, D. Amalia Domingo Soler e D. Cosme Mariño.

Em 15 de novembro de 1884, o *Reformador* publicou veemente trabalho contra a escravidão então existente no Brasil, e até 1888 não cessou de defender a causa da abolição.

Em 30 de janeiro de 1885, foram transferidos para a Federação Espírita Brasileira os sócios do Grupo Espírita Menezes, que então desapareceu, para fundir-se à mesma.

Em 15 de abril de 1885, o *Reformador* publicava a letra do Hino da Federação Espírita Brasileira. Ao que nos consta, esse hino não passou da publicação da letra.

Em 20 de abril de 1885, o Grupo Amor e Caridade inaugurou em sua sede o retrato de um pioneiro do Espiritismo em nossa terra — o Dr. Alexandre José de Mello Moraes, que vinha, como espírito, prestando relevantes serviços espirituais ao referido grupo.

Em 5 de junho de 1885, a Federação Espírita Brasileira, em sessão magna, homenageou o grande Victor Hugo e o *Reformador* dedicou o número de 15 do mesmo mês àquele gênio francês.

Em 17 de agosto de 1885, inicia-se na Federação Espírita Brasileira, então na Rua da Alfândega nº 153, o memorável ciclo de conferências públicas sobre o Espiritismo, cujo êxito foi de larga repercussão. O primeiro conferencista foi o presidente Ewerton Quadros.

Em 24 de dezembro de 1885, o Dr. Antônio de Castro Lopes, um dos mais respeitáveis filólogos e latinistas da época, pronuncia na Federação Espírita Brasileira sua primeira conferência espírita, diante de numeroso e seletto auditório. Finalizou ele a brilhan-

te palestra, orando ao Criador pelos inimigos do Espiritismo, e pediu a todos os presentes, em memória do Natal, que contribuíssem com um óbulo qualquer, para a libertação de escravos, no que foi atendido.

Em 1885 a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, de agitada trajetória, mas que também prestou muitos benefícios à causa espírita, funde-se à Federação Espírita Brasileira.

Em 1 de fevereiro de 1886, desencarna Maria Balbina da Conceição Batista, uma das fundadoras da Federação Espírita Brasileira.

Em 31 de março de 1886, em sua reunião comemorativa, em homenagem a Allan Kardec, foi entregue pela Federação Espírita Brasileira, à escrava Felismina, a sua carta de liberdade.

Em 16 de agosto de 1886, cerca de duas mil pessoas, no salão de honra da Guarda Velha (à Rua Senador Dantas), ouviram atônitas, perplexas, emocionadas, a palavra do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, proclamando publicamente a sua conversão ao Espiritismo.

Em 18 de setembro de 1887, funda-se no Rio a União Espírita do Brasil.

Em 1887, Augusto Elias da Silva funda o Grupo Espírita Sete de Março, que durou até 1890.

Em 20 de junho de 1888, aportou ao Rio de Janeiro o famoso médium norte-americano Henry Slade, cujo nome se celebrou nas experiências que com ele realizaram Wallace, Zöllner, Gibier e outros sábios europeus.

Foi ele recepcionado por uma comissão da Federação Espírita Brasileira, e no dia 22 do mesmo mês compareceu à sede dessa sociedade, em sinal de gratidão.

Em 12 de dezembro de 1888, foi fundado o Grupo de Estudos Espíritos, de sessões práticas e experimentais, e que funcio-

nou, por algum tempo, numa das salas da Federação Espírita Brasileira. Após a desencarnação do seu fundador, Manuel Fernandes Figueira, recebeu a denominação, que até hoje conserva, de Centro Espírita Fernandes Figueira.

Em 21 de abril de 1889, instalou-se no Rio de Janeiro, sob a presidência de Bezerra de Menezes, que neste ano também presidia a Federação Espírita Brasileira, o Centro Espírita do Brasil, destinado à orientação e unificação do Espiritismo em nossa pátria. Sua origem foi consequência de uma comunicação dada pelo Espírito Allan Kardec na Sociedade Espírita Fraternidade.

Em 23 de maio de 1889, pela primeira vez, inicia-se publicamente na Federação Espírita Brasileira o estudo comentado de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

Isto foi e continua a ser feito, semanalmente, às sextas-feiras, até os dias de hoje.

Em 23 de dezembro de 1889, a Federação Espírita Brasileira enviou ao Governo Provisório do Brasil uma mensagem de congratulações pelo advento da República.

Em 20 de abril de 1890, o humanitário engenheiro Dr. Polydoro Olavo de S. Thiago, juntamente com alguns amigos, cria na Federação Espírita Brasileira, então situada na Rua Gonçalves Ledo nº 19, 2º andar, a Assistência aos Necessitados, cujos trabalhos beneficentes só se iniciaram a 11 de maio do mesmo ano.

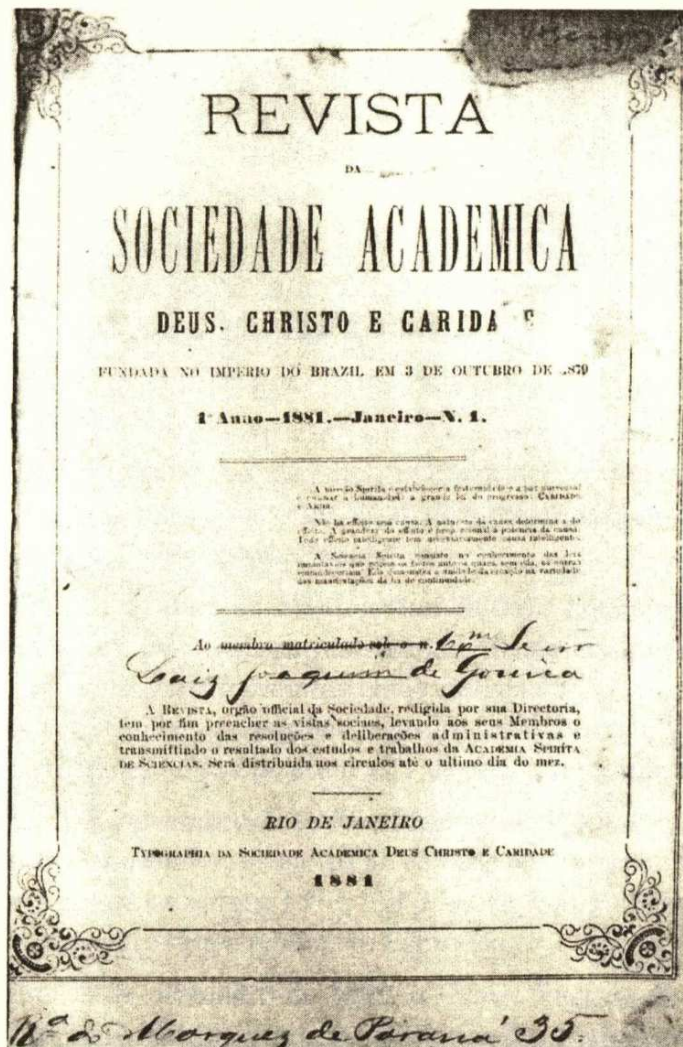
Em 1 de novembro de 1890, a Federação Espírita Brasileira, através do *Reformador*, dirige ao Sr. Ministro da Justiça uma longa defesa contra os artigos 157 e 158 do novo Código Penal, artigos que embaraçavam a prática do Espiritismo.

Em 22 de dezembro de 1890, o Centro Espírita do Brasil dirigiu ao Marechal Deodoro da Fonseca, então o primeiro presidente da República Brasileira, uma representação em que se pedia

fossem suprimidos de dois artigos do novo Código Penal a palavra Espiritismo. Encarregaram-se deste trabalho o Dr. Bezerra de Menezes e os advogados Drs. João Carlos de Oliva Maia, Ernesto José dos Santos Silva, Francisco Menezes Dias da Cruz (então presidente da Federação Espírita Brasileira) e Antônio Luís Saião.



(Fac-símile do nº 1 da Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade.)



*Revista da Sociedade
Acadêmica Deus, Cristo
e Caridade*

NÚMERO 1 (1881)

(DADOS RETIRADOS DO PRIMEIRO NÚMERO DA REVISTA DA SOCIEDADE ACADEMICA DEUS, CRISTO E CARIDADE, PUBLICADO EM JANEIRO DE 1881.)

“Academia Espírita de Ciências — A Sociedade tendo percorrido o seu primeiro período evolutivo, coloca-se hoje com a publicação da *Revista*, em nova fase. Ontem, lançou o germe de uma biblioteca, destinada a receber obras sobre todos os assuntos; e a conservar-se aberta à disposição do público, todos os dias, mesmo aos domingos, das 10 horas da manhã às 9 da noite.

Hoje, oferece o fruto dos trabalhos sociais a todos os que quiserem, no banquete da inteligência, ocupar um lugar para investigar a verdade sem idéias preconcebidas. Amanhã, apresentará

à humanidade, sua filha querida, a Academia Espírita de Ciências, que presentemente sob a denominação de centro, prepara-se para vir, no meio do combate que está travado entre os levitas da religião e da ciência, trazer-lhes a paz e a verdade em nome delas. Eis, resumidas em duas palavras, a missão da Academia Espírita; e não podia ser outra, porque no estandarte da sociedade se vê este lema: estabelecer a fraternidade e a paz universal, ensinando à humanidade a grande lei do progresso: caridade e amor.

O aparecimento da academia será um fato importante para o Brasil, ainda que alguns espíritos levianos e precipitados, sem dar apreço às próprias opiniões, quisessem desconhecer o que afirmamos. Quem poderá, sensatamente, deixar de reconhecer a vantagem que resulta para a humanidade, da criação de academias destinadas ao estudo de todas as ciências à luz do Espiritismo, para os que estão convencidos da verdade da ciência espírita; ou do estudo do Espiritismo à luz das outras ciências, para os que ainda não estão convencidos da verdade desta ciência.

À academia está confiada pelos estatutos, a tarefa de difundir gratuitamente a ciência e avaliar o grau de conhecimento filosófico e científico daqueles que aspiram ser membros da sociedade, examinando-os nas matérias determinadas para os exames nos diferentes graus, e ouvindo-os em defesas de teses, que deverão ser tanto mais desenvolvidas quanto mais elevado for o seu grau; sendo necessário, além de tudo, para obter o título de membro, graduado da sociedade, classe de que se compõe a academia, ter-se distinguido no estudo e observação científica nos cursos, não sendo permitido a ninguém obter o último grau sem passar sucessivamente pelos dois primeiros.”



Proibindo o Espiritismo (1881)

Eis outro importante documento, que registra um fato que muitos desconhecem: o Espiritismo foi, um dia, proibido no Rio de Janeiro. Apresentamos a seguir algumas das mais tristes páginas da *História do Espiritismo*, fruto da intransigência de muitos, que repudiavam com veemência a nossa doutrina. Felizmente essa adversidade proporcionou um bem, que foi a união de todos os espíritas em defesa da doutrina de Kardec.

*

* *

**INTIMAÇÃO RECEBIDA PELA SOCIEDADE
ACADÊMICA DEUS, CRISTO E CARIDADE NO DIA 30 DE
AGOSTO DE 1881**

(Fonte: *Revista da Sociedade Acadêmica Deus,
Cristo e Caridade*, nº 9, de setembro de 1881.)

“Contra Fé — Mandado de Intimação — O Dr. Alberto Fialho, 2º Delegado de Polícia nesta corte do Rio de Janeiro. Mando a qualquer Oficial deste Juízo, que em cumprimento deste por mim assinado, intime a um dos diretores da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade para que, a partir desta intimação, fique na ciência de que não pode a mesma Associação se reunir mais em comunhão social, celebrar sessões ou praticar qualquer outro ato de natureza social, visto não estarem os estatutos, da mesma Sociedade, devidamente aprovados pelo Governo Imperial na forma do que dispõe os caps. 1º, 2º e 3º da Lei nº 2.711 de 19 de dezembro de 1860, e não se lhes poder, portanto, reconhecer uma existência legal, sob as penas, se o fizerem, de desobediência e das mais cominadas no referido Decreto, tirando o mesmo na inteligência de que esta proibição é extensiva não só ao Centro, mas a quaisquer lojas dos círculos filiados à mesma Sociedade. O que cumpra e lavre certidão. Rio, 27 de agosto de 1881. Eu, Numa de Azevedo Vieira o escrevi. — Alberto Fialho. E nada mais continha no dito mandado que fielmente copiei e dei contra fé(sic). Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1881. — O Oficial de Justiça, Florindo de Oliveira Braga.”



**A Imprensa e a Sociedade
Acadêmica Deus,
Cristo e Caridade
(1881)**

“Sociedade Espírita — O Sr. Chefe de Polícia mandou proibir as sessões da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, a qual não funcionava legalmente. Os diretores ficaram incursos nas penas de desobediência e multa conforme dispõe o Decreto nº 2.711 de 19 de dezembro de 1860, no caso de não cumprirem a ordem citada.” (*Jornal do Commercio*, 28 de agosto de 1881.)

JORNAIS CONTRA

1) *Revista Ilustrada*

A Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade começou a publicar uma revista, cujo primeiro número diz o seguinte: “Do seio da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, onde, a par

das outras ciências, tem culto o Espiritismo, ergue-se a Revista, órgão oficial da sociedade, tendo por fim transmitir aos seus membros o resultado dos estudos e trabalhos da Academia Espírita. Das outras ciências! Sim, porque o Espiritismo, diz a citada revista, é uma ciência — a ciência dos pobres de espírito.” (*Revista Ilustrada*, 19 de fevereiro de 1881.)

“A Sociedade Espiritista Deus, Cristo e Caridade acaba de publicar o número 4 da revista. E então: na Alemanha já não se publicou um jornal, redigido por doidos?” (*Revista Ilustrada*, 11 de junho de 1881.)

“A Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, espiritista, continua a publicar a sua revista; recebemos o número 6. Os espiritistas, como sabem, pregam a volta dos espíritos. Naturalmente por se ter ido o deles.” (*Revista Ilustrada*, 30 de julho de 1881.)

“Os espiritistas continuam a publicar a sua revista, que tem por fim preencher as vistas sociais — progresso e humanidade. É por princípio a ilimitada tolice humana. Recebemos o número 7.” (*Revista Ilustrada*, 13 de agosto de 1881.)

“Todas as crenças são boas! Diz o ‘Espiritismo’ no seu primeiro número. Ele, o ‘Espiritismo’ é espiritista. Os seus redatores aflagam mesmo a esperança de que desprendidos deste vale de lágrimas passarão para um planeta mais adiantado. É favor escreverem-nos de lá, sim?” (*Revista Ilustrada*, 29 de outubro de 1881.)

2) *O Corsário*

“Agradecemos o número 1 da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*. É uma publicação espírita. Não lhe podemos ser simpáticos como filhos deste século de estudos positivos e como brasileiros que temos perdido alguns moços de talento

por causa dessas doutrinas que até hoje, em nosso país, só têm servido para aumentar o número dos idiotas.” (*O Corsário*, 23 de fevereiro de 1881.)

JORNAIS FAVORÁVEIS

1) *O Futuro — Amor à Verdade — Ódio à Mentira*

“*Espiritismo — Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* — Temos presentes os números 1 a 4 dos meses de janeiro a abril do corrente ano dessa publicação, cuja importância sintetiza-se na gloriosa legenda sublimemente humanitária: amor e caridade. Se é essa a missão da Ciência Espírita, é por isso a de seus órgãos no jornalismo. Contemplamos a importância dessa publicação considerada somente como cultura dessa grande lei do progresso; porque já esse fim é muito grandioso e lhe dá direito incontestável de ser digno do amor do povo. [...] É em nossa opinião, muito humilde porém muito sincera, a mais útil leitura para o povo a que lhe oferecem as fecundas páginas da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*. [...]” (*O Futuro*, 12 de junho de 1881.)

2) *Americano*

“[...] Que se faça a luz é o nosso desejo, e que se abra a arena às discussões e controvérsias. Só temos louvor para aqueles que reunidos em nome do próximo procuram no concurso, resolver as questões que elevam as sociedades ao mais alto grau de perfectibilidade.” (*Americano*, 27 de fevereiro de 1881.)



(Fac-símile do Jornal.)



O Espiritismo — Número 1 (JORNAL DE COMBATE AO ESPIRITISMO)

Vale a inclusão desse jornal, pela curiosidade que ele causa. Foi um jornal de combate ao Espiritismo, denominado *Espiritismo: Órgão Dedicado à Verdade*, com publicação bimensal e redação na Rua do Hospício, nº 127. Começou a circular em 22 de outubro de 1881. A Biblioteca Nacional possui os três primeiros exemplares. Não se sabe se ele circulou além desses primeiros números. As matérias de cada número eram sempre as mesmas: O Espiritismo, “O Orgulho e a Humildade”, “O que é o Espiritismo” e “O Crime da Rua Larga de S. Joaquim”.

Eis alguns trechos das matérias publicadas por este inimigo do Espiritismo:

“[...] Assim vós que estudais o Espiritismo e sois bem intencionados dai-o pelo que vos aprouver, isto é: ao que o entende como ciência, dai-o como ciência, como religião ao que o quer como religião, e como brinquedo ao que só o quer como mero divertimento, porque ele é a verdade e utilizará a todos, segundo a vossa intenção.” (*O Espiritismo*, número 1, 22 de outubro de 1881.)

(Fac-símile do Jornal)

ANNO I

Rio de Janeiro, Segunda-feira, 28 de Agosto de 1882

N. 1



ANUNCIATUM PARA A CORRER
Trimestre... Mês...
Pagamento adiantado

RENOVADOR

ORGAO SPIRITA

ANUNCIATUM PARA A CORRER
Por trimestre... Mês...
Pagamento adiantado

Atas e vícios...
S. M. de...
S. M. de...

Atas e vícios...
S. M. de...
S. M. de...

O RENOVADOR

Hoje 28 de Agosto de 1882
Apresentando a todos os leitores do Renovador...
E para dar-lhes uma ideia mais exacta...
Surge o Renovador, no dia de hoje, 28 de Agosto...
E para o Renovador, brasileiro, hoje é...
A respeito...
A respeito...
A respeito...

Esperamos que os nossos leitores não se...
Ora nossos adversarios
Juntos todos...
Ora nossos adversarios
Juntos todos...
Ora nossos adversarios
Juntos todos...

LOCURA...
POLYANTHÉA
PROGRESSO
Ora a polyanthéa que está de a...
POLYANTHÉA
PROGRESSO
Ora a polyanthéa que está de a...

Aos nossos confrades

De hoje desta data, no momento de...
E para o Renovador, brasileiro, hoje é...
A respeito...
A respeito...
A respeito...

Esperamos que os nossos leitores não se...
Ora nossos adversarios
Juntos todos...
Ora nossos adversarios
Juntos todos...
Ora nossos adversarios
Juntos todos...

LOCURA...
POLYANTHÉA
PROGRESSO
Ora a polyanthéa que está de a...
POLYANTHÉA
PROGRESSO
Ora a polyanthéa que está de a...

Renovador — Número 1

(DADOS RETIRADOS DO PRIMEIRO NÚMERO DO RENOVADOR, PUBLICADO EM 28 DE AGOSTO DE 1882.)

“Os nossos adversários — Jamais doutrina filosófica dos tempos modernos causara tanta emoção como o Espiritismo; jamais nenhuma foi atacada com tanta ganância; é a prova evidente que se lhe reconhece mais vitalidade e raízes mais profundas do que qualquer outra, porque não se torna envolvida com o fim de arrancar um pedacinho de erva.

Os espíritas, longe de temer, devem gozizar-se pois que isto prova a importância e a seriedade da doutrina. Se esta não fosse senão idéia efêmera e sem consistência, não se faria fogo sobre ela com balas de grosso calibre, se ela fosse falsa, atacar-se-ia em brechas com argumentos sólidos que já teriam triunfado; mas logo que nenhum daqueles que se opôs não pôde cortar-lhe o caminho, nem o talento, nem a boa vontade que faltou a seus antagonistas. [...]”

Lançamento do *Reformador*

O mais antigo órgão de divulgação do Espiritismo no Brasil, ainda em circulação, é o *Reformador*, órgão oficial da Federação Espírita Brasileira.

O *Reformador* iniciou os seus trabalhos em 21 de janeiro de 1883, com a denominação de *Reformador — Órgão Evolucionista*. Somente um ano depois, com a fundação da Federação Espírita Brasileira, é que o *jornal* passou a ser o seu órgão oficial. O responsável por seu lançamento foi o fotógrafo português Augusto Elias da Silva, que havia sido membro da Comissão Confraternizadora da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade e fundador do Grupo Espírita Menezes. Com recursos tirados de seu próprio bolso, Augusto Elias da Silva criou a oficina do *Reformador* no seu próprio ateliê fotográfico, na Rua São Francisco de Assis, nº 120, sobrado (hoje Rua da Carioca), onde residia com a sua família.

O *Reformador* surgiu em forma de jornal quinzenal, com quatro páginas e um reduzido número de assinantes. Boa parte dos jornais eram distribuídos gratuitamente. Mesmo assim, Augusto Elias da Silva sustentou o seu objetivo de fundar e conservar um órgão de propaganda espírita na corte do Brasil. Para assumir a direção intelectual do *Reformador*, Augusto Elias da Silva chamou o Major Francisco Raimundo Ewerton Quadros. A tarefa não foi das mais fáceis, já que o Espiritismo era combatido com furor e ridicularizado por aqueles que sequer se interessavam em conhecer o seu conteúdo. Alguns escritores analisaram esse período com muita propriedade:

“Naquela hora as forças católicas estavam em marcha. Dos púlpitos fluminenses despejavam-se insultos e insinuações. Sendo impossível ao católico, como disse Carlos de Laet, distinguir o Demônio invisível do seu evocador visível, o ‘ódio por dever de consciência’ era contra o espírita. Não se pensava em salvar o ‘endemoninhado’. Segundo a lei de Moisés, citada na Pastoral, cumpria exterminá-lo.” (*Bezerra de Menezes*, Canuto Abreu.)

“Fundar e conservar um órgão de propaganda espírita, na corte do Brasil, era, naquela época, de forma a entibiar o ânimo dos espíritas mais resolutos. Todas as baterias do Catolicismo estavam assestadas contra o Espiritismo. Dos púlpitos brasileiros, principalmente dos da capital, choviam anátemas sobre os espíritas, os novos hereges que cumpria abater.” (*Grandes Espíritas do Brasil*, Zêus Wantuil.)

A situação da imprensa espírita também não era das melhores, conforme nos conta o autor Zêus Wantuil:

“A imprensa espiritista, para poder sobreviver, pedia uma orientação mais firme e perseverante, em que a renúncia e a abnegação constituíam fatores decisivos para alimentar uma tiragem

irrisória, que não cobria as despesas de confecção, em vista de perfazerem os assinantes um número reduzido, de cem a duzentos, sendo o excedente de exemplares, geralmente o dobro, distribuído gratuitamente.”



para o povo ignorante e para as crianças; ora, o princípio religioso ou é verdadeiro ou falso; se é verdadeiro, deve o ser para todos; se é falso, não é por isso melhor para os ignorantes do que para os instruídos [...]

Formar uma idéia clara e precisa do que seja a vida futura é criar uma fé inabalável no porvir; e esta fé traz, para a moralização do homem, conseqüências incalculáveis, porque muda completamente o ponto de vista sob o qual encara-se a vida terrestre.

De onde se vê que o Espiritismo não é de modo algum contrário à religião. Ele fez conhecer que a religião, sendo o modo pelo qual a criatura testemunha sua gratidão e reconhecimento ao Criador e aos espíritos bons, não pode deixar de estar em relação com o desenvolvimento intelectual, e por isso está sujeita às transformações que o progresso exige e a evolução efetua. Daí resulta a falta de valor das dissensões religiosas que aos nossos olhos têm a importância das questões pueris. Deus é pai e as criaturas, seus filhos. Não há, não pode haver paridade entre o Pai celestial de infinita bondade e sabedoria e o pai terrestre sujeito à contingência da matéria, sob o jugo das paixões. Entretanto, apesar de tudo, o pai terrestre deixa-se, por ventura, impressionar pelas exterioridades, com que cada um de seus filhos exprime o sentimento de amor e veneração que lhe tributam? Não vê ele, bem claramente, que a forma, pela qual cada um revela o seu sentimento, está em harmonia com o desenvolvimento adquirido?

Imagine agora a importância que poderá ter aos olhos do Criador, o modo pelo qual as criaturas lhe tributam amor [...]"



Prognóstico sobre o Pai da Aviação

O *Reformador* publicou, em 1 de agosto de 1883, uma de suas mais famosas mensagens do Além. Era do Espírito Estevam Montgolfier anunciando que já estava entre nós o missionário que traria em pouco tempo o grande aperfeiçoamento: a Aviação. Em determinado trecho, diz a mensagem: “Brasil, tu que foste o berço dessa grande descoberta, serás em breve o país escolhido para demonstrar a força dessa grandiosa máquina aérea”. De fato, Alberto Santos Dumont nasceu em 20 de julho de 1873 e já havia completado seus três anos de vida. A mensagem é de 1876.

*

* *

"MANIFESTAÇÃO ESPONTÂNEA DO ESPÍRITO ESTEVAM
MONTGOLFIER, RECEBIDA NA CIDADE DE SILVEIRAS,
POR ERNESTO CASTRO, EM 30 DE JULHO DE 1876."

"Vencer o espaço com a velocidade de uma bala de artilharia, em um motor que sirva para conduzir o homem; eis o grande problema que será resolvido dentro de pouco tempo. Essa máquina poderosa de condução não há de ser uma utopia; não. O missionário que trará tal aperfeiçoamento à Terra já se encontra entre vós.

O progresso da aviação aérea, que tantos prosélitos tem achado e tantas vítimas há feito, não está, portanto, longe de realizar-se. O aperfeiçoamento de qualquer ciência depende do tempo e do estado da humanidade para recebê-lo.

A locomotiva, esse gigante que avassala desertos e vence as distâncias, será um insignificante invento ante o pássaro colossal, que, qual condor dos Andes, percorrerá o espaço, conduzindo, em suas soberbas asas, os homens de vários continentes. Os balões, meros exploradores e precursores da admirável invenção, nada, pois, serão perante o portentoso pássaro mecânico.

Esse Deus de bondade e de misericórdia, que nada concede, antes da hora marcada, deixa primeiramente que seus filhos trabalhem em procura da sabedoria, e depois que eles se têm esforçado em descobrir a verdade, aí então lhes envia um raio de sua divina luz.

Já vêem, ó mortais, que a navegação aérea não será um sonho, não; mas sim uma brilhante realidade. O tempo, que vem próximo, vos dará o conhecimento desse estupendo motor.

Brasil, tu que foste o berço dessa grande descoberta, serás em breve o país escolhido para demonstrar a força dessa grandiosa máquina aérea.

Eis o prognóstico que vos dou, ó brasileiros!"

Estevam Montgolfier

Federação Espírita Brasileira (1884)

Publicamos, agora, a ata sobre a fundação da Federação Espírita Brasileira. Este documento é extremamente curioso e inclui o nome de todos os que estiveram presentes nessa histórica reunião.

*

* *

"Aos 27 dias do mês de dezembro de 1883, reunidos os doze espíritas reconhecidos, a saber: Francisco Raymundo Ewerton Quadros, Augusto Elias da Silva, Manoel Fernandes Figueira, João Francisco da Silveira Pinto, D. Balbina da Conceição Baptista, D. Mathilde Elias da Silva, Luiz Mollica, D. Elvira P. da Mollica, José Agostinho Marques Porto, Francisco Antônio Xavier, Manoel Estevão de Amorim, Quádrio Leo, na casa da Rua São Francisco

de Assis, nº 120, sobrado, com o fim especial de instalarem uma associação denominada Federação Espírita Brasileira — foi convocado para presidir os trabalhos o Sr. Francisco Raymundo Ewerton Quadros, que convidou para secretários os Srs. Manoel Fernandes Figueira e Augusto Elias da Silva. Aberta a sessão foi apresentado pelo senhor presidente o projeto de regulamento provisório, que foi lido e aprovado com pequena discussão e poucas alterações. Foi depois aclamada a seguinte diretoria provisória, para a gestão até quarta-feira próxima, dia designado para sua eleição na forma do regulamento: presidente, Francisco Raymundo Ewerton Quadros; secretário, Manoel Fernandes Figueira; tesoureiro, Augusto Elias da Silva; consultados os membros presentes, foi unanimemente aprovada a impressão do regulamento provisório. Nada mais havendo a tratar, foi levantada a sessão às 9 e meia da noite. — (Assinados) E. Quadros, presidente. O secretário interino, Manoel Fernandes Figueira.” (*Reformador*, 1924.)

“Ata da sessão da Federação Espírita Brasileira, na casa da Rua São Francisco de Assis, nº 120, aos 2 dias do mês de janeiro de 1884.

Às 8 horas da noite, achando-se reunidos os Srs. Quadros, Figueira, Elias, Marques Porto, Mollica, Quádrio, Pourroy, D. Maria Baptista e Mathilde da Silva, o presidente interino declarou aberta a sessão.

Lida e aprovada a ata da sessão preparatória, passou a proceder-se a eleição para os cargos da diretoria que têm de funcionar no corrente ano, ficando ela assim composta: presidente, E. Quadros, por maioria de votos; vice-presidente, Fernandes Figueira, idem; secretário, João Pinto, por unanimidade; tesoureiro, Elias, por maioria de votos; arquivista, F. Antônio Xavier, idem. Empossada a nova diretoria, passou-se à leitura do expediente, constante das seguintes propostas: 1ª, que o periódico — *Reformador* — passe a

pertencer à Federação, sendo considerado o seu órgão oficial; 2ª, que sejam enviados exemplares dos estatutos da Federação aos senhores constantes de uma relação então apresentada; 3ª, que aqueles desses senhores, que se filiassem à sociedade dentro do prazo máximo de 60 dias, contados da data da aprovação, ficassem sendo considerados membros fundadores; 4ª, que atendendo aos importantes serviços prestados à causa da propaganda, trabalhando por sua parte na composição do órgão da sociedade, sem remuneração alguma, seja concedido o diploma de membro da Federação ao Sr. Pedro da Nóbrega, livre de todo ônus; 5ª, que acompanhe ao supradito título uma carta congratulatória, feita em nome da Federação; 6ª, que sejam incluídos no número dos sócios instaladores os Srs. Dr. Antônio Pinheiro Guedes e André Pourroy, que aderiram à Federação, antes desta sessão de instalação. Todas estas propostas, apresentadas: as quatro primeiras pelo Sr. A. Elias da Silva; a quinta pelo Sr. Manoel Fernandes Figueira e a sexta pelo Sr. Quadros, foram submetidas à discussão, e depois unanimemente aprovadas. Nada mais havendo a tratar-se o senhor presidente levantou a sessão às 9 e 1/4 da noite; depois de convidar os membros presentes a se reunirem na próxima quarta-feira. Ewerton Quadros, presidente. — O secretário, João Pinto. (*Reformador*, 1924.)



Contra a Escravidão

O *Reformador* sempre se pronunciou contra a escravidão, por ser ela, contrária a tudo o que prega o Divino Mestre e às mensagens dos amigos espirituais codificadas por Allan Kardec. Em 15 de novembro de 1884, o *Reformador* publicou matéria de página inteira sobre o assunto. Reproduziremos aqui algumas partes de tão importante trabalho.

A ESCRAVIDÃO

“No Brasil, pode-se dizê-lo sem afrontamento, já não há um só homem que, pensando livre da pressão do interesse, não condene a escravidão como um mal cujos efeitos são visíveis em todo o organismo social, e cujas conseqüências são para temer, se não forem combatidas pronta e eficazmente. Esse mal, invadindo todo

o corpo social, viciou-lhe a economia e perturbou-lhe o regímen, de tal sorte que embarga o desenvolvimento.

Urge portanto sanar o mal, e, ainda que para isso sejam precisos sacrifícios e dores, cumpre trazê-lo custe o que custar.

Nas moléstias que, por sua marcha invasora ou em virtude de sua natureza, põem em risco a vida ou alteram permanentemente a saúde, incapacitando o indivíduo; é preceito do mestre e fundador da ciência médica recorrer aos meios extremos.

A escravidão é um cancro social, tem se dito e repete-se constantemente. [...]

Eia sus! Decepai a cabeça à hidra, acabai com a escravidão! A caridade assim o pede; o progresso material e intelectual o reclama insistentemente; e a moral, social o exige, clamando a uma voz, por milhares de bocas: Extingui a escravidão!

Ela avilta, não tanto o escravizado como aquele que o escravizou e conserva sob o jugo; porque é indigno do forte oprimir o fraco; e o escravo é por demais fraco; ignorante, sem família, sem pátria, quase sem livre-arbítrio, ele não tem direitos, só conhece os deveres que lhe são impostos pelo férreo jugo da mais cruel tirania. [...]

A escravidão é perniciosa ao desenvolvimento do país; ele não medra, não se engrandece na medida de suas forças e vastidão, como o prova o mais superficial exame, o mais ligeiro confronto com outros da mesma região; os quais, sem gozarem de igual paz e estabilidade de governo, se lhe têm avantajado debaixo de muitos pontos de vista.

Finalmente, a escravidão é para nossa pátria, como uma úlcera nojenta sobre a face de uma dama gentil; causa dó e repulsão.

Demais, se todos, até mesmo aqueles que se acham sob a pressão do interesse, reconhecem que a escravidão é um mal; nem é só um mal; é um erro, e erro gravíssimo de funestas conseqüências;

é mesmo um crime horrendo, crime de lesa-humanidade. Por que hesitar, por que vacilar em combater o mal e extirpá-lo; emendar o erro e repará-lo; reprimir o crime e apagá-lo?

A justiça, pela lei da igualdade, exige que se repare o crime. A ciência manda que se emende o erro. A religião, pela boca do Cristo, ensinando o amor ao próximo, pede que façamos aos outros o que, em idênticas circunstâncias, quereríamos que fizessem a nós.

Libertem, pois, os cativos.

Portanto:

Em nome da justiça, da ciência e da religião, pela igualdade, pela liberdade e pela fraternidade;

Seja abolida a escravidão!" (Sedóra)



Hino da Federação Espírita Brasileira

Eis aqui outra curiosidade: o *Hino da Federação Espírita Brasileira*, publicado no *Reformador*, de 15 de abril de 1885, e que, muito provavelmente, nunca saiu do papel:

*

* * *

Pelos espaços reboam
Belos cantos de alegria
Infundem doce magia
No coração do mortal.
Amigas vozes ecoam
Por toda a parte, no mundo,
Pregando o verbo profundo
Que há de esmagar o mal.



Coro

Soa a hora. A falange escolhida
Já se abala do alto dos céus;
Vem abrir-nos as portas da vida;
Vem trazer-nos a bênção de Deus.

Luz divina que nos presta
Tanta força na desdita
Que com teus ardores crestas
Da maldade os rebentões,
Baixa da etérea morada;
Desce a nós, oh luz bendita!
Hoje que surge a alvorada
Das grandes revoluções.

Soa a hora. [...]



Faze que todos unidos,
Vencidos e vencedores,
Se esqueçam dos amargores
De seu tão longo lidar;
Que em santo amor incendidos,
Nos conduza à caridade
Até aos pés da Divindade
Que criou-nos para amar.

Soa a hora. [...]





Vem, oh pai dos pequeninos!
Imaculado Jesus!
Firmar-nos bem nos ensinios
Que trouxeste do Senhor
Que a humanidade atrasada,
Da voz do mártir da cruz
Se eleve regenerada
À Mansão do puro amor.

Soa a hora. [...]



Libertando uma Escrava

(DADOS RETIRADOS DO *REFORMADOR*
DE 15 DE ABRIL DE 1886.)

Em uma reunião na Federação Espírita Brasileira, para comemorar o 17^º aniversário da desencarnação de Allan Kardec, foi libertada uma escrava, dois anos antes da Abolição da Escravatura.

*

* *

SESSÃO MAGNA

“Esteve muito concorrida a sessão da Federação Espírita Brasileira de 31 do mês passado, em comemoração do 17^º aniversário do passamento do ilustre filósofo, fundador da Doutrina Espírita. Depois do discurso inicial do presidente, ocupou a tribuna o orador oficial, o Sr. M. F. Figueira, fazendo o panegírico do mani-



festado. Subiu depois à tribuna o Sr. A. Elias da Silva, representando o grupo Perseverança.

Em memória daquele, cujo passamento comemorava, a Federação concedeu uma carta de liberdade a uma infeliz escravizada, que nesse dia entrou no gozo pleno de sua liberdade.

No correr da sessão foi recebido um telegrama de congratulação da União Espírita de São Paulo.

Distribuiu-se o número do *Reformador* do dia.

Agradecendo às pessoas que se dignaram a abrilhantar com sua presença a nossa festa, o presidente levantou a sessão.”



Adesão de Bezerra de Menezes

Na reunião a seguir, o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes aderiu publicamente ao Espiritismo. Naquela época era preciso muita coragem para fazer isso. Sua adesão chocou muitas pessoas e fez com que muitos antigos amigos se afastassem dele.

Esse foi um dia de glória para o Espiritismo no Brasil.

*

* * *

“Conferência Espírita — Hoje às 7 horas da noite, no salão da Guarda Velha, à Rua Senador Dantas, fará a Federação Espírita Brasileira uma conferência sobre o Espiritismo, sendo o orador o Ex.^{mo} Dr. Adolfo Bezerra de Menezes. Entrada Franca. — O Secretário, R. Nunes Victoria.” (*Diário de Notícias*, 16 de agosto de 1886.)

“A Federação Espírita Brasileira faz hoje uma conferência, às 7 horas da noite, no salão da Guarda Velha, sendo orador o Dr. A. Bezerra de Menezes.” (*O Paiz*, 16 de agosto de 1886.)

“Conferência Espírita — Foi grande ontem a concorrência de senhoras e cavalheiros no salão da Guarda Velha, para ouvirem o Dr. A. Bezerra de Menezes.

O orador começou explicando os motivos poderosos que o levaram a abraçar o Espiritismo, dentre os quais dominava o preceito de que os princípios da religião estão fora do alcance da compreensão da razão, preceito que assim inutiliza a ação da mais elevada faculdade do homem. Foi estudando a moral e a teogonia romana que o orador se convenceu da veracidade dos ensinamentos espíritos, completamente conformes com aquela, e se discordam desta, é por ser esta, como ele demonstra, o fruto de interpretações humanas.

Tratou depois largamente da Doutrina Espírita; sendo acolhido, ao terminar, por calorosos aplausos.” (*Diário de Notícias*, 17 de agosto de 1886.)

“Foi grande a concorrência ontem⁽⁶⁾ ao salão da Guarda Velha, para ouvir a conferência sobre o Espiritismo, feita pelo Dr. Bezerra de Menezes.

O orador, discorrendo sobre os motivos que o levaram a abraçar a nova doutrina, fez uma brilhante comparação entre as teogonias romana e espírita, concluindo que esta e não aquela era o digno coroamento da teodicéia e da moral cristã. Demonstrou que as interpretações humanas deram à teogonia romana um caráter todo humano, rebaixando a Divindade, e fazendo nascer a descrença naqueles que buscam compreendê-la à luz da razão.

(6) Erro do jornal. O certo seria **anteontem**. (N.A.)

O orador, por mais de uma hora, teve presa a atenção de seus ouvintes, que o receberam com uma salva de palmas ao deixar a tribuna. O salão, que comporta número superior a 1500 pessoas, esteve completamente cheio.” (*O Paiz*, 18 de agosto de 1886.)

“Conferência. Ante um auditório de cerca de duas mil pessoas, no salão da Guarda Velha, ocupou a tribuna de conferências espíricas, na noite de 16 do mês último, o nosso distinto confrade, ilustrado e provecto médico, o Sr. Dr. A. Bezerra de Menezes. Seu grandioso trabalho, exposição minuciosa de profundo estudo que tem feito da matéria, e das lutas que se empenharam no seu íntimo, quando, à luz da razão esclarecida, se entregou ao estudo dos dogmas e preceitos da religião romana, em que foi educado, esteve acima de todo elogio, e impressionou profundamente o ânimo de seus ouvintes. Foi belíssimo o estudo por ele feito das teogonias mosaica-romana e espírita; demonstrando ter sido aquela um fruto de interpretações humanas, em manifesta contradição, em muitos pontos, com a moral e a teodicéia cristãs, e que por sua grandeza, simplicidade e sublimidade é a teogonia espírita o digno coroamento, o complemento natural dessa moral e dessa teodicéia.

Os numerosos ouvintes manifestaram-lhe sua satisfação e entusiasmo acolhendo-o com uma salva de palmas, ao deixar ele a tribuna.” (*Reformador*, 1 de setembro de 1886.)



União Espírita do Brasil

(DADOS RETIRADOS DO *REFORMADOR*
DE 1 DE OUTUBRO DE 1887.)

Novamente os espíritas se juntaram para divulgar a doutrina nascente e fundaram a União Espírita do Brasil, que foi mais uma importante página da História do Espiritismo, no Rio de Janeiro.

*

* *

UNIÃO ESPÍRITA DO BRASIL

“Sob este nome reuniram-se alguns espíritos de boa vontade com o fim de cotizarem-se para propagar pelas folhas diárias os seus princípios de nossa doutrina. Acreditaram acertadamente que não bastam os esforços da Federação em manter um órgão que

pouco se estende além do circuito dos crentes, e promover conferências aliás concorridíssimas.

Convém ainda que se encontrem em uma folha que se ache, por toda parte, princípios que insinuem no ânimo público o desejo de investigação.

Tanto quanto pudermos concorreremos por nossa parte para o êxito feliz de um tal empreendimento, e fazemos ardentes votos para que os bons espíritos auxiliem, eficazmente, intuito tão proveitoso.”



Primeira Matéria de *Max*

(BEZERRA DE MENEZES EM *O PAIZ*, 1887.)

Um ano depois de aderir publicamente ao Espiritismo, Bezerra de Menezes se vê diante de mais um grande desafio: inaugurar uma coluna de divulgação espírita em *O Paiz*, jornal que era líder de vendas, tirando diariamente 24 mil exemplares.

A divulgação espírita em *O Paiz*, publicada na coluna “Seção Livre”, iniciou no dia 2 ou 9 de outubro de 1887. É que há uma falha de uma semana na coleção de *O Paiz* existente na Biblioteca Nacional. Antes desta data não há qualquer registro. A matéria saía aos domingos, mas algumas vezes, por falta de espaço, era publicada na segunda-feira.

Primeiramente, recebeu o nome de “Espiritismo — da União Espírita” e era assinada por Sedóro.

Bezerra de Menezes fez a sua estréia como colunista no dia 23 de outubro de 1887, fazendo uso do pseudônimo Max. A coluna

ainda se chamava “O Espiritismo”, mas já no dia 13 de novembro de 1887, ela recebeu o seu nome definitivo: “Estudos Filosóficos”, que se prolongaria por alguns anos, até a última matéria.

Eis, a seguir, um trecho da primeira matéria de Bezerra de Menezes em *O Paiz*, publicada em 23 de outubro de 1887.

*

* *

“Estudos Filosóficos — As grandes idéias encontram sempre grande oposição, principalmente se deslocam erros enraizados, e se contrariam interesses de classe. Não há hoje quem conteste a sublimidade da doutrina de Jesus, de que procede a civilização que fez o orgulho do nosso século; entretanto foi combatida com sarcasmo, com desprezo, com desespero, tais que levaram ao mais afrontoso suplício o Cristo, que nunca foi acusado de outro crime.

Já os fariseus de todos os tempos tinham dado a cicuta ao primeiro precursor do divino revolucionário.

O mundo tem, todos os dias, a prova material de que, na medida do desenvolvimento da perfectibilidade humana, descem das alturas novas e mais alevantadas revelações. O mundo, porém, não aprende, e, sempre cego, obedece fatalmente ao impulso que o leva a repelir tudo o que é novo, tudo o que vem substituir alguma peça de mecanismo construído por seu saber.

Que não aceitasse novidades, científicas, religiosas, sem o mais detido exame e criteriosa experiência, nada mais digno de aplauso. Mas que, para evitar enganos e erros, tranque as portas de sua alma a tudo que não procede das idéias que possui, a tudo que se apresenta com cores novas, sem o cunho das conquistas realizadas, é o que ninguém poderá louvar.

Nem recusar *in limine*, nem acolher infantilmente é a regra da verdadeira sabedoria humana, posta por Descartes, que elevou a dúvida às alturas do mais fino instrumento da verdade [...]”(sic)



Originais de Anália Franco Perdidos no Tempo



Anália Franco

Um grande número de matérias de Anália Franco, escritas no final do século XIX, permanecem esquecidas, lamentavelmente, sem publicação em livro, no setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional.

São pelo menos quarenta e sete matérias editadas entre 1888 e 1894: cinco delas foram publicadas no *Eco das Damas* em 1888, e mais quarenta e duas em *A Família* nos anos de 1888, 1889, 1890, 1891 e 1894. Trata-se justamente da época menos conheci-

da da vida dessa abnegada seareira, que marcou de maneira singular a vida brasileira. Anália Franco multiplicava-se nas mais diversas atividades: era educadora, jornalista, contista, romancista, conferencista, poetisa, teatróloga e musicista.

São as seguintes as matérias encontradas no *Eco das Damas* (Código da Biblioteca Nacional: PR SOR 3551): “As Mães”, “O Orfãozinho”, “Impressões de Natal”, “Uma Reminiscência” e “Educação Feminina”.

Já na coleção das quarenta e sete matérias encontradas em *Família* há muitos contos de Anália Franco, como “Idílio Agreste”, “A Sempre-viva”, “Malvina”, “Dulce”, “A Feiticeira”, “A Vingança da Douda”, entre outros temas.

Há artigos sobre a educação, como “A Mulher e a Educação”, “Educação Feminina”, “O Ensino Complementar e Profissional da Mulher”, “A Nossa Educação”, “A Instrução Popular”, “Instrução Obrigatória”, “Notas sobre a Educação Feminina”, entre outras.

Existem diversos textos sobre a família, como “As Mães”, “Os Filhos”, “O Lar Feliz”, “A Mãe de Ouro”, “Educação Maternal”.

Outras matérias demonstram, já naquela época, uma visão espírita, uma preocupação maior com aqueles que permaneciam à sua volta. São elas: “A Caridade”, “O Orfãozinho”, “O Altruísmo”, “Os Pobres”, “A Fé e o Ceticismo”.

E mais algumas que falam sobre assuntos diversos: “O Dia de Ano Bom”, “O Nosso Indiferentismo”, “A Nossa Apatia Intelectual”, “A Lei do Trabalho”, “O Jornal”, “Uma Noite de São João”, “Conflitos Modernos” e muitas outras matérias e contos maravilhosos, frutos da mais edificante literatura.

“No meio dos mais assombrosos empreendimentos e da poderosa e esplêndida civilização do último quartel do século XIX, não é por certo para alegrar aos corações patriotas, a deficiente e mal orientada educação que ainda hoje se dá à mulher.

Qualquer que seja o ponto de vista pelo qual possamos encarar a sua instrução, reconhecemos que a idéia sempre discutida, sempre debatida da emancipação feminina, que tanto tem inquietado aos partidários do nosso obscurantismo, não passa entre nós d’uma vaga e longínqua aspiração. [...]”

(Trecho de “A Mulher e a sua Educação”, publicado em *A Família*, em 22 de dezembro de 1888.)

“É do íntimo e misterioso recesso da família, onde se divinizam as grandes virtudes, que sai o filho querido para o rude combate da luta pela vida. E, se a influência profunda, incessante, quase soberana que as mães exercem sobre os filhos com seus exemplos, os seus conselhos e, às vezes, com as suas lágrimas, for condignamente aproveitada, no louvável intuito de desenvolver os nobres instintos que engrandecem ao homem, estamos certas de que jamais a mão do crime extinguirá de seu coração o selo indelével das virtudes que lhe forem inculcadas. [...]”

(Trecho de “As Mães”, publicado no *Eco das Damas* em 4 de janeiro de 1888.)

[...] Quanto mais terna e mais dedicada for a mão que dirige a criança, tanto mais forte e mais completo será depois o homem. Não é, pois, necessário que a sua instrução seja profunda, mas seja bem dirigida.

Em suma, convençamo-nos de que por mais esmerada que seja a nossa instrução, se não estiver intimamente ligada com a educação moral em que se baseia todo o cultivo do espírito para atingir o seu fim supremo, podemos conquistar admiração e aplausos, porém nunca o amor, o respeito e a estima sincera do homem.”

(Trecho de “Educação Feminina”, publicado no *Eco das Damas* em 27 de maio de 1888.)

“Nada há de mais triste e mais digno de nossa simpatia e amor do que esses pequeninos anjos, nascidos em hora nefasta,

privados de berço e muitas vezes sem um lar hospitaleiro, tépido, caricioso onde repousem.

Nunca essas inefáveis e deliciosas carícias de mãe, cujo meigo sorriso perfuma e doira a existência, lhes difundiram n' alma entristecida pelas agruras da sorte, num só raio de esperança. Quase sempre condenados a um sofrimento constante, desprotegidos e desprezados, experimentando todos os caprichos da adversidade, a Terra é para eles como um país ainda pálido, onde vêem todos os dias o despontar da aurora sem que lhes traga uma só esperança, um só consolo. [...]"

(Trecho de "O Enjeitadinho", publicado em *A Família* em 12 de janeiro de 1889.)

"Entre as virtudes que nascem da consciência e do dever sobressai entre todas a caridade. Ela resume em si toda a sublimação da lei religiosa que professamos, lei de amor, de benevolência universal, de igualdade, de fraternidade e de abnegação. Infelizmente, porém, esta lei em parte alguma foi realizada na extensão em que é reconhecida. A pobreza e a desgraça erguem o seu vulto andrajoso e sombrio por toda a parte, e se muitas lágrimas têm sido enxutas e muitas chagas cicatrizadas pelo manancial fecundo da caridade, quantos cuidam ainda tão-pouco dos que ficaram sem sustento e sem amparo? [...]"

(Trecho de "O Altruísmo", publicado em *A Família*, em 5 de março de 1891.)

Mensagem de Allan Kardec ao Brasil (1889)

OBTIDA NA SOCIEDADE
ESPÍRITA FRATERNIDADE, NO RIO DE JANEIRO

(DADOS RETIRADOS DO LIVRO *BEZERRA DE MENEZES,*
DO DR. SILVINO DE CANUTO ABREU.)

Poucas pessoas sabem que o Codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, mandou uma mensagem do Além para o Brasil, o que ocorreu em uma reunião da Sociedade Espírita Fraternidade, em 1889. Nessa mensagem, Allan Kardec conclama os espíritas a se unirem em favor da nossa doutrina.

*

* *

“Paz e amor sejam convosco.

Que possamos ainda uma vez, unidos pelos laços de fraternidade, estudar essa doutrina de paz e amor, de justiça e esperança, graças à qual encontraremos a estreita porta da salvação futura — gozo indefinido e imorredouro para as nossas almas humildes.

Antes de ferir os pontos que fazem o objetivo da minha manifestação, devo pedir a todos vós que me ouvis — a todos vós espíritas a quem falo neste momento — que me perdoem se porventura, na externalização dos meus pensamentos, encontrardes algum coisa que vos magoe, algum espinho que vos vá ferir a sensibilidade do coração. O cumprimento do dever nos impõe que usemos de linguagem franca, rude mesmo, por isso que cada um de nós tem uma responsabilidade individual e coletiva e, para salvá-la, lançamos mão de todos os meios que se nos oferecem, sem contarmos muitas vezes com a pobreza da nossa inteligência, que não nos permite dizer aquilo que sentimos sem magoar, não raro corações amigos, para os quais só desejamos a paz, o amor e as doçuras da caridade.

Certo de que ouvireis a minha súplica; certo de que, falando aos espíritas falo a uma agremiação de homens cheios de benevolência, encetei o meu pequeno trabalho, cujo único fim é desobrigar-me de graves compromissos, que tomei para com o nosso Criador e Pai. Sempre compassivo e bom, voltando os piedosos olhos à humanidade escrava dos erros e das paixões do mundo, Deus torna uma verdade as palavras do seu amantíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, e manda o Consolador — o Espírito de Verdade — que vem abertamente falar da revelação messiânica a essa mesma Humanidade esquecida do seu imaculado Filho, aquele que foi levado pelas ruas da amargura, sob o peso das iniquidades e das ingratidões dos homens!

Corridos os séculos, desenvolvido, intelectualmente, o espírito humano, Deus, na sua sabedoria, achou que era chegado o momento de convidar os homens à meditação do Evangelho, precioso livro de verdades divinas — até então ensombrado pela letra, devido à deficiência da inteligência humana para compreendê-lo em espírito.

Por toda parte se fez luz; revelou-se à Humanidade o Consolador prometido em nome desse Deus de misericórdia que não quer a morte do pecador — que não quer o extermínio dos ingratos — que antes os quer ver remidos dos desvarios da carne, da obcecação dos instintos!

Sendo assim, a esse pedaço de terra a que chamais Brasil, foi dada também a revelação, firmando os vossos espíritos, antes de encarnarem, compromissos de que ainda não vos desobrigastes. E perdoai que o diga: tendes mesmo retardo o cumprimento deles e de graves deveres, levados por sentimento que não convém agora perscrutar.

Ismael, o vosso Guia, tomando a responsabilidade de vos conduzir ao grande templo do amor e da fraternidade humana, levantou a sua bandeira, tendo inscrito nela — **Deus, Cristo e Caridade**. Forte pela sua dedicação, animado pela misericórdia de Deus, que nunca falta aos seus trabalhadores, sua voz santa e evangélica ecoou em todos os corações, procurando atraí-los para um único agrupamento onde, unidos, teriam a força de leões e a mansidão das pombas; onde, unidos, pudessem afrontar todo o peso das iniquidades humanas; onde, enlaçados num único sentimento — o do amor —, pudessem adorar o Pai em espírito e verdade; onde se levantasse a grande muralha da fé, contra a qual viessem quebrar-se todas as armas dos inimigos da luz; onde, finalmente, se pudesse formar um grande dique à onda tempestuosa das paixões, dos crimes e dos vícios que avassalam a Humanidade inteira!

Constituiu-se esse agrupamento; a voz de Ismael foi sentida nos corações. Mas, oh! misérias humanas! À semelhança de sementes lançadas no pedregulho, eles não encontram terra boa para as suas raízes e quando aquele Anjo Bom — aquele Enviado do Eterno — julgava ter em seu seio amigos e irmãos capazes de ajudá-lo na sua grande tarefa, santa e boa, as sementes foram mirrando ao fogo das paixões — foram-se encravando na rocha, apesar do orvalho da misericórdia divina as banhar constantemente para sua vivificação!

Ali, onde a humildade devera ter erguido tenda, o orgulho levantou o seu reduto; ali onde o amor devia alçar-se, sublime e esplêndido, até os pés de Nosso Senhor Jesus Cristo, a indiferença cavou sulcos, a justiça se chamou injustiça, a fraternidade — dissensão! Mas, pela ingratidão de uns, haveria de sacrificar-se a gratidão e a boa vontade de outros? Pelo orgulho dos que já se arvoraram em mestres na sua ignorância, havia de sacrificar-se a humildade do discípulo perfeitamente compenetrado dos seus deveres? Não!

Assim quando os inimigos da luz, quando o espírito das trevas julgavam esfacelada a bandeira de Ismael, símbolo da trindade divina, quando a voz iníqua já reboava no espaço, glorificando o reino das trevas e amaldiçoando o nome do Mártir do Calvário, ele escolheu o seu estandarte e fez que se levantasse uma pequena tenda de combate com o nome — FRATERNIDADE! Era este, com certeza, o ponto para o qual deviam convergir todas as forças dispersas — todos os que recebiam a semente no pedregulho!

Certos de que acaso é palavra sem sentido e testemunha dos fatos que determinam o levantamento dessa tenda, todos os espíritos tinham o dever sagrado de vir aqui se agrupar, ouvir a palavra sagrada do bom Guia Ismael, único que dirige a propaganda da doutrina nesta parte do planeta, único que tem toda a responsabilidade da sua marcha e do seu desenvolvimento.

Mas, infelizmente, meus amigos, não pudestes compreender ainda a grande significação da palavra FRATERNIDADE! Não é um termo, é um fato; não é sua palavra vazia; é um sentimento sem o qual vos achareis sempre fracos para essa luta que vós mesmos não podeis medir, tal a sua grandeza extraordinária!

Ismael tem o seu templo e sobre ele a sua bandeira **Deus, Cristo e Caridade!** Ismael tem a sua pequenina tenda, onde procura reunir todos os seus irmãos — todos aqueles que ouviram a sua palavra e a aceitaram como a verdade. Chama-se FRATERNIDADE!

Pergunto-vos: Pertenceis à Fraternidade? Trabalhais para o levantamento desse Templo cujo lema é **Deus, Cristo e Caridade?**

Como e de que modo?

Meus amigos! É possível que eu seja injusto convosco naquilo que vou dizer: — O vosso trabalho, feito todo de acordo — não com a doutrina — mas com o que interessa exclusivamente aos vossos sentimentos, não pode dar bom fruto. Esse trabalho, sem método, sem regime, sem disciplina, só pode, de acordo com a doutrina que esposastes, trazer espinhos que dilaceram vossas almas, dores pungentes aos vossos espíritos, por isso que, desvirtuando os princípios em que ela assenta, dais entrada constante e funesta àquele que encontrando-vos desunidos pelo egoísmo, pelo orgulho, pela vaidade, facilmente vos acabrunhará, com todo o peso da sua iniquidade.

Entretanto, dar-se-ia o mesmo se estivésseis unidos? Porventura acreditais na eficiência de um grande exército dirigido por diversos generais, cada qual com o seu sistema, com o seu método de operar e com pontos de mira divergentes? Jamais! Nessas condições só encontrareis a derrota porquanto — vede bem o que não podeis fazer com o Evangelho — unir-vos pelo amor do bem — fazem os vossos inimigos, unindo-se pelo amor do mal!

Eles não obedecem a diversas orientações, nem colimam objetivos diversos; tudo converge para a Doutrina Espírita — revelação da revelação — que não lhes convém e que precisam destruir, para o que empregam toda a sua inteligência, todo o seu amor do mal, submetendo-se a uma única direção!

A luta cresce dia-a-dia, pois que a vontade de Deus, iniciando as suas criaturas nos mistérios da vida de além-túmulo, cada vez mais se torna patente. Encontrando-se, porém, os vossos espíritos, em face da doutrina, no estado precário que acabo de assinalar, pergunto: — Com que elementos contam eles na temerosa ação em que se vão empenhar, cheios de responsabilidades? Em que canto da Terra já se ergue o grande tabernáculo onde ireis elevar os vossos pensamentos — em que canto da Terra construístes a grande muralha contra o mal, contra a qual se não de quebrar as armas dos vossos adversários?

Será possível que à semelhança das cinco virgens pouco zelosas, todo o cuidado da vossa paz tendeis perdido? Que repouseis sobre as outras que não dormem e que ansiosamente aguardam a vinda do seu Senhor?

Mas se é assim, em que consiste o aproveitamento das lições que constantemente vos são dadas a fim de tornar uma verdade a vossa vigilância e uma santidade a vossa oração?

Se assim é, onde os frutos desse labor fecundado de todos os dias, os vossos amigos de além-túmulo?

Acaso apodreceram roídos pela traça — tocados pelo bolor dos vossos arquivos repletos de comunicações?

Se assim é, e agora não há de voltar atrás, porque já tendes a mão do arado, onde a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença; se entregues a vós mesmos, julgando-vos possuidores de grandes conhecimentos doutrinários, afastais, pela prática das vossas obras, aqueles que até hoje têm procurado incessante-

mente colocar-vos debaixo do grande lábaro — Deus, Cristo e Caridade?

Onde, torno a perguntar, a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se tendo uma única doutrina para apoio forte e inabalável, a subdividis, a multiplicais, ao capricho das vossas individualidades, sem contar com a coletividade que vos poderia dar a força, se constituísseis um elemento homogêneo, perfeitamente preparado pelos que se encarregam da revelação? Mas onde a vantagem das subdivisões? Onde o interesse real para a doutrina e seu desenvolvimento, na dispersão que fazeis do vosso grande todo, dando já desse modo um péssimo exemplo aos profanos, por isso pregais a fraternidade e vos dividis cheios de dissensões?

Onde as vantagens de tal proceder? Estarão na diversidade dos nomes que dais aos grupos? Por que isso? Será por que este ou aquele haja recebido maior doação do patrimônio divino? Será por que convenha à propaganda que fazeis? Mas para a propaganda precisamos dos elementos constitutivos dela. Pergunto: — Onde a Escola dos Médiuns? Existe?

Porventura os homens que têm a boa vontade de estudar convosco os mistérios do Criador, preparando seus espíritos para o ressurgir na outra vida, encontram em vós os instrumentos disciplinados — os médiuns perfeitamente compenetrados do importante papel que representam na família humana e cheios dessa seriedade, que dá uma idéia exata da grandeza da nossa doutrina? Ou a nossa propaganda se limita tão-somente a falar do Espiritismo? Ou os vossos deveres e as vossas responsabilidades, individuais e coletivas, se limitam a dar a nota do ridículo àqueles que vos observam, julgando-vos doidos e visionários?

Meus amigos! Sei quanto é doloroso tudo isto que vos digo, pois que cada um dos meus pensamentos é uma dor que repassa profundamente o seu espírito. Sei que as vossas consciências sentem perfeitamente todo o peso das verdades que vos exponho. Mas

eu vos disse ao começar: — temos responsabilidades e compromissos tomados, dos quais procuramos desobrigar-nos por todos os meios ao nosso alcance.

Se completa não está a minha missão na Terra, se mereço ainda do Senhor a graça de vir esclarecer a doutrina que aí me foi revelada, dando-vos nossos conhecimentos compatíveis com o desenvolvimento das vossas inteligências, se vejo que cada dia que passa da vossa existência — iluminada pela sublime luz da revelação, se produzirdes um trabalho na altura da graça que vos foi concedida — é um motivo de escândalo para as vossas próprias consciências; devo usar desta linguagem rude do amigo, a fim de que possais, compenetrados verdadeiramente dos vossos deveres de cristãos e de espíritas, unir-vos num grande agrupamento fraterno, onde — avigorados pelo apoio mútuo e pela proteção dos bons — possais enfrentar o trabalho extraordinário que vos cumpre realizar para a emancipação dos vossos espíritos, trabalho que inegavelmente ocasionará grande revolução na humanidade, não só quanto à parte da ciência e da religião, como também na dos costumes!

Uma vez por todas vos digo, meus amigos: — Os vossos trabalhos, os vossos labores não podem ficar no estrito limite da boa vontade e da propaganda sem os meios elementares indicados pela mais simples razão.

Não vem absolutamente ao caso o reportar-vos às palavras de N.S. Jesus Cristo; quando disse que a luz não se fez para ser colocada debaixo do alqueire. Não vem ao caso e não tem aplicação, porque não possuís luz própria! Fazei a luz pelo vosso esforço; iluminai todo o vosso ser com a doce claridade das virtudes; disciplinai-vos pelos bons costumes no Templo de Ismael; templo onde se adora a Deus, se venera o Cristo e se cultiva a Caridade. Então sim; — distribuí a luz, ela vos pertence. E vos pertence

porque é um produto sagrado do vosso próprio esforço — uma brilhante conquista do vosso espírito empenhado nas lutas sublimes da verdade.

Fora desses termos, podeis produzir trabalhos que causem embriaguez à vista, mas nunca que falem sinceramente ao coração. Podeis produzir emoções fortes, por isso muitos são os que gostosamente se entregam ao culto maravilhoso, nunca, porém, deixarão as impressões suaves da verdade vibrando as cordas do amor divino no grande coração humano. Fora dessa convenção ortodoxa, é possível que as plantas cresçam nos vossos grupos, mas é bem possível que também seus frutos sejam bastante amargos, bastante venenosos, determinando, ao contrário do que devia acontecer, a morte moral do vosso espírito — a destruição pela base do vosso templo de trabalho!

Se o Evangelho não se tornar realmente em vossos espíritos um broquel, quem vos poderá socorrer, uma vez que a revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando o vosso século? Se o Evangelho nas vossas mãos apenas tem a serventia dos profanos livros que deleitam a alma e encantam o pensamento, o que vos poderá socorrer no momento dessa revolução planetária que já se faz sentir, que dará o domínio da Terra aos bons, preparados para o seu desenvolvimento, que ocasionará a transmigração dos obcecados e endurecidos para o mundo que lhes for próprio?

Que será de vós — quem vos poderá socorrer — se à lâmpada do vosso espírito faltar o elemento de luz com que possais ver a chegada inesperada de Jesus Cristo, testemunhando o valor dos bons e a fraqueza moral dos maus e dos ingratos?

Se fostes chamados às bodas do filho do vosso rei, por que não tomam os vossos espíritos as roupagens dignas do banquete, trocando conosco o brinde do amor e da caridade pelo feliz consórcio do Cristo com o seu povo? Se tudo está preparado, se só

faltam os convivas, por que cedeis o vosso lugar aos coxos e estropiados que virão como últimos, a serem os primeiros na mesa farta da caridade divina?

Esses pontos do *Evangelho* de Nosso Senhor Jesus Cristo, ainda, apesar da revelação, não provocaram a vossa meditação? Esse eco que ressoa por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo — **os tempos são chegados!** — será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorar os vossos espíritos?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, vivendo cheios de dissensões e de lutas, como se não constituíssemos uma única família, tendo para regência dos nossos atos e dos nossos sentimentos uma única doutrina? Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, dando a todo momento e a todos os instantes a nota do escândalo, apresentando-nos aos homens como criaturas cheias de ambições que não trepidam em lançar mão até das coisas divinas para o gozo da carne e a satisfação das paixões do mundo?

Mas seria simplesmente uma obcecação do espírito — pretender desobrigar-se dos seus compromissos e penetrar no reino de Deus coberto dessas paixões e dessas misérias humanas! Isso equivaleria o não acreditardes naquilo mesmo em que dizeis que credes: seria zombar do vosso Criador, que não exigindo de vós sacrifício, vos pede, entretanto, não transformeis a sua casa de oração em covil de ladrões.

Meus amigos! Sem caridade não há salvação. Sem fraternidade não pode haver união. Uni-vos, pois, pela fraternidade debaixo das vistas do bom Ismael, vosso guia e protetor. Salvai-vos pela Caridade, distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto. Aqueles que vos pedem lhes deis da vossa crença ao menos um testemunho moral, que os possa obrigar a respeitar em vós o indivíduo bem-intencionado e verda-

deiramente cristão. Sobre a propaganda que procurais fazer, exclusivamente para chamar ao vosso seio maior número de adeptos, direi: se os meios mais fáceis que tendes encontrado são a cura dos vossos irmãos obsessos, são as visitas domiciliares e a expansão dos fluidos, aí tendes um modesto trabalho para a vossa meditação e estudo.

E, lendo, compreendendo, chamai-me todas as vezes que for do vosso agrado ouvir a minha palavra e eu virei esclarecer os pontos que achardes duvidosos. Virei, em novos termos, se for preciso, mostrar-vos que esse lado que vos parece fácil para a propaganda da vossa doutrina é o maior escolho lançado ao nosso caminho, é a pedra colocada às rodas do vosso carro triunfante e será, finalmente, o motivo da vossa queda desastrosa, se não souberdes guiar-vos com o critério que se exige daqueles que se empenham numa tão grande causa.

Permita Deus que os espíritas, a quem falo, que os homens, a quem foi dada a graça de conhecerem em espírito e verdade a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, tenham a boa vontade de me compreender, a boa vontade de ver nas minhas palavras unicamente o interesse do amor que lhes consagro.”

Allan Kardec



Dados Cronológicos 1890 a 1900

(DADOS RETIRADOS DO *REFORMADOR*, DE MARÇO A ABRIL DE 1954, E DO LIVRO *ESPIRITISMO BÁSICO*, DE PEDRO FRANCO BARBOSA.)

Em 1 de setembro de 1891, o *Reformador* lança o primeiro apelo para aquisição da sede própria para a Federação Espírita Brasileira.

Em 4 de agosto de 1892, ficou constituída no Rio de Janeiro uma Comissão Permanente que defenderia os espíritas quando perseguidos em suas convicções e na propaganda da Doutrina. A Comissão ficou assim composta: Dr. Ramos Nogueira, Senador Antônio Pinheiro Guedes, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, Deputado Aristides Spindola Zama, Dr. João Carlos de Oliva Maia, Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, Deputado J. C. Almeida Nogueira, Deputado Alcindo Guanabara, Prof. Angeli Torteroli e Dr. Valentim Magalhães.

Em 1 de setembro de 1892, foi fundada no Rio de Janeiro a Sociedade Brasileira Espírita de Estudos Psíquicos.

Em 16 de março de 1893, desencarnou no Rio de Janeiro o pioneiro do Espiritismo no Brasil — Luís Olímpio Teles de Menezes — nascido na Bahia aos 26 de julho de 1825. (*Reformador* de 1950 e de 1952.)

Em 10 de agosto de 1893, foi lida no Congresso Nacional uma representação assinada por alguns espíritas ilustres da época, entre eles, os Drs. Bezerra de Menezes e Dias da Cruz, e o Senador Pinheiro Guedes.

Pedia-se à distinta assembléia reconhecer a inconstitucionalidade do Código Penal na parte relativa ao Espiritismo. O Presidente do Congresso remeteu a representação à Comissão Revisora do Código Penal para que a tomasse em consideração.

Em 24 de maio de 1895, um grupo de dissidentes da FEB, encabeçado pelo Prof. Torteroli, inaugura o Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil, desenvolvendo, então, uma campanha contra o grande Bezerra de Menezes.

Em 3 agosto de 1895, com a renúncia do Dr. Júlio César Leal, é eleito presidente da FEB, com poderes discricionários, o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes. (*Reformador* de 15 de agosto de 1895 e de 1 de setembro de 1896.)

Em 10 de outubro de 1895, deixou o invólucro carnal o Dr. Bittencourt Sampaio, espírita dos primeiros tempos. (*Reformador* de 1937.)

Em 31 de março de 1897, organiza-se a Livraria da Federação Espírita Brasileira, cujo desenvolvimento muito se deveu a Elias da Silva e a outros abnegados confrades.

Em 22 de novembro de 1897, desencarnou o Dr. Júlio Cesar Leal. Foi presidente da FEB, durante curto período de meses, em 1895.

A Nova Era — Número 1

Os exemplares de “A Nova Era — Órgão Hebdomadário de Propaganda Espírita no Brasil” existentes na Biblioteca Nacional estão em tão péssimo estado que não nos foi permitido obter uma cópia fotográfica, conforme foi feito com os demais jornais espíritas abordados neste livro.

No entanto, apresentamos a seguir um texto retirado do primeiro número desse jornal, que iniciou os seus trabalhos em 1 de janeiro de 1890.

“A Nova Era — órgão de propaganda da filosofia espírita, surgindo a lume, não tem a intenção de conquistar no mundo do jornalismo brasileiro um lugar salientíssimo.

Filho do progresso, arauto das novas idéias, sentinela avançado da civilização, envergará, qual combatente impertérito, a couraça das crenças hodiernas, a fim de implantar, no baluarte do obscurantismo, o lábaro de luz da regeneração humana!

Antagonista do erro, mensageiro da verdade, penetrará nas mansardas viscosas para exterminar o vício, imprimindo o seu

ósculo de amor na face da virtude. Investigador da Ciência, operário do porvir, carregará a pedra triangular da sua dedicação para a ereção do majestoso templo da fraternidade. [...]” (A Nova Era, 1 de janeiro de 1890.)



Assistência aos Necessitados (1890)

(DADOS RETIRADOS DO *REFORMADOR*
DE 15 DE MAIO DE 1890.)

A assistência aos necessitados, da Federação Espírita Brasileira, é talvez a mais bela página do Espiritismo brasileiro. Criada em 1890, um ano que seria extremamente difícil para o Espiritismo brasileiro, existe até os dias de hoje, amparando os enfermos, os aflitos e os necessitados e seguindo à risca o lema de nossa Doutrina que é: “Fora da Caridade não há Salvação”.

*

* *

ASSISTÊNCIA AOS NECESSITADOS

“Nosso ilustre confrade Dr. Polydoro Olavo de S. Thiago, compreendendo a sublime lei do amor, sentia seu coração sangrar ao ver a miséria, a fome e a desnudez, ocultando-se timoratas sob inúmeros tetos neste Rio de Janeiro. Tanto mais se condoía quanto, só por só, bem pouco era o que suas únicas forças podiam conseguir. Olhando para a miséria que se oculta, àquele que não estende a mão à caridade dos que passam, mas que se afadiga em vigílias sem termo para a custo não deixar morrer, de todo, um corpo que mal se nutre, pensou aquele confrade que o pouco, o nada, que todos podem dispensar, bem poderia ser o muito para aquela miséria envergonhada. Reuniu então alguns amigos na sala da Federação Espírita Brasileira e falou-lhes quanto podia ao coração.

“Há por aí muitos estômagos malcheios, muitas carnes descobertas; corramos, apressemo-nos, porque as migalhas de nossa mesa podem calar muita fome, como os retalhos de nossas vestes ocultar muita desnudez.

Não é mais necessitada a miséria que se ostenta: a mão, que se ergue súplice à caridade dos que passam, está sempre mais cheia do que aquela que se recolhe às dobras das vestes, para acalmar as contrações de um estômago esfaimado. Sejamos nós os pedintes e vamos de amigo em amigo suplicar não o óbolo pesado da filantropia, mas os escassos recursos que todos podem ceder; é de muitos vinténs que se fazem montuosas quantias. De frente erguida e sem corar, peçamos o sapato, o chapéu, a veste que a vaidade do homem, da mulher ou da criança já de todo deixou.

Digamos que numa grande capital tudo se pode trocar por moeda, e que, pois, nossas mãos estão abertas para receber quanto aprover a caridade.

Penetremos depois já no albergue em que a indigência está patente, já na casa em que ela se oculta nas dobras das sanefas; aí

levemos, com um pouco de consolação, com palavras que confortem, não o dinheiro, mas um pouco de alimento que vá minorar uma necessidade, não o dinheiro, mas um trapo que momentaneamente cubra a nudez.

Mãos à obra: basta já de palavras!”

“Tão fundo calaram no coração de todos as expressões do nosso confrade, que desde logo achou-se constituída a assistência aos necessitados. Algumas pessoas de boa vontade, que são as que a constitui, reúnem-se às 2 horas da tarde aos domingos, na sala da Federação, na Rua do Regente nº 19, 2º andar; e aí vêm propor que se socorram tais ou tais necessitados e depositar em uma bolsa que corre de mão em mão o que o seu esforço alcançar. Os socorros são levados diretamente aos necessitados pelos membros da assistência, sob a forma de cartões, que valem, em armazéns determinados, um pouco de alimento!

A assistência não se propõe a suprimir completamente uma necessidade, mas a auxiliar apenas a sua satisfação: ela deseja que cada qual não se exima do esforço e do trabalho para prover as próprias urgências, porque a nobre lei do trabalho não deve ser contrariada; eis por que os seus auxílios são periódicos, temporários e insignificantes.

Resta-nos também estender nossas mãos a todos quantos nos lerem e suplicar:

‘Uma esmola, pelo amor de Deus, para os necessitados’.



(Fac-símile do nº 1 de *O Regenerador*.)

do Paiz

(H) BIBLIOTECA NACIONAL RIO DE JANEIRO

LIVRO PRIMEIRO PRIMEIRA SERIE

REDACÇÃO
Rua da Providencia n. 56

O REGENERADOR

PUBLICAÇÃO MENSAL

ASSIGNATURAS
Por trimestre 500 rs.
Num. avulso 100 rs.

Organ do Grupo Caridade nas Trevas
Centro Espírita S. Francisco de Assis

ANNO I Capital Federal, 1 de Setembro de 1890 N. 1

EXPEDIENTE

Os originaes que nos forem enviados não serão restituídos.

A redacção aceita qualquer producção que seja de interesse da doutrina e heu assim publicará qualquer communicação que lhe for dirigida.

—

AOS IRMÃOS PRESIDENTES

Aparecendo hoje, pela primeira vez, **O REGENERADOR**, vos preencher uma lacuna na imprensa espirita, e fundado nos interesses da moral, que é o ponto de vista dos espiritas, espera ser coadjuvado por todos os irmãos que professão a verdadeira religião, e, por isso, elle se fortalecerá na pratica do bem, heitando a luz que lhe é transmitida pelo espirito superiores, tambem fortalecerá á todos com essa luz vivificante que se chama — **A CARIDADE!**

O REGENERADOR

1 de Setembro de 1890.

É mais um batalhador que surge na arena jornalística empunhando o pavilhão da liberdade da consciencia para dissipar as trevas que envolve ainda as intelligencias «cultas» dos mais elogiados theologos.

O **REGENERADOR**, apparecendo hoje pela vez primeira, vem colher, neste immenso valle, as rosas silvestres para dellas tirar as petalas mais mimosas, sem por isso temer as feridas que receberá dos venenosos espinhos.

Lutando sempre pela verdadeira expressão da sciencia espirita, **O REGENERADOR**, convicto de que encontrará a coadjuvação necessaria, fará com que aquelles que ainda affirmam nada existir além do visível, se competrem quão de sublime e sincero existe na doutrina espirita que é a verdadeira doutrina de Jesus Christo.

Dando franco apoio á todos os grupos espiritas do Rio de Janeiro, o nosso jornal cumprirá um sagrado dever propagando mais e mais a philosophia que Allan Kardec tão puramente legou-nos.

«Não sabem quem somos, nem para onde vamos!»

«Vamos de jornada por estrada sem meta, por caminho sem termo, de jornada para o infinito», assim disse o nosso collega BUZARDANON e assim devem dizer todos aquelles que comprehenderem o verdadeiro sentido dos ensinamentos de Christo.

411
59

O Regenerador — Número 1 (1890)

(DADOS RETIRADOS DO PRIMEIRO NÚMERO DE **O REGENERADOR**, PUBLICADO EM 1 DE SETEMBRO DE 1890.)

“É mais um batalhador que surge na arena jornalística, empunhando o pavilhão da liberdade da consciencia para dissipar as trevas que envolvem, ainda, as intelligências “cultas” dos mais elogiados teólogos.

O Regenerador, apparecendo hoje pela primeira vez, vem colher, neste imenso vale, as rosas silvestres, para delas tirar as pétalas mais mimosas, sem por isso temer as feridas que receberá dos venenosos espinhos.

Lutando sempre pela verdadeira expressão da Ciência Espírita, *O Regenerador*, convicto de que encontrará a coadjuvação necessária, fará com que aqueles que ainda afirmam nada existir além do visível, se competrem quão de sublime e sincero existe na Doutrina Espírita, que é a verdadeira Doutrina de Jesus Cristo. Dando franco apoio a todos os grupos espíritas do Rio de Janeiro,

o nosso jornal cumprirá um sagrado dever propagando mais e mais a filosofia que Allan Kardec tão puramente legou-nos.

Não sabem quem somos, nem para onde vamos!

“Vamos de jornada por estrada sem meta, por caminho sem termo, de jornada para o infinito”, assim o disse o nosso colega *Reformador* e assim devem dizer todos aqueles que compreenderem o verdadeiro sentido dos ensinamentos de Cristo.”



Espiritismo Vira Contravenção (1890)

Poucos sabem que um dia o Espiritismo foi considerado contravenção. Isso de fato aconteceu em 1890, quando o Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890, promulgou o Código Penal. Os espíritas, que já tinham enfrentado a proibição das sessões da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade e dos centros filiados em 1881, agora tinham que engolir o Artigo 157 do Código Penal, que proibia a prática do Espiritismo, com pena de prisão de um a seis meses e multa para os que transgredissem a Lei.

O Código Penal de 1890 era o código da proibição. No capítulo III, sob o título “Dos Crimes Contra a Saúde Pública”, o Código Penal estabelecia que a Homeopatia, o Hipnotismo ou o Magnetismo Animal só poderiam ser exercidos por aqueles que estivessem habilitados segundo as leis e regulamentos.

Colocava o Espiritismo na mesma categoria da magia, do uso de talismãs e da cartomancia — todas eram proibidas. Também era proibido ministrar ou prescrever substância de qualquer

reino da natureza. As penas eram extremamente rigorosas, determinando prisão, multa e afastamento do exercício da profissão.

O Reformador começou a publicar em 1 de novembro de 1890 a defesa dos espíritas e da prática do Espiritismo. Eis um trecho do primeiro texto:

“[...] Os artigos 157 e 158 que se acham no capítulo “Dos Crimes Contra a Saúde Pública” são a mais evidente prova de que seu autor desconhece, por completo, o assunto sobre o que legislou. Antes de tudo o Art. 157 reza assim:

Art. 157 — Praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancia para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública [...]

Ora, essas múltiplas coisas, que se acham embaralhadas no mesmo artigo, são entre si dissonantes, tão antinômicas, que sua confusão traz à memória a cediça frase dos velhos mestres que outrora professavam filosofia: *ignoratio elenchi*.”

“O Espiritismo, Sr. Ministro, é a mais complexa negação de todas as superstições: ele as combate como a mais poderosa causa do atraso do espírito humano, ele afirma que só se deve acreditar naquilo que a observação, iluminada pelos processos científicos modernos, pode verificar como aquisição certa para o patrimônio dos conhecimentos. Talvez até seja por isso, que ele se vê guerreado por quem deverá ser seus melhores aliados — as religiões todas, que, em geral, ou se baseiam ou favoniam superstições.

Para a demonstração da verdade daquele asserto bastar-nos-ia citar páginas d’algumas das imortais obras do emérito discípulo de Pestalozzi, o célebre filósofo Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec. Mas como só este nome é um espantinho para os que não lêem aquilo que as reconcebidas idéias próprias rejeitam, lançaremos mão de argumentos de outra ordem. [...]” (*Reformador*, 1 de novembro de 1890.)

Decreto que Proíbe o Espiritismo (1890)

Decreto número 847 — Justiça — Decreto de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal.

CAPÍTULO III

DOS CRIMES CONTRA A SAÚDE PÚBLICA

Art. 156 — Praticar a Medicina em qualquer dos seus ramos, a arte dentária ou a farmácia; praticar a Homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos: Penas — de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.

Parágrafo Único — Pelos abusos cometidos no exercício ilegal da Medicina em geral, os seus autores sofrerão, além das penas estabelecidas, as que forem impostas aos crimes a que derem causa.

Art. 157 — Praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública: Penas — de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.

Parágrafo 1º: Se por influência, ou em consequência de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação ou alteração temporária ou permanente das faculdades físicas: Penas — de prisão celular por um a seis anos e multa de 200\$ a 500\$000.

Parágrafo 2º: Em igual pena e mais na de privação do exercício da profissão por tempo igual ao da condenação incorrerá o médico que diretamente praticar qualquer dos atos acima referidos ou assumir a responsabilidade deles.

Art. 158 — Ministras ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo assim, o ofício do denominado *curandeiro*: Penas — de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.

Parágrafo Único: Se do emprego de qualquer substância resultar à pessoa privação ou alteração temporária ou permanente de suas faculdades físicas ou funções psicológicas, deformidade ou inabilitação do exercício do órgão ou aparelho orgânico ou, em suma, alguma enfermidade: Penas — de prisão celular por um a seis anos e multa de 200\$ a 500\$000. Se resultar a morte: Penas — de prisão celular por seis a vinte e quatro anos.



Defendendo o Espiritismo (1892)

Éis outro documento extremamente curioso. Em 1892 foi criada uma comissão permanente para defender os espíritas.

Há na lista os mais destacados nomes da sociedade brasileira, como o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, o Senador A. Pinheiro Guedes, os Deputados Aristides Spindola Zama e Alcindo Guanabara, o Dr. Francisco Dias da Cruz, o Escritor e Jornalista Valentim Magalhães, entre outros. Foi mais um grande momento da História do Espiritismo Brasileiro.

*

* *

“Escrevem-nos: ‘Ontem, em numerosa assembléia espírita, promovida pelo Círculo Conciliação, foi eleita uma comissão permanente que defenderá os espíritas que forem perseguidos em virtude de suas convicções e de propaganda da Ciência Espírita. Foram eleitos para a comissão os seguintes cavalheiros: Dr. Ramos

Nogueira, Senador A. Pinheiro Guedes, Deputado Aristides C. Spindola Zama, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, Deputado Alcindo Guanabara, Dr. Francisco Dias da Cruz, Professor A. Ângelo Tasteroli, Deputado J. L. de Almeida Nogueira, Dr. Valentim Magalhães, que compareceu e acedeu a fazer parte da comissão como advogado permanente dos espíritas, enquanto prevalecerem os artigos 157 e 158 do Código Penal.

Na mesma assembléia deliberou-se promover uma representação no Congresso Nacional para eliminar os absurdos dos artigos mencionados'." (*Jornal do Brasil*, 6 de agosto de 1892.)



Representação no Congresso Nacional (1893)

(DADOS RETIRADOS DO *REFORMADOR*
DE 1 DE SETEMBRO DE 1893.)

Representação — No Congresso Nacional em sessão de 10 de agosto foi lido o seguinte:

“A comissão permanente defensora dos espíritas, eleita na assembléia espírita, realizada na capital federal em 4 de agosto de 1892, vem perante vós dar desempenho à missão que lhe foi confiada e cujo cumprimento não devia escusar-se.

A comissão pretendia fazer largas considerações, demonstrando a justiça da causa que defende; convencida porém de que fatigaria aos membros do Congresso Nacional uma longa exposição dos direitos que cabem aos investigadores do Espiritismo, quer seja considerado como ciência ou como religião, e já havendo sido suficientemente demonstrado no folheto que a redação do *Reformador*,

órgão da Federação Espírita Brasileira, distribuiu em tempo a todos os Srs. Membros do Congresso, limita-se neste ato a chamar a atenção dos cidadãos que compõem a representação nacional para os Arts. 157 e 158 do Código Penal nos pontos em que atentam contra os que estudam a Ciência Espírita.

E lembra que é uma vergonha que o Código Penal, confundindo o Espiritismo com a feitiçaria e a magia, comine penas aos que o praticam, quando, na Europa, os vultos mais eminentes das ciências chamadas exatas, o estudam, e ainda há pouco em Turim se realizaram notáveis experiências espíritas com o concurso de sábios como Schiaparelli, Lombroso, Richet e outros.

A comissão pondera que, conquanto até hoje não tenha sido perseguido o Espiritismo na República do Brasil, porque os adversários reconhecem que sendo aplicados contra os espíritas os referidos Arts. 157 e 158 serviriam para acelerar a propaganda; entretanto, como Lei escrita, esses artigos devem servir para apresentar o Brasil, perante o mundo civilizado, como o único país onde os espíritas são perseguidos e onde não há liberdade de pensamento, porque se contrapôs um código ao Estatuto Fundamental.

Em vista do exposto, espera a comissão que, reconhecendo a iniquidade e a inconstitucionalidade das mencionadas disposições, dareis o devido apreço à justa reclamação de um avultado número de cidadãos, que a mesma comissão abaixo-assinada tem a honra de representar. — Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1893.

Assinados: Dr. Antônio Luiz Ramos Nogueira, Advogado; Senador Antônio Pinheiro Guedes, Médico; Deputado Dr. José Luiz de Almeida Nogueira, Advogado; Deputado Dr. Aristides César Spinola Zama, Médico; Dr. Valentim Magalhães, Advogado; Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, Médico; Dr. João Carlos de Oliva Maia, advogado; Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, Médico; Professor Afonso Ângelo Torteroli.

O Presidente remeteu a representação à comissão revisora do Código Penal para tomar em consideração.”

Uma Crônica de Machado de Assis (1894)

Eis aqui mais uma curiosidade: uma crônica de Machado de Assis, em que o grande escritor conta que acredita e pratica a Doutrina. Machado de Assis escreve um divertido conto, que vale a pena ser lido. Aqui há também a informação de que o Marquês de Abaeté (mais tarde Visconde de Abaeté) também era adepto do Espiritismo.

*

* *

“Os depoimentos desta semana complicaram de tal maneira o caso da bigamia Lousada, que é impossível destrinçá-lo, sem o auxílio de uma grande doutrina. Essa doutrina, eu, que algumas vezes me ri dela, venho proclamá-la bem alto, como a última e verdadeira.

Com efeito, vimos que a primeira mulher do capitão é negada por ele, que afirma ser apenas sua cunhada. Outros, porém, dizem que a primeira mulher é esta mesma que aí está, e quem o diz é o vigário, que os casou em 1870, e o padrinho, que assistiu à cerimônia. Mas eis aí que surge a certidão de óbito e o número da sepultura da primeira esposa, que, de outra parte, são negadas, porque a pessoa morta não é a mesma e tinha nome diverso. Há assim uma pessoa enterrada e viva, mulher, cunhada e estranha, um enigma para cinco polícias juntas, quanto mais uma.

Vinde, porém, ao Espiritismo, e vereis tudo claro como água. Eu não cria no Espiritismo até junho último, quando li na União Espírita que, há anos, um distinto jurista nosso, antigo deputado por Mato Grosso, consentiu em assistir a uma experiência. Foi evocado o espírito da sogra do deputado e respondeu o Marquês de Abaeté: “Meu amigo, o Espiritismo é uma verdade. Abaeté.” Caíram-me as cataratas dos olhos. Certamente o caso não era novo; mais de uma resposta dessas aparecem, que eu sempre atribuí à simulação. A circunstância, porém, da assinatura é que me clareou a alma, não só porque o marquês era homem verdadeiro, mas ainda porque o espírito assinara, não o seu nome de batismo, mas o título nobiliário. Se houvesse charlatanismo, teria saído o nome de Antônio, para fazer crer que os espíritos desencarnados deixam neste mundo todas as distinções. A assinatura do título prova a autenticidade da resposta e a verdade da doutrina.

Sendo a doutrina verdadeira, está explicada a confusão da esposa, da cunhada e da senhora estranha, que se dá no processo do capitão, porquanto os doutores da escola ensinam que os espíritos renascem muitas vezes tortos, isto é, os filhos encarnam-se nos pais das mães, e não é raro ver um menino voltar a este mundo filho de um primo. Daí essa complicação de pessoas, que a polícia não deslindará nunca, sem o auxílio desta grande doutrina moderna e eterna.

Converta-se a polícia. Não há desdouro em abraçar a verdade, ainda que outros a contestem; todas as grandes verdades acham grandes incrédulos. Demais, a doutrina é consoladora. A resposta do marquês prova que os homens, de envolta com a carne, que é matéria, não deixam o título, que é uma forma particular de espírito. Quando o Japão começou a ter espírito, não adotou só o regímen parlamentar, nacionalizou também os condes, e lá tem, entre outros, o seu conde Ito, que dizem ser estadista eminente. A China, invejosa e preguiçosa, ergueu a custo as pálpebras e murmurou como no nosso antigo Alcazar da Rua Uruguaiana: *Vous avez de l'esprit? Nous aussi*. E criou um marquês, o marquês Tcheng, mas não foi adiante.

Quanto a mim, não só creio no Espiritismo, mas desenvolvo a doutrina. Desconfiai de doutrinas que nascem à maneira de Minerva, completas e armadas. Confiai nas que crescem com o tempo. Sim, vou além dos meus doutores; creio firmemente que um espírito de homem pode reencarnar-se em um animal. Em Mogi Mirim, Estado de São Paulo, acaba de enlouquecer um burro. Assim o conta a *Ordem* por estas palavras: “Segunda-feira passada, um burro do Dr. Santo di Prospero enlouqueceu repentinamente”. E refere os destroços que o animal fez até achar a morte. Ora, esta loucura do burro mostra claramente que o infeliz perdeu a razão. Que espírito estaria encarnado nesse pobre animal, amigo do homem, seu companheiro, e muita vez seu substituto? Talvez um gênio. A prova é que o perdeu. Com quatro pés, não pode entrar onde nós entramos com dois. Quanta vez teria dito ele consigo: — Não fosse a minha ilusão em reencarnar-me nesta besta, e estaria agora entre pessoas honradas e ilustradas, falando em vez de zurrar, colhendo palmas, em vez de pancadaria. É bem feito; a minha idéia de incorporar o burro na sociedade humana, se era generosa, não era prática, porque o homem nunca perderá o preconceito dos seus dois pés.

Outro ponto que me parece dever ser examinado e adicionado à nossa grande doutrina, é a volta dos espíritos, encarnados (se assim posso dizer) em simples obras humanas, veículo ou outro objeto. Penso, entretanto, que a graduação necessária a todas as coisas exige para esta nova encarnação que o espírito haja primeiro tornado em algum bruto. Assim é que um espírito, desde que tenha sido reencarnado na tartaruga, logo que desencarne, pode voltar novamente encarnado no bonde elétrico. Não dou isso como dogma, mas é doutrina assaz provável. Já não digo o mesmo da idéia (se a há) de que um serviço pode ser reencarnado em outro. Serviço é propriamente o efeito da atividade e do esforço humano em uma dada aplicação. Tirai-lhe essa condição, e não há serviço. É um resultado, nada mais. Pode não prestar, ser descurado, não valer dois caracóis, ou ao contrário, pode ser excelente e perfeito, mas é sempre um resultado. Quem disser, por exemplo, que o serviço da antiga companhia de bondes do Jardim Botânico está reencarnado no novo, provará com isto que de certo tempo a esta parte só tem andado de carro, mas andar de carro não é condição para ser spiritista. Ao contrário, a nossa doutrina prefere os humildes aos orgulhosos. Quer a fé e a ciência, não cocheiros embonecados, nem cavalos briosos.

Voltando à bigamia do capitão, digo novamente à polícia que estude o Espiritismo e achará pé nessa confusão de senhoras, sem ele, nada há claro nem sólido, tudo é precário, escuro e anárquico. Se vos disserem que é vezo de todas as doutrinas deste mundo darem-se por salvadoras e definitivas, acreditai e afirmai que sim, excetuando sempre a nossa, que é a única e verdadeira. Amém. (*A Semana*, 23 de setembro de 1894.)



(Fac-símile do Jornal.)



RELIGIÃO ESPIRITA

Órgão do Espiritismo Religioso
PUBLICAÇÃO MENSAL — DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

REDACTOR-CHEFE, L. DA ROCHA BARRÓS.—COLLABORADORES DIVERSOS.—DA

ANNO I

CIDADE DO RIO DE JANEIRO — 25 DE MAIO DE 1898

N.º 6

EXPEDIENTE

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Redactor-Chefe, rua do Conde de Barrós n.º 9.

CARIDADE

—Mas os Phariseus, quando ouviam que Jesus tinha feito entrar a bocca ao Sadduceus, se ajuntaram em conselho: e um d'elles que era Doutor da Lei, leuctandoo, lhe perguntou:—Mestre, qual é o grande Mandamento da Lei? Jesus lhe disse:—Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.

Esta é o maximo e o primeiro Mandamento.

E o segundo semelhante a este é:—Amarás a teu proximo como a ti mesmo.

D'estas duas Mandamentos depende toda a Lei e os Prophetas. (S. Mathews, Cap. XXII.)

Caridade, eis a virtude predilecta de Jesus, aquella que mereceu todos os afagos, todos os carinhos de seu meigo coração.

Se a humildade foi a primeira virtude que Elle plantou na Terra, pelo seu nascimento envolto nas sublimidades da mais ínfima condição aos olhos dos homens, tendo-se em vista a grandeza de elevação de sua existência: a caridade foi a jóia que Elle barbeia dia a dia de sua existência terrestre dando-lhe todos os traços dos mais acabados contornos para tornar a s'ua vida a obra-prima de sua sagrada missão.

A vida de Jesus está comprehendida entre esses dois infinitos de perfeição e de transcendental concepção: a humildade e a caridade, por isso ha de ser sempre durante toda a eternidade sobre a Terra considerada como o mais sublime exemplo de amor a Deus e aos homens.

Se pela mais pura humildade sómente, pôde-se amar verdadeiramente a Deus, porque só por essa virtude pôde erguer-se o homem pelo despreendimento de todos os preconceitos, purificando-se de todas as impurezas de paixões que o prendem as coisas terrenas e impedem de subir pelo pensamento sublime de júbilo e de luz ao pé do Criador: assim também só pela caridade perfeita, por essa virtude sómente que nasce do amor de si proprio

pois que elles constituem a doutrina da perfeição, e de todas as verdades.

— Se eu falar as linhas dos homens, e dos Anjos e não tiver caridade, sou como o metal, que via: ou como o sino que tina.

— E se eu tiver o dom de prehecia, e conhecer todas as mysterios, e quanto se pôde saber: e se tiver toda a fé, até ao ponto de transportar montes e não tiver caridade, não sou nada.

— E se eu distribuir todos os meus bens em o sustento dos pobres, e se eu cuidar o meu corpo para ser castigado: e todavia não tiver caridade, nada d'isso me aproveita.

A caridade é paciente, é benigna: a caridade não é invejosa: não obra temeraria, nem precipitadamente, não se enveredee. Não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses: não se irrita, não suspeita mal. Não foge com a injustiça, mas foga com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

A caridade nunca jactou de acabar os ditos de ter lugar as prophcias, ou resson as lagrimas, ou seja alheia a sciencia: porque em parte conhece-me, e em parte prophetisamos.

— Agora pois permanecemos a Fé, a Esperança, a Caridade: estas tres virtudes permanecem a maior d'ellas é a Caridade.

Foi ainda na comprehensão da grandiosidade d'essa virtude e do seu alcance moral, que o mesmo Paulo, esse apostolo devotado da caridade, em entusiasmo digno de amor a seus semelhantes e de humildade perante Deus, emittiu em acato do grupo José este luminoso pensamento, que é uma perenna brilhante de seu purissimo coração:—

— Caridade! Caridade! Caridade! Lago mysterioso que flua toda a humanidade: symbolo de Amor, sombra do Deus, magnética virtude que representa a uniao, o amor de todos os homens, em todo o tempo.

— Caridade! Caridade! Caridade! Lago mysterioso que flua toda a humanidade: symbolo de Amor, sombra do Deus, magnética virtude que representa a uniao, o amor de todos os homens, em todo o tempo.

— Caridade! Caridade! Caridade! Lago mysterioso que flua toda a humanidade: symbolo de Amor, sombra do Deus, magnética virtude que representa a uniao, o amor de todos os homens, em todo o tempo.

pois que elles constituem a doutrina da perfeição, e de todas as verdades.

— Se eu falar as linhas dos homens, e dos Anjos e não tiver caridade, sou como o metal, que via: ou como o sino que tina.

— E se eu tiver o dom de prehecia, e conhecer todas as mysterios, e quanto se pôde saber: e se tiver toda a fé, até ao ponto de transportar montes e não tiver caridade, não sou nada.

— E se eu distribuir todos os meus bens em o sustento dos pobres, e se eu cuidar o meu corpo para ser castigado: e todavia não tiver caridade, nada d'isso me aproveita.

A caridade é paciente, é benigna: a caridade não é invejosa: não obra temeraria, nem precipitadamente, não se enveredee. Não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses: não se irrita, não suspeita mal. Não foge com a injustiça, mas foga com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

A caridade nunca jactou de acabar os ditos de ter lugar as prophcias, ou resson as lagrimas, ou seja alheia a sciencia: porque em parte conhece-me, e em parte prophetisamos.

— Agora pois permanecemos a Fé, a Esperança, a Caridade: estas tres virtudes permanecem a maior d'ellas é a Caridade.

Foi ainda na comprehensão da grandiosidade d'essa virtude e do seu alcance moral, que o mesmo Paulo, esse apostolo devotado da caridade, em entusiasmo digno de amor a seus semelhantes e de humildade perante Deus, emittiu em acato do grupo José este luminoso pensamento, que é uma perenna brilhante de seu purissimo coração:—

— Caridade! Caridade! Caridade! Lago mysterioso que flua toda a humanidade: symbolo de Amor, sombra do Deus, magnética virtude que representa a uniao, o amor de todos os homens, em todo o tempo.

— Caridade! Caridade! Caridade! Lago mysterioso que flua toda a humanidade: symbolo de Amor, sombra do Deus, magnética virtude que representa a uniao, o amor de todos os homens, em todo o tempo.

— Caridade! Caridade! Caridade! Lago mysterioso que flua toda a humanidade: symbolo de Amor, sombra do Deus, magnética virtude que representa a uniao, o amor de todos os homens, em todo o tempo.

Se a attracção universal é a grande lei que preside a todas as phenomenas da natureza physica, desde o movimento meclanico do planeta que gira nos espaços inditos, até o do atomo circumscripto dentro de um outro atomo também infinito, o amor é a grande lei universal de todas as attracções da ordem espirital, desde as humanidades de todos os mundos até o homem como espirito independente e responsavel, erguido dentro de orbitas traçadas pelos raios tremeculos por seu proprio corpo, em sua evolução constante para a felicidade.

A primeira d'estas leis manifesta-se pelo movimento da materia sob mil formas comprehensivas: gravidade, coesão, afinidade, calor, electricidade, luz, trabalho physico enfim: a segunda, sua homologa no mundo espirital, manifesta-se por todas as virtudes em que se desdobra o amor, como vinculo entre todos os homens e o seu Criador: humildade, amor ao proximo de mim, amor ao proximo de pag e de tempo, a fé, a esperanca, e a caridade: o progresso moral emfim de toda a humanidade.

Sempre a mesma unidade predilecta a todas as concepções do mundo physico e do mundo espirital.

Se grandes são os deslumbramentos com que se adorna a sciencia humana que se trata os conhecimentos da materia tangivel sob milhães de formas por que se apresenta para ser apresentada e analysada, como estupefaciosissima não deve ser a natureza espirital da substancia intangivel que tem por agenciador a força psychocinética do amor a sua mais pura idealização partindo do coração extremosissimo do Pai Celestial, Criador do Universo.

Esqueçae a materia sem a attracção universal e terreo Calos. Imaginae o mundo espirital sem o amor e terreo a Terra, a negação de todas as verdades, o incongruente, não é, alguma coisa que não é nada e que não sendo não pode existir.

Nada para no Universo: tudo se move sob leis sabias determinações de uma evolução constante para a perfeição: se a materia precisa de uma força para a dissolver, para a reorganizar, para a exaltar, para a transformar excessivamente e constantemente que existiam em seu progresso, o espirito precisa também de uma força ou poder capaz de vencer a immobildade que lhe poderia assegurar a sua existência, e para o conduzir por todas as transformações de progresso moral e intellectual a maior perfeição, só elle então consegue da materia ao infinito, essa força a qual é o

Amor, o amor de todos os homens, em todo o tempo.

Amor, o amor de todos os homens, em todo o tempo.

Amor, o amor de todos os homens, em todo o tempo.

Amor, o amor de todos os homens, em todo o tempo.

Amor, o amor de todos os homens, em todo o tempo.

Religião Espírita

“A Biblioteca Nacional não possui o primeiro exemplar de *Religião Espírita*, razão pela qual incluímos um trecho do número 6, publicado em 25 de maio de 1898.”

“Caridade — Caridade: eis a virtude predileta de Jesus, aquella que mereceu todos os afagos, todos os carinhos de seu meigo coração.

“Se a humildade foi a primeira virtude que Ele plantou na Terra, pelo seu nascimento envolto nas sublimidades da mais ínfima condição aos olhos dos homens, tendo-se em vista a grandeza de elevação de seu espírito; a caridade foi a jóia que Ele burilou no dia-a-dia de sua existência terrestre dando-lhe todos os traços dos mais acabados contornos para torná-la a obra-prima de sua sagrada missão.

A vida de Jesus está comprehendida entre esses dois infinitos de perfeição e de transcendental concepção: a humildade e a caridade, por isso há de ser sempre durante toda a eternidade sobre a Terra considerada como o mais sublime exemplo de amor a Deus e aos homens.

Se pela mais pura humildade somente, pode-se amar verdadeiramente a Deus, porque só por essa virtude pode erguer-se o homem pelo despreendimento de todos os preconceitos, purificando-se de todas as impurezas de paixões que o prendem às coisas terrenas e o impedem de subir pelo pensamento radiante de júbilo e de luz aos pés do Criador; assim também só pela caridade perfeita, por essa virtude sublime que nasce do amor de si próprio e termina na abnegação por seu semelhante, que manda amar o seu próximo como a si mesmo, e que constitui o segundo mandamento de Deus, tão grande como o primeiro, pode o homem alcançar esse outro infinito de amor que se chama humildade.

Subir pela humildade aos pés do Eterno Senhor, e descer pela caridade aos corações de seus semelhantes, eis os extremos de amor, eis a sublimidade dos ensinamentos do Divino Mestre, o humilde e amantíssimo Jesus [...]”



Desencarnação de Bezerra de Menezes

Obituário de Bezerra de Menezes publicado nos jornais, da época, que ora transcrevemos com o português atualizado.

“Sucumbiu ontem, às 11h30min, após longos e dolorosos padecimentos, que foram a última prova imposta à sua resignação verdadeiramente cristã, o eminente brasileiro cujo nome, encimando estas linhas, como homenagem póstuma às virtudes da sua vida, por tantos anos fulgurou nos anais da política do império e hoje, apenas vive na tradição dos que o amaram, ou da inexaurível fonte da sua bondade receberam inesquecíveis benefícios.

Foi esta a característica essencial do venerado extinto. Político militante, filiado à mais adiantada parcialidade do antigo Partido Liberal, deputado, vereador da extinta Câmara deste município, a cujos destinos por longos anos presidiu; escritor — que o era com raro merecimento e brilho — em todas essas manifestações da sua atividade, deu sempre o Dr. Bezerra de Menezes as mais brilhantes provas da sua capacidade, do seu valor moral e

intelectual; mas foi sobretudo no abnegado sacerdócio da sua clínica e na doce penumbra da sua vida íntima que mais refulgiram os peregrinos dotes de seu espírito, multiplicando-se em desvelos, em solicitude, em carinhoso desinteresse por todos os que sofriam. E jamais bateu um desses, enfermo ou necessitado, inutilmente à sua porta.

Tempo houve em que, fascinado pelo desejo de servir à sua pátria, em cargos públicos, exclusivamente de confiança popular, como acabamos de aludir, substituiu o exercício da Medicina pela tribuna parlamentar ou pelos onerosos encargos de chefe da Municipalidade, em que se conservou perto de vinte anos [...]

Passou através das grandezas deste mundo e do fastígio do poder sem lhes sentir a vertigem, sobranceiro, indiferente, alheio a ambições, tendo pelas seduções da fortuna um desprezo que tanto contrasta com o culto hoje incondicionalmente rendido a essa mesquinha preocupação, cujo cultivo, em certas camadas da sociedade contemporânea, tanto rebaixa o espírito da nossa nacionalidade.

É realmente edificante, no meio das ambições que na hora presente se disputam entre nós a posse das melhores posições, para a ostentação de insperadas opulências, o por o exemplo desse grande cidadão, que não é mera figura — encaneceu no serviço da Pátria e da Humanidade e, tendo entrado para a vida pública com fortuna, dela se retirou pobre, depois de haver exercido, gratuitamente por um largo período, o cargo de vereador, que não era então remunerado, em de ter tido em suas mãos, como seu presidente, as chaves da Municipalidade, de que não se utilizou, senão para assegurar-lhe as condições de prosperidade, de que rezam as tradições desse tempo [...]

Assim, de fato, viveu esse grande homem, misto de interesse, de abnegação, de fé e de grande moral, e que, de sessenta e oito anos, voltados à atividade constante do trabalho, extremo de

ambições vulgares, sai da vida, deste charco, que o não conspurcou, cercado de uma aureola de virtude e através de uma glorificadora apoteose de bênçãos e lágrimas [...]

A sociedade brasileira, particularmente a sociedade fluminense, contraiu com o venerando morto uma dívida que, revertendo em benefícios de sua família, honrará a memória daquele que tantos serviços lhe prestou. Resta que a pague, provando assim que a ingratidão não é a única moeda com que o povo costuma retribuir os sacerdócios dos que serviram à Pátria e à Humanidade [...]” (*O Paiz*, 12 de abril de 1900.)

“Faleceu ontem, às 11 horas da manhã o Dr. Adolpho Bezerra de Menezes. O finado foi chefe político do antigo partido liberal, no régimen monárquico, na freguesia de S. Cristóvão, onde gozava de real influência; ocupou os cargos de eleitor especial e vereador, foi por muitos anos presidente da câmara municipal, e diversas vezes foi eleito deputado geral, pelo 3º distrito do Município Neutro. Possuidor de grande fortuna, a política e a prática da caridade empobreceram-no. A sua morte deixa um grande vácuo no coração daqueles que tiveram ocasião de admirar de perto quanto valia aquela alma privilegiada.

Médico, e médico hábil, a sua vida foi, nos últimos tempos um contínuo labutar em benefício da pobreza; jamais recusou os seus serviços àqueles que a ele recorriam. Dos pobres nada aceitava; dos ricos recebia o que queriam dar-lhe. Por isso morreu paupérrimo.

Para se poder avaliar bem a grandeza d’alma do Dr. Bezerra, basta expor o seguinte fato, de que temos conhecimento, entre muitos outros fatos. Era o Dr. Bezerra presidente de uma companhia, com escritório à rua Sete de Setembro, quando lhe apareceu um conhecido seu comunicando-lhe o falecimento de um filhinho e dizendo-lhe, com lágrimas nos olhos, que, achando-se desempregado, não tinha recursos para fazer o enterro. O Dr. Bezerra

chamou-o a um canto e meteu-lhe na algibeira todo o dinheiro que possuía. No momento em que se propunha a retirar-se para a casa (morava então na Tijuca) reconheceu que, tendo dado tudo, nada lhe restava para a passagem do bonde, e pediu a um amigo trezentos réis emprestados! As bênçãos da pobreza, que ele socorria o acompanharão para a morada celeste.” (*Jornal do Brasil*, 12 de abril de 1900.)

“Depois de longos e cruéis padecimentos, faleceu hoje o Sr. Adolpho Bezerra de Menezes, antigo e estimado clínico desta Capital. Exerceu entre nós o Dr. Bezerra de Menezes vários cargos de eleição popular, sendo considerado por muito tempo um dos mais prestigiosos chefes do Partido Liberal do antigo Município Neutro, durante a monarquia.

Por vezes, escolhido pelo corpo eleitoral da Cidade do Rio de Janeiro seu representante na câmara municipal do Rio de Janeiro, por força da lei que outrora vigorava, foi o seu presidente, e nesse caráter exercia grande influência sendo muito respeitado e considerado pelos chefes de sua parcialidade política, e gozando também de prestígio verdadeiramente popular [...]

Tendo exercido grande influência como político e homem de ação, como médico que dispunha de clínica extensíssima, há muito tempo que desaparecera da vida pública. Estava retirado, mas não esquecido. Não esqueceram seus companheiros de lutas que nele tiveram um bom e leal camarada, nem podiam olvidá-lo todos quantos receberam os muitos benefícios de que era pródigo seu excelente, bondoso e meigo coração.” (*Cidade do Rio*, 11 de abril de 1900.)

“Faleceu ontem, nesta capital, o Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, influencia política do Partido Liberal do antigo regime.

Nascido no Estado do Ceará, fixou residência aqui logo depois de formado na Faculdade de Medicina, sendo por vezes eleito Vereador e Presidente da Câmara Municipal. Na Câmara dos

Deputados foi representante do Município Neutro e de sua província natal, em várias legislaturas. Inteligente, ativo e dedicado ao seu partido o Dr. Bezerra de Menezes, gozou de grande popularidade e prestígio, chegando a ser elevado a chefe incontestado do Partido Liberal nesta Capital, depois da morte do Dr. Dias da Cruz.

Há muito tempo que abandonando a política entregou-se ao exercício de sua profissão de médico, onde também se distinguiu pelo seu desinteresse e atos de caridade. Muitos foram os amigos que teve quando no vigor de todo o seu prestígio, do seu talento e de toda a sua popularidade. Morreu, entretanto, muito pobre após longa enfermidade e apenas rodeado do grupo de amigos que nunca o abandonou.” (*Jornal do Comércio*, 12 de abril de 1900.)

“Faleceu ontem às 11h30min o Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, conhecido médico, residente nesta Capital, onde gozava de geral estima. Era natural do Ceará, tendo, durante o império, representado por diversas vezes o Município Neutro na Câmara dos Deputados. Ocupou também, o lugar de presidente da antiga Câmara Municipal. À família enlutada apresentamos as nossas condolências.” (*A Imprensa*, 12 de abril de 1900.)



Biblioteca Espírita em 1900

(SOMENTE LIVROS EM PORTUGUÊS)

No final do século XIX já era possível encontrar os seguintes livros espíritas em português no Rio de Janeiro:

Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno, A Gênese, A Prece Segundo o Espiritismo, Obras Póstumas, O que é o Espiritismo e Noções Elementares do Espiritismo.*

Antônio Luís Saião: *Estudo dos Evangelhos em Espírito e Verdade, Trabalhos Espíritas.*

Camille Flammarion: *Deus na Natureza, Pluralidade dos Mundos Habitados, Os Mundos Imaginários e os Mundos Reais, Lumen, Urânia.*

D. Jose Amigo y Pellicer: *Roma e o Evangelho.*

Elias Sauvage: *Miretta.*

Ewerton Quadros: *História dos Povos da Antigüidade sob o Ponto de Vista Espírita, Os Astros — Estudos da Criação, As Manifestações do Sentimento Religioso através dos Tempos.*

Francisco Leite Bittencourt Sampaio: *A Divina Epopéia.*

Francisco Prio: *O Papa Leão XIII e o Breve Dolemus inter Alla.*

Frederico Jofrei: *O Espiritismo em Síntese, Biografia de Santo Antônio de Pádua.*

Gabriel Delanne: *O Espiritismo ante a Ciência, A Evolução Anímica.*

H. J. de Turck: *Ensaio de Catecismo Espírita.*

H. F. de Almeida: *Sem Caridade não há Salvação .*

J. B. Borreau: *Como e Por que me Tornei Espírita.*

J. B. Roustaing: *Os Quatro Evangelhos.*

José Balsamo: *O Homem através dos Mundos, Espiritismo e Positivismo.*

Júlio Cesar Leal: *A Casa de Deus.*

Léon Denis: *Depois da Morte, O Porquê da Vida, Giovana .*

Manoel L. de Carvalho Ramos: *Os Gênios.*

Max (Bezerra de Menezes): *Estudos Filosóficos.*

Valentin Tournier: *O Espiritismo ante a Razão.*

William Crookes: *Fatos Espíritas Observados por Crookes e outros Sábios.*



Grupos Espíritas na Cidade do Rio de Janeiro em 1900

(DADOS RETIRADOS DO REFORMADOR
DE 1 DE SETEMBRO DE 1900.)

- ✓ Grupo Espírita Luz e Fé
- ✓ Grupo Espírita Fé e Caridade
- ✓ Grupo Espírita Regeneração e Amor
- ✓ Grupo Espírita Amor e Caridade
- ✓ Grupo Espírita Caridade nas Trevas
- ✓ Grupo Espírita Discípulos de Antônio de Pádua
- ✓ Grupo Espírita S^{ma} Rita de Cássia
- ✓ Grupo de Estudos Espiríticos
- ✓ Grupo Seis de Março

- ✓ Grupo Espírita S^{ta} Cecília
- ✓ Grupo Espírita Beneficente Antônio de Pádua
- ✓ Grupo Espírita dos Humildes
- ✓ Grupo Espírita F. S. Agostinho



Jornais e Revistas Espíritas no Rio de Janeiro do Século XIX

- ☞ *Revista Espírita* — 1875
- ☞ *Revista da Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade* — 1881
- ☞ *Espiritismo* — Órgão Dedicado à Verdade — 1881
- ☞ *Renovador* — 1882
- ☞ *Reformador* — 1883
- ☞ *A Nova Era* — 1890
- ☞ *O Regenerador* — Órgão do Grupo Caridade nas Trevas — 1890
- ☞ *Religião Espírita* — 1898

Referências Bibliográficas

LIVROS NÃO-ESPÍRITAS:

Homeopatia:

- 1) *Conhecer a Homeopatia — A Medicina da Nova Era*; Dr. Nelson Brunton.
- 2) *Guia da Medicina Homeopática*; Nilo Cairo.
- 3) *A História da Homeopatia no Brasil*; Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB).
- 4) *Homeopatia — Doutrina e Prática*; Edson V. Credidio.
- 5) *Manual de Homeopatia e Medicina Natural*; Dr. Chandra H. Sharma.
- 6) *O Tempo e a Ordem: sobre a Homeopatia*; Ricardo Lafetá Moraes.

José Bonifácio de Andrada e Silva:

- 1) *José Bonifácio Cientista*; Espaço BNDES.
- 2) *Projetos para o Brasil — José Bonifácio de Andrada e Silva*. Organização: Miriam Dolhnikoff.

3) *Representação à Assembléia Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a Escravatura*; José Bonifácio de Andrada e Silva.

Alexandre José de Mello Moraes:

1) *O Historiador Mello Moraes*; Moacir Medeiros de Castro.

Diversos:

1) *Dicionário de Curiosidades do Rio de Janeiro*; Alexandre Campos da Costa e Silva.

2) *História das Ruas do Rio de Janeiro*; Brasil Gerson.

Livros Espíritas:

1) *Allan Kardec*; Zêus Wantuil e Francisco Thiesen (FEB).

2) *Bezerra de Menezes — Subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895*; Dr. Silvino de Canuto Abreu (FEESP).

3) *Brasil, Coração do Mundo Pátria do Evangelho*; Francisco Cândido Xavier. Espírito Emmanuel (FEB).

4) *Espiritismo Básico*; Pedro Franco Barbosa (FEB).

5) *Grandes Espíritas do Brasil*; Zêus Wantuil (FEB).

6) *Hahnemann, O Apóstolo da Medicina Espiritual*; Hermínio C. Miranda. (FEB).

7) *Homeopatia e Espiritismo*; Lauro S. Thiago (FEB).

8) *Os Intelectuais e o Espiritismo*; Ubiratan Machado (Publicações Lachâtre).

9) *Revista Espírita*, 1864 Allan Kardec (ED. IDE).

Jornais e Revistas:

1) *Americano*

2) *Cidade do Rio*

3) *Correio Mercantil*

4) *O Corsário*

5) *Diário de Notícias*

6) *Diário do Rio de Janeiro*

7) *O Espiritismo*

8) *O Futuro*

9) *Gazeta de Notícias*

10) *O Globo*

11) *A Imprensa*

12) *Jornal do Brasil*

13) *Jornal do Commercio*

14) *O Mosquito*

15) *A Nova Era*

16) *O Novo Mundo*

17) *O Paiz*

18) *A Reforma*

19) *Reformador*

20) *O Regenerador*

21) *Religião Espírita*

22) *Renovador*

23) *Revista da Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade*

24) *Revista Espírita*

25) *Revista Illustrada*

26) *A Semana*



Produção Gráfica:
CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS
Diretoria de Divulgação da Doutrina Espírita




Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290
Telefax (21) 2452-1846 Fax (21) 2450-4544
Site: <http://www.celd.org.br>
E-mail: editora@celd.org.br


Há anos prepara um livro sobre a vida do médium Ignácio Bittencourt, parte desse material estando disponível na *internet*.

Quem tiver material sobre a memória do Espiritismo na Cidade do Rio de Janeiro, bem como dados sobre Ignácio Bittencourt poderá entrar em contato com o autor pelo correio eletrônico joaomarcos2005@ig.com.br.





No interesse de resgatar a memória do Espiritismo no Brasil, o autor fez um verdadeiro trabalho de pesquisador histórico, conseguindo assim trazer para nós fatos importantes, desde o início do Espiritismo em nosso país, até os dias atuais.



ISBN 85-7297-315-X



9 788572 973151

www.celd.org.br